



# PUC RIO

NYMPHA AMARAL

ENTRE SUJEITO E OBJETO:  
DE COMO A ENTRADA NA CONDIÇÃO DE MÃE  
AFETA O SUJEITO-MULHER

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

RIO DE JANEIRO, JULHO DE 1996

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea

CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil

N.Cham. 150 A485e TESE UC

Título: Entre sujeito e objeto



Ex.2 PUCB

0098036

NYMPHA AMARAL

ENTRE SUJEITO E OBJETO:  
DE COMO A ENTRADA NA CONDIÇÃO DE MÃE  
AFETA O SUJEITO-MULHER

Dissertação apresentada  
ao Departamento de  
Psicologia da PUC / Rio  
como parte dos requisitos  
para obtenção do título de  
Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Cláudia Amorim Garcia.

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, julho de 1996.

AC: 673 75

DC-00068918-3



93036

150  
A485 r  
TESE UC

PARA  
ISABELLA,  
MEU AMOR...

## AGRADECIMENTOS

Ao Luciano, inaugurador de novos e preciosos rumos, na psicanálise e na vida.

Aos meus pais, pelos ensinamentos da presença e das ausências, o meu amor.

A Cláudia Garcia, orientadora de raro empenho, seriedade admirável, e, principalmente, portadora de uma preciosa capacidade de ser respeitosa com os orientandos, o meu afeto.

Aos amigos Kátia, Alexandre, Nathália, Maria Silvia e Denize, pela riqueza das discussões e pelo imenso valor da convivência.

A Amélia Sant'ana, pelo leme e gume certos na condução da análise.

A meus analisantes, principalmente àquela que lançou o impasse que resultou nesta dissertação.

A Carlos Augusto Nicéas, pelas observações fundamentais e pelo carinho das sugestões bibliográficas.

À turma de Mestrado de 1993, oportunidade de um intercâmbio afetoso e de singular riqueza intelectual.

Ao Jaime, pela cooperação e confiança empenhadas para que eu entrasse no Mestrado.

A Marize e a Verinha, por tudo!

A Circe, que abriu um mundo novo de conhecimentos e foi embora cedo demais...

Aos professores da pós-graduação do Departamento de Psicologia, pelos ensinamentos e pela convivência sempre amistosa.

Aos meus alunos, que me obrigaram a aprender tanto...

Ao CNPq, pelo financiamento deste trabalho.

## RESUMO

A prática clínica da psicanálise aponta para a evidência de que a entrada na condição de mãe marca um momento singular, do ponto de vista subjetivo, na vida das mulheres, marcado pela presença de fantasias produtoras de horror e do afeto de angústia. Nosso propósito nesta dissertação é o de discutir a especificidade fantasmática das mulheres, utilizando o advento da maternidade como um operador privilegiado desta investigação. Este campo de produção dos saberes, que só pode ser pensado a partir de suas particularidades metodológicas, desde Freud apresenta o feminino como um ponto de impasse teórico-clínico.

Acompanhamos o percurso de Freud nas décadas de 20 e 30, quando ele concedeu à maternidade a condição de "via feminina normal final". Também nos remetemos a seus contemporâneos Helen Deutsch e Ernest Jones, que tentaram dar uma essência ao feminino tendo como objetivo encontrar uma saída para as questões apontadas por Freud. Acompanhamos, a seguir, Joan Rivière em sua construção da idéia de feminilidade como uma máscara e os avanços de Jaques Lacan, principalmente na década de 70, quando postulou o feminino como estando mais-além do falo.

Tal panorama foi apresentado para contextualizar o referencial a que nos reportamos para pensar os adventos clínicos do horror e da angústia na experiência da maternidade como sendo da ordem da ameaça do incesto para a mulher. Ela que, enquanto tal, é não-toda submetida à castração, tem, por este motivo, facilitada a possibilidade de, tomando o filho recém chegado em duas vias - a de um objeto do qual poderia gozar perversamente e a de um Outro que viria demandar-lhe ocupar ela mesma a inabitável condição de objeto - ver-se ameaçada, em sua fantasia, da realização do incesto, o que remete, respectivamente, à emergência do sentimento de horror e do afeto de angústia.)

Apresentamos, por fim, a idéia de que é preciso, para o ultrapassamento destas condições, que o filho seja decorrente do laço com um homem tomado num sentido metafórico e não apenas metonímico do pai, o que permite que ao filho seja endereçado um amor possível.

## RESUMÉ

La pratique de la clinique psychanalytique pointe l'évidence de ce que l'entrée dans la condition de mère constitue un moment singulier, du point de vue subjectif, dans la vie des femmes, marqué par la présence de phantasmes produisant l'horreur et l'affect d'angoisse. Notre propos, en ce travail c'est de discuter la spécificité du phantasme des femmes, ce qu'on fera en s'utilisant de l'avènement de la maternité en tant qu'opérateur privilégié de cette recherche. Ce champ de production de savoir, qui ne peut être pensé qu'à partir de ses particularités méthodologiques, présente, depuis Freud, la féminité en tant qu'un point d'impasse théorique et clinique.

Nous accompagnâmes le parcours de Freud pendant les années 1920 et 1930, quand il concéda à la maternité la condition de "voie féminine normale finale". Nous nous reportâmes à ses contemporains Helen Deutsch et Ernest Jones, qui essayèrent d'accorder une essence à la féminité ayant pour but de trouver une issue aux questions pointées par Freud. Nous accompagnâmes ensuite Joan Rivière dans sa construction de l'idée de la féminité en tant qu'une masque et les apports de Jacques Lacan, surtout aux années 70, quand il postula le féminin comme placé au-délà du phallus.

Un tel panorama fut présenté pour contextualiser les références auxquelles nous nous reportâmes pour penser les avènements cliniques de l'horreur et de l'angoisse dans l'expérience de ma maternité comme étant de l'ordre de la menace de l'inceste pour la femme. Puisque la femme, en tant que telle, est partout soumise à la castration, à elle est facilitée la possibilité de, en prenant le fils nouveau-né par deux voies - celle d'un objet dont elle pourrait jouir d'une jouissance perverse et celle d'un Autre qui viendrait lui demander d'occuper, elle-même, l'inhabitable condition d'objet - se trouver sous la menace phantasmatique de l'accomplissement de l'inceste, ce qui renvoie, respectivement, à l'émergence du sentiment de l'horreur et de l'affect de l'angoisse.

Nous présentâmes, pour finir, l'idée de que, pour le dépassement de ces conditions, il faut que le fils ressortit d'un lien avec un homme pris dans un sens métaphorique et pas seulement métonimique par rapport au père, ce qui permet que au fils soit adressé un amour possible.

## SUMÁRIO

Introdução.....	1
Capítulo 1 O Passo freudiano.....	10
Capítulo 2 A Sexualidade feminina e o impasse : A maternidade é fálica por excelência	
2.1 A especificidade do Édipo feminino em Freud.....	27
2.2 O grande debate (décadas de 20/30).....	43
Capítulo 3 Da mascarada ao gozo suplementar	
3.1 - A feminilidade é uma máscara.....	61
3.2 - O passo lacaniano.....	74
Capítulo 4 Pode a mulher ser mãe? ou O horror e a angústia no advento da maternidade	
4.1 - A maternidade como questão para as mulheres.....	91
4.2 - A fantasia infanticida na maternidade.....	97
4.3 - Entre sujeito e objeto.....	106
Conclusão : O possível amor.....	114
Bibliografia.....	120

## INTRODUÇÃO

"O fantasma se define como uma estrutura de desejo. Deste ponto de vista, o fantasma que nos propomos a explorar - *Eu matei meu filho, aquele mesmo ao qual acabei de dar a vida* - não seria senão o clássico reflexo do voto inconsciente infanticida que todo genitor traz em si. Mas é preciso ir mais longe."

Michelle Benhaim - *La Folie des Mères*

É Freud quem afirma que cada caso clínico deve ser tomado como se fosse o primeiro. Disto podemos depreender que, seguindo a trilha do inaugurador deste novo campo dos saberes chamado psicanálise, a cada analista deverá estar sempre aberta tanto a possibilidade de ser surpreendido no exercício de seu ofício quanto a exigência de, uma vez surpreendido, tirar as necessárias conseqüências decorrentes deste espanto. Caso contrário estaremos, segundo as palavras irônicas de Alain Didier-Weill, às quais nos associamos, percorrendo outro caminho, outra vereda, tão distante quanto distinta da psicanálise.

"Ora, o que é que distingue um sujeito suspeito de um sujeito suposto, senão o fato de que, se vocês suspeitam de um sujeito, é porque nada que venha dele pode surpreendê-los? Reparem, aliás, que tal posição tem suas vantagens para vocês pois, para chegar a não ficar nunca

espantados, jamais surpreendidos, será preciso que tenham a cada instante uma resposta para tudo e que desenvolvam uma inteligência extrema."<sup>1</sup>

Tal inteligência contraria frontalmente a fórmula lacaniana do discurso do analista<sup>2</sup>, discurso no qual o saber pode apenas e tão somente ocupar um lugar análogo ao do recalcado para o sujeito.

Esta dissertação de mestrado reivindica a condição de uma produção pertinente ao campo da psicanálise. A analista, diante do espanto e do impasse surgidos de sua prática clínica, felizmente desamparada de uma *inteligência extrema* e colocada no lugar transferencial ao qual se oferecera, teve a possibilidade de espantar-se diante da afirmação de uma analisante sua, de que ela (analista) sempre soubera que teria existido o perigo da paciente aniquilar seu bebê, seu primeiro filho, e teria se eximido de adverti-la quanto a este risco. Da perplexidade decorrente desta cena, restou à analista a questão que a moveu a debruçar-se sobre aquele saber que lhe era suposto e tentar produzir algo que respondesse à provocação assim enunciada: *Qual é o efeito que a maternidade provoca no sujeito - mulher?*

A ação humana, aqui destacado o advento da maternidade, não pode ser pensada em termos de resposta instintiva numa perspectiva psicanalítica. Esta seria aquela compreendida pela possibilidade e pelo efetivo preenchimento por um objeto específico, natural e adequado à manifestação de uma falta em um ser vivo, no registro da necessidade. Ora,

<sup>1</sup>Didier-Weill, A. (1991) *Inconsciente Freudiano e a Transmissão da Psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, p.28.

<sup>2</sup>Lacan, J. (1972) *O Seminário . Livro XX (Mais, ainda)* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992, p.27.

o humano é, dentre os seres vivos, o único a estar imerso na linguagem, que precede a cada sujeito tomado na sua particularidade e ao conjunto dos sujeitos em geral. O fato de poder falar de seu corpo, de ser falado por seus semelhantes e de ser ultrapassado por sua própria fala, que por vezes desmente seus propósitos conscientes e o surpreende, desloca os sujeitos da possibilidade de habitar o registro da mera necessidade e do conseqüente preenchimento biunívoco da falta por um objeto adequado. Neste sentido, o ingresso na condição de mãe recorta para o sujeito-mulher um momento singular e irreversível, não determinado pelo aspecto biológico, resultante, pois, de outras implicações.

Na psicanálise, que trabalha com a categoria de sujeito, a mãe é geralmente tomada como função, um dos nomes do Outro, introdutor do sujeito no campo da linguagem. A partir de uma ênfase estrutural da abordagem teórica psicanalítica, que caracteriza a leitura lacaniana, os ditos 'fenômenos biográficos' se tornaram moeda de valor menor para a investigação. Raras são as menções aos efeitos do advento da maternidade, evento tão singular quanto freqüente na vida das mulheres. No entanto, o que na clínica o analista tem diante de si é o vivido pelo analisante, considerada aí a dimensão fantasmática deste vivido. O tratamento que aqui pretendemos dar ao *fenômeno* é exatamente o de reconhecimento deste vivido, orientado por uma concepção de que este só pode fazer sentido se locado numa *estrutura*; e também que não se depreende a concepção de estrutura se não pudermos referi-la aos eventos clínicos.

Há vastas referências à mãe na psicanálise. Em qualquer aporte teórico, da mãe, enquanto função, é destacada e ênfatizada sua relevância na constituição do sujeito (filho). A mãe aí visada, contudo, é justamente uma função para o sujeito a se constituir, o filho, em relação ao qual a mãe

representa o Outro da linguagem. A nós interessa dar um giro nessa perspectiva e dirigirmos o olhar para a mulher enquanto exercendo a maternidade, na medida em que esta convocação a ocupar um lugar fálico se encarna num sujeito que é anatomicamente uma mulher. Na especificidade de ser mulher, é aí que se colocam as questões fundamentais pelas quais ela é atravessada, já que dentre as suas possibilidades de identificação, ela não contará com aquela decorrente da presença do significante que viria representá-la enquanto o Outro sexo.

Partiremos da consideração de que a maternidade exige um trabalho que se realiza na dimensão fantasmática. As duas vertentes assinaladas como possibilidade de investigação dizem respeito :

a) À dimensão de evento edípico que o nascimento do primeiro filho contém segundo a teoria de Freud. Pretendemos nos debruçar primeiramente sobre a tão freqüente *atitude feminina normal final* do Complexo de Édipo e verificar, a partir de questões originárias da clínica, qual o mapeamento fantasmático deste acontecimento, utilizando-nos também, para isto, em um segundo momento, da compreensão de *feminino* presente no texto lacaniano, principalmente, e nas contribuições de seus seguidores;

b) À constatação clínica, nos ditos das mulheres, em relação ao nascimento do primeiro filho, da emergência de duas condições, que desdobraremos a seguir:

- um afeto de angústia ante a situação de maternidade, na medida em que esta é relatada como sendo uma condição de irreversibilidade, sendo esta condição a fonte geradora do sofrimento e

- um sentimento de horror advindo da percepção súbita da fantasia, (vivida como possibilidade) de aniquilar o bebê, cujo corpo frágil se oferece na

condição de objeto, evocando a própria situação de um gozo a que o sujeito, numa anterioridade lógica à sua constituição, esteve submetido.

Isolemos a questão da sensação de mudança irreversível resultante da maternidade e o *afeto de angústia* decorrente desta. A maternidade está associada, a nível imaginário, a uma possibilidade de identificação com a própria mãe que se nodula simbolicamente à questão do ter (ou ser) o falo, à fantasia do filho de um homem como metonímia do filho do pai, o que por si só já porta a dimensão do fracasso relativo dessa suplência, visto que o incesto é impossível para o sujeito. Quando, *metonimicamente*, a mulher desliza do desejo de um filho do pai para o filho de um homem, é legítimo supor que conserve a *esperança* de que este venha finalmente preencher a lacuna que ela reconhece existir. A emergência do afeto de angústia demonstra, entretanto, que este propósito de obtenção do falo não é realizável. Pretendemos explorar o modo pelo qual a mulher, que porta a condição de ser não-toda fálica, suporta a dimensão materna, esta fálica.

Pensemos agora de que modo o *sentimento de horror* pode fazer-se presente na situação de ingresso na condição de mãe. Vamos pensar o filho como um dos nomes do objeto para a mulher - objeto como enunciado por Freud, aquele em que pode ser encarnado o desejo, e objeto conforme teorizado por Lacan : objeto  $a$ , causa de desejo, dejetivo resultante do recobrimento impossível do sujeito pelo significante. Julgo podermos pensar o momento pontual do horror, da fantasia da possibilidade de aniquilamento do bebê, como um instante de emergência da fantasia perversa em uma estruturação neurótica. Ou seja, o corpo do filho seria aquilo que denunciaria a sempre encoberta existência da falta, apresentando-se como um objeto que ameaça vir suturá-la, para horror do sujeito. A presença do filho é, pontualmente, a testemunha, no

estancamento da série metonímica, do desencaixe, da impossibilidade de superpor o feminino que insiste por uma impossível inscrição no simbólico, e o 'materno', suposto fálico. Podemos pensar que é na medida em que, através do bebê, por um instante aparece desmascarada a impossibilidade, longamente preservada na fantasia da mulher, de ter o falo desde sempre ambicionado, que então se evidencia, a partir desta queda do investimento libidinal no filho enquanto falo, a dimensão carnal, deserotizada, real do corpo do bebê, enquanto tal destrutível, aniquilável. Esta dimensão carrega o impulso sádico presente na possibilidade de levar o outro à condição de objeto. O horror desta constatação adviria justamente da evocação da condição de objeto que o sujeito porta e que está expressa na fórmula da fantasia ( \$ ♦ a ). O sentimento de horror concerne ao registro imaginário, tanto no que se refere à castração<sup>3</sup> quanto, segundo Lacan, ao momento da estruturação especular do sujeito. Ao privilegiar a dimensão imaginária, o sujeito aprisiona-se nas malhas do "eu ou tu", expressão mortífera que não encontra saída senão através da referência simbólica. É no endereçamento do filho a uma instância lastreada no simbólico que residirá a chance de ultrapassamento desta situação. Será apenas através do endereçamento do bebê para o Outro que poderemos pensar a saída desta condição alternativa do horror.

[ Pensamos poder avançar uma argumentação que permita considerar os eventos que afetam o sujeito-mulher resultantes do ingresso na condição de mãe como verdadeiros operadores tardios que, em circunstâncias específicas, poderão informar a direção e a efetividade da ocorrência de um deslocamento subjetivo, ou seja, que o advento da maternidade convoca a uma revisitação da cena edípica, revisitação esta que ultrapassa, em termos

---

<sup>3</sup>Freud, S.(1922).

de efeito, os eventos edípicos infantis. Para tal, será indispensável investigar em Lacan as modificações teóricas introduzidas no que concerne ao tema Complexo de Édipo, em especial no que tais mudanças importaram para pensar o feminino.

Para executar esta tarefa, dividiremos nossa dissertação em quatro capítulos, desenvolvidos conforme a direção que expomos a seguir.

O primeiro capítulo será dedicado a uma discussão metodológica preliminar à abordagem mesma de nosso tema. Pensamos ser indispensável demarcar o campo e os procedimentos através dos quais julgamos poder produzir um trabalho psicanalítico no espaço acadêmico, respeitadas as especificidades metodológicas da psicanálise e o rigor necessário para tal empreitada.

No segundo capítulo conduziremos nossa discussão dando relevo à questão do feminino referido ao primado do falo enquanto que marcado fundamentalmente pela inveja do pênis. Pretendemos levar o leitor a acompanhar-nos no percurso que fizemos, através do texto freudiano, além das preciosas colaborações encontradas em autores de uma psicanálise ainda jovem, nas décadas de 20/30 e que serviram de balizadores na busca de resposta às inquietações advindas da clínica. Herdeiros que somos da questão legada por Freud acerca do destino do Édipo feminino, privilegiando a "via feminina normal final", discutiremos a perspectiva na qual são feitas menções à resposta feminina à castração alinhadas nesta via da inveja do pênis. Nesta, a chegada do filho é vista como um advento que pertence à linhagem metonímica dos objetos imaginários que tentam ocupar o impossível lugar do objeto perdido. Será tema deste capítulo também a discussão de uma solução fálica para a feminilidade, o paradoxo que

comporta e os limites aos quais chegou: o *rochedo* de Freud em "Análise Terminável e Interminável".<sup>4</sup>

No terceiro capítulo será feito um acompanhamento dos desdobramentos de Jacques Lacan e sua mudança de perspectiva quanto à questão do feminino compreendido aí como suplementar ao fálico, pela via do gozo. Será trazida, logo a princípio, a colaboração de 1929, de Joan Rivière, que foi condição de possibilidade para esta nova compreensão do feminino. Alguns autores lacanianos serão também utilizados enquanto contribuição e desdobramento para a exploração do tema. Através dos avanços da teoria de Lacan, pretendemos extrair de sua contribuição original elementos para pensar o feminino, naquilo que, a partir da referência freudiana, pode ser utilizado para considerar a maternidade e seu efeito sobre a subjetividade feminina.

No quarto capítulo abordaremos o aspecto que, tendo emergido de nossa prática clínica, moveu-nos a buscar as respostas que nos faltaram então, qual seja, trabalhar a especificidade do afeto de angústia e do sentimento de horror resultantes do passo subjetivo e da consequência fantasmática que a condição de mãe traz para a mulher. Iniciaremos este capítulo debatendo com o texto de Michèle Benhaim, autora que produziu trabalho acerca do mesmo tema em 1992. A questão do horror e da angústia emergentes diante da chegada do primeiro filho será trazida como o elemento nodulador de nossa investigação teórico-clínica. (Pensamos levantar algumas questões acerca da reatualização das fantasias infantis e do encontro traumático decorrentes da chegada do primeiro filho na vida da mulher.) Interessar-nos-á particularmente pensar os efeitos sobre o feminino, diante da dimensão fálica que a maternidade porta, dando destaque à

---

<sup>4</sup>Freud, S., (1937).

mudança de eixo que significou o avanço teórico de Lacan nessa área, e à saída que a maternidade e suas vicissitudes podem apontar para uma mulher.

Em nossa conclusão, trabalharemos os passos que levam ao ultrapassamento das condições de horror e angústia. Consideraremos a possibilidade de pensar, pela via da maternidade, via edípica privilegiada, segundo Freud, e que será por nós tomada como um operador, à luz da concepção lacaniana de *feminino*, eventuais saídas, resultantes do deslocamento subjetivo decorrente deste advento. Será em um remetimento ao Outro que a chegada do filho poderá ser pensada, fora da dimensão incestuosa, como inauguradora de um amor possível.

## CAPÍTULO 1

### O PASSO FREUDIANO

"Não há ciência do homem, coisa que deve-se entender no mesmo tom de que não há pequenas economias. Não há ciência do homem, porque o homem da ciência não existe, senão unicamente seu sujeito."

Lacan, J. in *Ciência e Verdade*

Não poderíamos arriscar-nos na empreitada a que nos propusemos quando pensamos em produzir esta dissertação sem antes estabelecermos o campo e os limites dentro dos quais nos propomos a trabalhar. O campo a que nos referimos é o da psicanálise, campo este que se destaca das outras formas de produção do saber por contar com uma ética, um objeto e uma metodologia próprios. Discutiremos aqui a especificidade da metodologia de pesquisa em psicanálise, dando relevo ao que de singular a investigação psicanalítica apresenta diante das outras formas de atuação clínica e/ou diante dos outros campos do saber .

Não há a possibilidade de ter acesso *ao* real a partir de qualquer teoria e isso evidentemente inclui o texto freudiano. Freud sempre pôde, no entanto, produzir a partir de um lugar *atravessado* pelo real, trazendo em sua prática a possibilidade de encarnar com fidelidade o método que inaugurara. Este consistia em sustentar a possibilidade de se dirigir à clínica estando simultaneamente informado por uma concepção teórica firmemente

norteadora de seu ato, mas também pelo caráter de eventual provisoriedade de que estas concepções estavam revestidas. Isto lhe permitiu olhar sempre com frescor as manifestações, *os fatos* que tinha diante de si. Freud manteve sempre viva a possibilidade de surpreender-se com sua clínica, ao mesmo tempo em que pôde suportar com rigor uma direção da qual não se desviou e que norteou seu percurso. Esta nova posição abrigou o que de mais revolucionário a psicanálise, enquanto construção de um saber, pode reivindicar a seu favor, afastando-a, no mesmo golpe, do que reconhecemos hegemonicamente como sendo o método científico de produção de conhecimento, do qual ela se originara.

Podemos pensar a ciência em geral, ainda em nossos dias, como sendo majoritariamente exercida sob a forma de um saber que busca ordenar o real a partir da construção de teorias acerca deste real e das quais decorre uma *aplicação técnica* que pretende verificar sua pertinência ou refutá-la a partir de uma verificação empírica. Desde Galileu e Newton, mas principalmente a partir do advento do positivismo, no século XIX, esta passou a ser a concepção regente na construção do saber científico, apesar do recente e revolucionário surgimento de novas perspectivas neste campo que levam em conta as instabilidades no real como exigência para a produção do conhecimento racional.

Esta posição mais recente, no entanto, é não somente vanguarda no cenário científico como também é ainda considerada subversiva no campo das ciências exatas. No frágil território epistemológico das ciências humanas, que, mais do que as ciências sociais, demonstram, a partir de sua prática, persistirem na busca de um reconhecimento aos moldes do atribuído às ciências da natureza, é vista com antipatia e, por vezes, repúdio, a tentativa de afastamento do assegurado modelo positivista de

concepção de ciência. Isabelle Stengers, que, ao lado de Prigogine, é um dos expoentes da tentativa de modificação desta mentalidade positivista, nos apresenta, com humor, o seguinte relato:

"Eu tenho uma lembrança incrível, de uma ocasião onde acompanhei físicos que visitavam economistas. Os físicos pertenciam ao grupo de Prigogine e trabalhavam com equações que colocavam problemas de instabilidades, que não tem apenas uma solução e que podem engendrar uma multiplicidade de tipos de evolução. (...) Estes físicos pensaram que os economistas deveriam estar interessados pelo estudo de tais relações não lineares. Mas eles ouviram a seguinte resposta: 'babacas, vocês acham que não conhecemos a instabilidade? Todo nosso trabalho consiste em racionalizar as equações de modo a evitar a instabilidade. Nós fazemos economia racional!' (...) Como podem ver, há um choque entre os dois tipos de postura, os físicos felizes porque poderão colocar novas questões; e os economistas, cujo trabalho é o de simplificar a gigantesca complicação de seu domínio, redefini-lo 'em nome da ciência', em nome da possibilidade de uma definição unívoca do problema."

A psicanálise apresentou, desde seu surgimento, uma outra perspectiva epistemológica de abordagem e concepção do psiquismo. Como

---

<sup>1</sup>Stengers, I. (1989) *Quem Tem Medo da Ciência? Ciências e Poderes*, Rio de Janeiro, Edições Siciliano, p.82/83

se encontrava, naquele momento, o cenário no mundo da produção dos saberes sobre o psiquismo humano? Havia, por um lado, o esforço daqueles que viriam a ser os primeiros psicólogos experimentais no sentido de descrever a mente humana normal, com suas capacidades perceptuais e demais faculdades mentais de um modo tal que fosse obtido o maior afastamento possível tanto da perspectiva da fisiologia quanto da filosofia, tentando respeitar os rígidos padrões de normatização da ciência. De outro lado, havia a produção de conhecimento da medicina, em sua trilha de especialização, do que decorreu o fortalecimento da psiquiatria. Esta, apesar de, ao contrário do que então ocorria com a psicologia, contar com uma clínica, tinha, em comum com esta nova ciência, a preocupação normativa e preditiva. Não nos esqueçamos de que foi exatamente na virada do século XIX para o século XX que a medicina obteve sua unificação paradigmática, passando sua prática a ser inequivocamente do domínio exclusivo da ciência, expulsando de seu seio, sob a pecha de curandeirismo, tudo o que escapasse aos procedimentos reconhecidos então como científicos. Podemos notar que esta posição fortalece-se cada vez mais no campo da medicina, na mesma medida em que é, dialeticamente, contestada.

Neste cenário, o passo freudiano, que da medicina retirou a prática clínica como campo em que sua inspiração pôde incidir, foi dado na direção de subverter a concepção de que a clínica seria o lugar de aplicação de teorias pré-estabelecidas. A teorização em psicanálise, que nunca pode alinhar-se a este procedimento, criou um novo campo entre os saberes já existentes. Ou, conforme as palavras do próprio Freud,

"(...) existe algo mais que eu realmente sei. Na psicanálise tem existido desde o início um laço inseparável entre cura e pesquisa. O conhecimento trouxe êxito terapêutico. Era impossível tratar um paciente sem aprender algo de novo; foi impossível conseguir nova percepção sem perceber seus resultados benéficos. Nosso método analítico é o único em que essa preciosa conjunção é assegurada."<sup>2</sup>

Diante desta exigência não seria possível pensar uma dimensão *técnica* em psicanálise. Basta nos reportarmos aos "Estudos sobre a Histeria"<sup>3</sup>, texto no qual vemos surgir os primeiros sinais do método psicanalítico, para vermos apontado o caminho da ruptura que a psicanálise representou em relação aos saberes já constituídos. Naquele texto Freud irá anunciar a resistência ao tratamento e o rudimento da noção de transferência. Seu modelo de então de aparelho psíquico e suas concepções genéticas acerca da neurose (teoria da sedução) serão essencial e fundamentalmente transformadas em função da prática clínica.

Percorrer a obra freudiana é, reiteradamente, encontrar a clínica psicanalítica operando reformulações teóricas que incidirão, em seu retorno, sobre a prática clínica, alterando-a. Se rastreamos o percurso de Freud, desde a análise de "Dora"<sup>4</sup> até "Análise Terminável e Interminável"<sup>5</sup> buscando acompanhar seus avanços teóricos no que concerne especialmente à histeria e ao feminino, poderemos testemunhar como as

<sup>2</sup>Freud, S. (1926)[1980] *A questão da Análise Leiga*, ESB, vol. XX, p. 291.

<sup>3</sup>Freud, S. (1895).

<sup>4</sup>idem, (1905).

<sup>5</sup>idem, (1937).

conseqüências de um fracasso clínico puderam levar à permanente reformulação da teoria. Verificamos que daí, para Freud, resultou o impasse. Ele caminhou da certeza presente em 1905 acerca da simetria do Édipo feminino e masculino - o que lhe fornecia uma segura concepção de feminilidade, ainda que às custas do abandono do tratamento por Dora - para um não-saber, conforme explicitado na amargura presente no texto de 1937, desconhecimento causador de questões para os pós-freudianos, que aí lançaram-se em busca de soluções para o impasse revelado pelo *rochedo* da castração. Não há, portanto, como apontar, entre clínica e teoria, a dimensão preponderante no percurso de Freud.

Desde os primeiros textos freudianos, percebemos a existência de uma perspectiva da qual o autor jamais se afastaria, ainda que e até por que, como acabamos de apontar, a psicanálise tenha precisado suportar inúmeras reformulações teóricas: a dimensão da importância da escuta para a prática analítica. Ouvir, para Freud, tornou-se um método, uma via privilegiada para o conhecimento do inconsciente, via à qual os pacientes lhe davam acesso. Isso se deu, no entanto, porque Freud sempre foi capaz de converter seus erros em fonte de discernimento. Esta postura é o principal pilar da metodologia psicanalítica: é da própria prática clínica que emerge a teoria, buscando tirar conseqüências dos eventos a que o real da clínica convoca. Esta prática clínica não poderá, no entanto, ser um exercício sem norte. Foi escorado na firme convicção de que o sintoma tinha um sentido que Freud chegou à descoberta do inconsciente, fato que a clínica nunca deixou de reiterar. Os pilares, os conceitos fundamentais que norteiam aquilo que se reconhece inequivocamente como sendo a psicanálise, são fruto da inegável genialidade freudiana mas só permaneceram em seu lugar de fundamento porque as evidências clínicas os ratificavam.

"A clínica, em psicanálise, não se constitui então como um lugar de aplicação de um saber teórico ou técnico. Ela é o lugar necessário de produção do saber, ainda que seu exercício seja, em todos os pontos, determinado pela construção de um dispositivo a partir da teoria. No entanto, o saber psicanalítico, se não prescinde da clínica que o produz, também não se constitui como efeito direto da clínica, produto imediato do discurso "interpessoal" e "interinconsciente". É em torno de determinados eixos teóricos que o próprio espaço da clínica psicanalítica se constrói, o que permite determinar o lugar do analista, conceituar o lugar do paciente, a transferência, a repetição, a interpretação, o sintoma, a fantasia e todas as categorias teórico-clínicas com as quais opera a psicanálise. Ou seja, o psicanalista, amparado pela teoria exerce a clínica, que é uma das dimensões da psicanálise (fonte da produção de saber) e o seu limite - aquilo que supera o saber já constituído, apontando sempre para o que ainda não se transformou em saber teórico" <sup>6</sup>

Apesar destas considerações, discutidas por epistemólogos, cientistas, psicanalistas e estudiosos interessados na especificidade da psicanálise, esta, por suas singulares condições, tem visto seu estatuto no campo dos saberes provocar polêmica. Lacan, por exemplo, dedicou seu Livro 11 do Seminário ao exercício de perguntar se a psicanálise é uma ciência.

---

<sup>6</sup>Elia, L. Para Além da Sexualidade : A Psicose na Psicanálise, Tese de Doutorado, PUC/Rio, 1992, p. 29/30.

"O que é uma práxis? Parece-me duvidoso que este termo possa ser considerado como impróprio no que concerne à psicanálise. É o termo mais amplo para designar uma ação realizada pelo homem, qualquer que ela seja, que o põe em condição de tratar com o real pelo simbólico (...) se estou aqui, diante de um auditório tão grande, num tal meio, e com tal assistência é para me perguntar se a psicanálise é uma ciência, e para examiná-la com vocês."<sup>7</sup>

Lacan afirma, a seguir, que o que especifica uma ciência é ter um objeto. E é a existência possível deste objeto e sua definição que nortearão o seminário, ao fim do qual ele colocará a psicanálise fora do campo da ciência, apesar desta ser uma de suas condições de possibilidade.

Isabelle Stengers<sup>8</sup> fornece argumentos que podem também enriquecer nossa fundamentação sobre a metodologia psicanalítica. Podemos extrair do texto da autora fundamentalmente duas perspectivas, uma por ela denominada freudiana e outra, lacaniana.

Freud é apontado como o inovador no campo dos saberes por buscar a fidedignidade de sua prática, prática esta dialeticamente constituinte e constitutiva da teorização, através da busca de testemunhos. É o próprio resultado da análise, a resolução das questões neuróticas trazidas pelo paciente, que irão remeter à construção do corpo teórico da psicanálise: o paciente é, ele mesmo, a testemunha viva que fornece a fidedignidade deste saber, indissolivelmente enlaçado à sua práxis. Melhor dizendo, é o próprio

<sup>7</sup>Lacan J. (1964) O Seminário. Livro XI. (*Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 14.

<sup>8</sup>Stengers, I. op. cit., 1989.

objeto de investigação e o que se opera, a partir da clínica, neste objeto que definirá a eficácia ou os desvios do método. É mesmo isto o que nos impulsionou e transformar em uma dissertação de mestrado as conseqüências que fomos obrigados a tirar de um fato clínico, que, tendo levado a um impasse, arremessou-nos, a seguir, neste passo. Isto nos indicou, com clareza, o quanto a dimensão metodológica era um fundamento, devendo ser explicitada e desdobrada na medida mesma de sua relevância.

Voltando à Stengers<sup>9</sup>, ela afirma que Freud teria se afastado da hipnose, na direção da associação livre, menos por pruridos éticos em relação ao poder de sugestão reservado ao médico neste exercício e mais por uma constatação da ineficácia da hipnose como operador possível ao avanço da psicanálise naquilo que sua clínica de investigação propriamente visava. O paciente hipnotizado equivale a um participante fora-de-jogo, não apenas no âmbito teórico-clínico da resistência, como também na dimensão epistemológica do testemunho. Assim, não sendo o objeto da psicanálise o *material* a ser trazido pelo indivíduo, conforme compreendido pelo senso comum, mas precisamente os pontos em que aparecem as falhas do discurso e os pontos de não sentido para o sujeito, a hipnose não poderia se prestar a franquear o acesso justamente àquilo que constitui o sintoma - ou seja, o conflito e a resistência - ela apenas os eliminava, podendo retirar a fidedignidade do testemunho do sujeito que a ela se submete.

Freud, em sua busca da testemunha fidedigna, foi empurrado a outras vias de investigação clínica e aí a associação livre mostrou ser o operador ideal desta perspectiva. A partir de então, ele pôde estabelecer uma vereda

---

<sup>9</sup>idem, *ibidem*.

metodológica da qual jamais se afastaria e que é descrita a seguir por Stengers:

"Na psicanálise, tal como Freud a inventa, a purificação e a elucidação, isto é, o trabalho de pesquisa e de cura são estritamente contemporâneos. (...) Em psicanálise freudiana, a neurose cujas causas devem ser elucidadas e que deve ser curada é, ela própria, um problema de verdade: o paciente recusa a verdade."<sup>10</sup>

Dizendo de outro modo, aquilo de que o neurótico padece é precisamente do esquecimento de uma verdade insuportável de ser mantida no terreno da consciência. Uma vez inaugurado pelo recalque originário o ponto em torno do qual se farão cernir todas as formas de impossível - impossível aí entendido tanto no sentido do que não pode atravessar a instância da censura quanto aquilo que o é pelo limite inerente à linguagem - o tratamento psicanalítico consistirá precisamente na busca da enunciação desta verdade *não-toda*. Nas ciências, o cientista é tido como testemunha dos fenômenos ocorridos aos objetos de investigação, objetos tomados em sua nudez, mesmo que se trate de um fenômeno presente em um ser humano. A uma perna fraturada ou a uma dislexia serão prescritos os tratamentos adequados a eliminar a falha presente, tratamentos estes dos quais o cientista é o mestre que dispõe da tecnologia necessária à resolução, sendo então juiz *externo* do evento. Diversamente, em psicanálise, onde se trata não de um objeto, no sentido dado a este termo na ciência, mas do sujeito que emerge nas hiências do discurso, a verdade é, ela mesma, o

---

<sup>10</sup>idem, *ibidem*, p.86.

ponto visado e o próprio motor e direção do tratamento. Ou, conforme as palavras de Stengers,

"No momento em que a psicanálise é criada, o discurso de Freud sobre as outras técnicas torna-se um discurso de ruptura. Pois as outras técnicas doravante, produzem artefatos, só a psicanálise tem por objeto a verdade."<sup>11</sup>

Esta é a singularidade e o diferencial primeiro desta práxis: fazer uso do que emerge como falha para, diante do desacordo entre o pretendido e o dito, fazer emergir a verdade inconsciente do sujeito. A esta singularidade metodológica inaugurada por Freud, veio acrescentar-se a criação lacaniana, o objeto a, a única que Lacan reconhece como inovação verdadeiramente introduzida por ele no *corpus* teórico da psicanálise e que significou um salto no que respeita à construção deste saber em sua diferença para com a ciência.

- {Qual é então o salto lacaniano? A visada da psicanálise deixa de acentuar a busca da testemunha fidedigna para se centrar em acentuar a produção da experiência subjetiva *sem objeto*, de uma experiência que revela e subverte a posição do sujeito que acreditava ter um objeto. }

- Não podemos ignorar que Freud pôde sempre, de um modo ou de outro, apontar a inexistência do objeto para o sujeito, objeto perdido-condição de possibilidade mesma da psicanálise -, seja, por exemplo, na descoberta do "umbigo" do sonho<sup>12</sup> ou na construção do segundo tempo da fantasia em "Uma criança é espancada"<sup>13</sup>, segundo tempo este que só pode

<sup>11</sup>idem, *ibidem*, p.87

<sup>12</sup>Freud S., (1900).

<sup>13</sup>idem, (1919).

ser deduzido em análise, jamais recordado, já que não é recalcado. Mas, mesmo que privilegiássemos um Freud *cientista*, e que nos permitíssemos cometer o equívoco de pensar que a psicanálise freudiana visava como objeto exclusivo o inconsciente recalcado, teríamos já, de todo modo, algo de absolutamente subversivo no mundo da ciência: utilizar em uma prática clínica o "equívoco", as falhas discursivas, os lapsos, o sonho, aquilo que conscientemente é reconhecido como não sendo o que o sujeito pretendia afirmar. Fazer destas "falhas" a presença mesma do sujeito foi, para a psicanálise, fazer virar ao avesso o que era concebido como o que deveria ser objeto de investigação. Não foi do estudo de um típico objeto da ciência, de modo algum, que se tratou na prática freudiana.

De todo modo, podemos tributar a Lacan a acentuação definitiva, com a criação do objeto *a*, objeto 'não-objeto', a mola de arremesso da psicanálise para o plano do *mais-além* do discurso da ciência. Afinal, é necessário um exercício impossível de imaginação para pensar a ciência, mesmo em suas modernas concepções revolucionárias, tendo como direção a descoberta da falta de objeto para o sujeito que se engaja em sua práxis.

Apesar do que acabamos de expor, desde que a psicanálise se constituiu como um saber organizado, podemos verificar o surgimento de produções puramente teóricas fundadas nos conceitos psicanalíticos, o que representa um desvio metodológico. A produção de um determinado conhecimento não implica apenas o conteúdo do campo estudado, mas exige que seja respeitado o procedimento singular que dá acesso a este campo. O exercício do ofício de psicanalista, seja na clínica, seja na teorização decorrente das conseqüências desta, exige que o analista dirija-se a cada analisante como se reinaugurasse a psicanálise, ou, conforme a recomendação de Freud, citando Claude Bernard, é necessário ao analista

*"travailler comme une bête"*<sup>14</sup>. [Todo psicanalista, para ser fiel à psicanálise, deve reproduzir a postura freudiana em relação ao modo de produção deste saber.] A infidelidade a este princípio resultou em significativos desvios, sempre instrutivos quando revisitados, na teoria psicanalítica. Estes desvios ocorreram profusamente quando a questão a ser abordada é o destino do Édipo feminino, o gozo feminino, as especificidades subjetivas que concernem à feminilidade. Tais circunstâncias não são, obviamente, fortuitas. Para além da aura de mistério que recobre, em diversos aspectos da cultura, a questão feminina e que poderia ser atribuída a determinantes sócio-históricos, no campo específico da psicanálise esta foi talvez a dimensão que mais embaraçou Freud, que mais remanejamentos exigiu dele: aquela que a mais extensas reformulações esteve exposta. Isto representou um flanco aberto, mais do que outros aspectos do saber psicanalítico, a desvios de rota. No entanto, se nos utilizarmos do filão metodológico como operador para separar a produção teórica decorrente da clínica da utilização dos significantes da psicanálise para a construção de uma teorização em moldes científicos, parecerá mais simples levar avante a empreitada.

A perspectiva metodológica dos autores, aspecto que, de saída, nos chama a atenção na leitura dos textos que exploramos, levou-nos a encontrar posturas opostas quanto a esta questão. Apresentemo-las. O exemplo mais candente que encontramos em nossa pesquisa bibliográfica acerca destes desvios metodológicos, que utilizamos aqui pela afinidade temática com nossa dissertação, está presente no texto de 1925 de Helen Deutsch "*La Psychologie de la femme en rapport avec ses fonctions de*

---

<sup>14</sup>Freud S., (1900)[1980], p.558.

*réproduction*<sup>15</sup>. Este texto, que será retomado em nosso segundo capítulo, nos servirá, por ora, brevemente, para demonstrar o quanto os desvios do método implicam necessariamente em um desnorreamento teórico-clínico, mesmo quando partem de uma autora que, em outras oportunidades, impressiona pela precisão com que tira conseqüências de sua profusa prática clínica. Este texto representa à perfeição aquilo que Lacan viria a nomear como sendo "a soma dos preconceitos do analista"<sup>16</sup>.

O trabalho consiste em uma detalhada exposição do que a autora elaborara acerca do Édipo feminino, tendo como principal construção teórica uma concepção bastante peculiar do orgasmo feminino, suposto estar vinculado à experiência do parto. A vinculação proposta pela autora é, toda ela, calcada em justificativas orgânicas, tais como, por exemplo, a da erotização provocada pelo fenômeno hormonal da menstruação, demonstrando ignorar o que Freud produzira acerca da erotização do corpo e da dimensão de representação que este adquire para o sujeito a partir do narcisismo<sup>17</sup>. Aliás, esta dimensão é não somente a mais visível e banal como também a mais eloqüente na clínica da histeria. Ao longo do texto vemos que é suposta pela autora uma curiosa concepção de subjetividade inconscientemente informada pela realidade do evento orgânico: é como se o aparato biológico portasse a verdade do psíquico desconhecida pelo sujeito. A autora supõe um nexos necessário, no inconsciente, entre ato sexual e reprodução, sendo que as vicissitudes biológicas da reprodução e da amamentação servem de baliza para o estabelecimento de padrões a partir dos quais se torna possível a experiência do orgasmo para a mulher.

<sup>15</sup>Deutsch, H. - (1925) *La psychologie de la femme en rapport avec ses fonctions de reproduction* in Hamon, M.C. *Féminité Mascarade*, Paris, Seuil, 1992.

<sup>16</sup>Lacan, J. (1953) O Seminário. Livro I. (*Os Artigos Técnicos de Freud*). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1983, p.33.

<sup>17</sup>Freud, S., (1915) [1980].

Este nexó é o eixo e o cerne de toda a construção teórica do texto. Deutsch apresenta-nos o trabalho como tendo sido resultante do atendimento de numerosos casos de frigidez e esterilidade, sem mostrar de que modo sua elaboração teórica acerca do orgasmo feminino a partir do modelo do parto foi amparada nos efeitos produzidos pela clínica de pacientes frígidas e estéreis.

Este tema, a associação da experiência do orgasmo e a vivência do parto, é retomado pela autora muitas outras vezes, sempre a partir da mesma premissa e resultando nas mesmas conclusões, apesar de alguns destes trabalhos terem entre si o espaço de quinze ou vinte anos. Marie-Christine Hamon, em seu trabalho de doutoramento<sup>18</sup>, especula acerca da importância que a frigidez e a maternidade alcançam na vida de Helen Deutsch, a partir de informações obtidas de contemporâneos seus. A hipótese que nos ocorre é a de que um ponto de crucial importância na fantasia desta brilhante analista, tendo ficado intocado em sua análise (conduzida por Freud), veio forçar a criação de uma via de elaboração através de sua produção teórica, infelizmente impossível de realizar-se. Sua escuta estava ensurdecida por suas próprias questões. Deutsch, ignorando a evidência que a escuta da histérica porta profusamente, trata o corpo pulsional, o corpo erógeno, elemento significativo presente no discurso do sujeito sob transferência como sendo o corpo biológico, e mais, trata o prazer sexual como sendo efeito da função biológica reprodutiva. É bastante evidente que o tratamento dado por Deutsch às questões concernentes ao prazer e ao gozo demonstra extenso alheamento da perspectiva freudiana, que operou a revolução, definitiva desde os "Três Ensaio sobre a

---

<sup>18</sup>Hamon, M.C. *Pourquoi les Femmes Aiment-elles les Hommes?* Paris, Seuil, 1993.

sexualidade"<sup>19</sup>, de dissociar a sexualidade humana de uma visada biológico/instintiva.

Não foi à toa que Freud tantas vezes deparou-se com o problema que envolve particularmente as análises a que se submetem os psicanalistas: a metodologia analítica encontra seu maior entrave nos "pontos cegos"<sup>20</sup> daqueles que conduzem uma análise, podendo levar a produção do conhecimento a um estancamento. A utilização neste capítulo desta menção ao texto de Deutsch nos serve aqui admiravelmente para indicar o quanto a tentativa de produzir conhecimento em psicanálise, se desamparada de seu modo próprio de operar, a clínica de pesquisa, pode resultar em desastrosa traição epistemológica. Esta condição não está divorciada das análises dos psicanalistas que se propõem a transmitir este saber.

No entanto, sete anos depois da publicação do texto que acabamos de comentar, a mesma Helen Deutsch, de uma perspectiva completamente diversa da anteriormente mencionada, produz um trabalho raro que, tanto em sua forma quanto em seu teor, representa o modo próprio à psicanálise de produção de conhecimento. Podemos supor que, quanto ao atendimento destes casos, a autora estava desembaraçada daqueles entraves relativos ao tema orgasmo/maternidade, apresentando não só uma rara capacidade de escutar seus analisantes, como uma preciosa condição de articular teoricamente os resultados desta escuta.

O texto "*A Homossexualidade feminina*"<sup>21</sup>, publicado em 1932, foi originalmente preparado para ser apresentado em um malogrado congresso de psicanálise que deveria ter ocorrido em 1931. A autora, após a

---

<sup>19</sup>Freud, S. (1905).

<sup>20</sup>Freud, S. (1912)[1980] p.155.

<sup>21</sup>Deutsch, H. (1931) *L'Homosexualité féminine* in Hamon, M.C., *Féminité Mascarade*, Paris, Seuil, 1992

publicação de "Sexualidade Feminina"<sup>22</sup> de Freud, percebendo existirem diversos pontos de convergência entre os dois trabalhos, decide-se pela publicação do seu, na verdade produzido anteriormente ao texto freudiano. Chama-nos a atenção o fato de esta elaboração ter sido feita sem o conhecimento do material trazido a lume por Freud em 1931, não só pelo que concorda com este, mas, principalmente, pelo que a este avança acerca da revisão do lugar paterno no Édipo feminino e da importância capital da mãe nas fixações pré-edípicas à luz do lugar do pai.

Mencionamos aqui dois trabalhos da mesma autora precisamente para evitar o equívoco que a comparação de dois autores diferentes poderia propiciar, a saber, de que um seria representante da "boa" e outro da "má" psicanálise. O que desejamos ressaltar é que a via adotada, a posição do analista diante de determinada questão clínica, o quanto ele pode ser afetado pelo desejo do analista<sup>23</sup> tendo aberto mão das questões fantasmáticas que enquanto sujeito o habitam, é o que irá importar tanto em sua prática clínica quanto, necessariamente, nas conseqüências que daí decorrerão em termos de produção teórica.

---

<sup>22</sup>Freud, S. (1931).

<sup>23</sup>Lacan, J. (1963) Le Seminaire, Livre X, L'Angoisse.

## CAPÍTULO 2

### A SEXUALIDADE FEMININA E O IMPASSE: A VIA DA MATERNIDADE É FÁLICA POR EXCELÊNCIA

"Em nenhum ponto do nosso trabalho analítico se sofre mais da sensação opressiva de que todos os nossos repetidos esforços foram em vão, e da suspeita de que estivemos 'pregando ao vento' do que quando estamos tentando persuadir uma mulher a abandonar seu desejo de um pênis(...)."

Freud, S. in *Análise Terminável e Interminável*

#### 2.1 A ESPECIFICIDADE DO ÉDIPO FEMININO EM FREUD

Não poderemos iniciar nosso capítulo, relativo ao primado do falo e aos impasses que decorrem da complementaridade impossível entre este e o feminino para o psiquismo, sem que percorramos a obra de Freud, a partir da década de 1920, visitando sua teorização acerca do complexo de Édipo, primeiramente o masculino e a seguir, o feminino.

Em um momento avançado de sua obra, Freud volta a teorizar sobre o complexo de Édipo, dedicando-lhe, em meados da década de 1920, três textos fundamentais. O móbil desta nova seqüência de elaborações acerca da sexualidade infantil parece ser a necessidade de afirmar de modo peremptório a primazia da fase fálica e a verdadeira dimensão dos efeitos da

castração na constituição do sujeito. É a partir deste momento que encontramos na obra freudiana a afirmação definitiva da dimensão simbólica do falo, diferenciando-se então o órgão (pênis) de sua representação. Esta última é a única passível de se inscrever no inconsciente, é o registro mesmo da consequência psíquica da diferença anatômica entre os sexos. O enigma da diferença sexual ocupa de modo radical o psiquismo, exigindo deste um momentoso esforço de elaboração, ao fim do qual a questão da sexualidade encontrar-se-á ancorada no âmbito das representações para determinar, na partilha dos sexos, o lugar no qual cada sujeito em particular irá se situar.

O texto de 1923 "A Organização Genital Infantil" parte de uma afirmação organizadora de todas as considerações que lhe sucederão :

"Ela [a diferença da organização genital infantil para a do adulto] consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo."<sup>1</sup>

Duas afirmações de Freud<sup>2</sup> norteiam sua construção teórica acerca do Édipo do menino. A *Verleugnung* é um mecanismo universal nos meninos ante a descoberta primeira da inexistência de pênis nas mulheres. Há, antes do recalque, um mecanismo de recusa da evidência da diferença sexual : um dia o pênis da menina irá crescer, por ora ele ainda é pequeno. É apenas a partir da ameaça de castração, decorrente da manipulação masturbatória

<sup>1</sup>Freud, S. (1923) [1980] *ESB*, Vol. XIX, p. 180.

<sup>2</sup>idem, *ibidem*.

dos genitais, que o menino poderá ressignificar o que vira - os genitais femininos - dando, então, crédito à ameaça de castração, só significada enquanto tal numa posterioridade, por referência ao momento da visão do órgão feminino.

Neste momento de ressignificação, o menino é atingido pelo sentimento de *horror* evocado pela existência de seres "castrados", desprovidos daquele órgão que ele já aprendera a prezar de modo tão particular quanto intenso. Freud<sup>3</sup> dedica um texto conciso porém veemente ao sentimento de horror evocado pela visão dos genitais femininos, buscando no mito da Medusa sua fundamentação. A cabeça da Medusa é horripilante, o mito traz a equivalência simbólica entre decapitar e castrar, remetido o terror da castração à visão de *alguma coisa*. Para o menino, a visão do órgão sexual feminino, mais especificamente o de sua mãe, produz o horror. No mito grego, a visão da Medusa é capaz de deixar o espectador rígido de terror, ele vira pedra. Na analogia freudiana, por uma transformação do afeto, a rigidez decorrente do horror resulta em ereção. As cobras da cabeça da Medusa seriam análogas aos pelos pubianos femininos, que mitigam o susto e são, simultaneamente, o lugar no qual a visão se deteve em busca do pênis materno inexistente.

O feminino puro causa horror, a causa do desejo exige o recobrimento fálico ou o véu perverso para que o homem possa vir a ser causado sexualmente por uma mulher. O homem tem horror da constatação da inexistência do órgão na mulher.

Freud<sup>4</sup> afirma que o complexo de Édipo sucumbe ao recalque. Após a recusa inicial, uma vez constatada a diferença sexual, é o mecanismo do

---

<sup>3</sup>idem,(1922).

<sup>4</sup>idem,(1924).

recalque que será acionado para possibilitar a elaboração psíquica desta constatação.

"O complexo de Édipo se encaminharia para a destruição por sua falta de sucesso, pelos efeitos de sua impossibilidade interna."<sup>5</sup>

Freud<sup>6</sup> afirma que é a ameaça de castração que ocasiona a destruição da organização fálica do menino. O Édipo sucumbe ao recalque e o que precede o recalque é a ameaça de castração. Afirma ainda que a retirada do seio e a entrega das fezes à mãe são correlatos ressignificados da possibilidade efetiva de ser castrado. Essa ressignificação, contudo, só se dará quando o menino for confrontado com o horror da inexistência de pênis nas mulheres.

No texto de 1926, "Inibição, Sintoma e Angústia"<sup>7</sup>, encontramos a afirmação de que é a angústia que precede o recalque, e o estabelecimento de uma resposta sintomática vem, na impossibilidade de suportar a permanência da angústia decorrente da ameaça de castração, recobri-la, de um modo tal que o sintoma passa a ser aquilo que é o testemunho e o recobrimento da angústia decorrente da ameaça de castração.

A relação entre horror e angústia, para o menino, se dá de forma específica. O horror precede a angústia, mas é preciso que a ameaça de

<sup>5</sup>idem, (1924)[1980] ESB Vol. XIX, p. 214.

Pensamos poder apontar que é nesta consideração de Freud que Lacan pôde se apoiar para afirmar a impossibilidade lógica do incesto. A existência do significante fálico, testemunho no psiquismo da diferença sexual, aponta para a inexorabilidade da existência da castração. O trabalho que é demandado ao sujeito em sua constituição é precisamente o de subjetivar esta condição ( que logicamente o precede, mas que é efetiva apenas para cada sujeito), qual seja, a da inexistência do significante da mulher, passível de se inscrever no psiquismo. Não sendo, todavia, possível para o sujeito permanecer diante da evidência da castração, será dada alguma resposta a isto, resposta esta da qual decorrerá sua estruturação clínica em neurótico, psicótico ou perverso.

<sup>6</sup>idem, (1924).

<sup>7</sup>idem, (1926).

castração, promotora da angústia, se faça presente, para que o horror da constatação da castração venha ganhar seu verdadeiro relevo.

Na tentativa de aprofundar a compreensão da especificidade do horror da constatação da castração, buscamos no texto freudiano de 1927, "Fetichismo"<sup>8</sup>, algumas indicações esclarecedoras. Aí encontramos o desdobramento das afirmações presentes em "A Cabeça da Medusa"<sup>9</sup>. O propósito do fetiche é o de ser o substituto para o pênis, bem ali onde ele inexistente. Não qualquer pênis, não o pênis de qualquer mulher, mas mais exatamente

"...um pênis específico e muito especial, que foi extremamente importante na primeira infância mas posteriormente perdido, isso quer dizer que deveria ter sido abandonado, mas o fetiche se destina a exatamente preservá-lo da extinção."<sup>10</sup>

Ou seja, o fetiche é um substituto do pênis da mãe, no qual o menino acreditou e que não deseja abandonar. Dito de outro modo, o fetiche é um amuleto contra o horror que a visão dos genitais femininos destituídos de pênis, do horror que a visão da "cabeça da Medusa" provocou. Existe, então, o conhecimento da castração. O objeto fetiche é precisamente o testemunho de uma reação enérgica contra a evidência da castração. O fetichista procura um modo de acreditar no objeto perdido, aquele mesmo que nunca existiu, mas cuja inexistência é impossível de suportar sendo, neste caso específico, constituído um objeto imaginário fixo

<sup>8</sup>idem, (1927).

<sup>9</sup>idem, (1922).

<sup>10</sup>idem, (1927)[1980] *ESB*, Vol. XXI, p. 179.

para ocupar seu lugar. O horror da castração ergueu um monumento a si próprio na criação deste substituto.

Em uma perspectiva lacaniana, poderíamos afirmar que o fetiche, em sua concretude imaginária, constitui-se como um signo, aquilo que representa alguma coisa para alguém, ou seja, aquilo que representa o pênis materno para o fetichista. Já o sintoma tem estatuto significante, pois representa o sujeito para outros significantes, tem pertinência simbólica e não possui a eficácia do fetiche pois, se também busca ser um modo de furtar-se ao fato da castração materna, logra apenas disfarçá-la.

Recapitulemos resumidamente, então, o que até agora pudemos depreender, em nossa perspectiva de leitura, da elaboração freudiana acerca do complexo de Édipo masculino:

{ O menino percebe a inexistência de pênis nas mulheres, ele vê o furo, mas recusa esta evidência. Ao receber a ameaça de castração, ressignifica o que havia visto e, diante disto, tem horror. O horror se dá em relação ao Outro (à falta de órgão no Outro materno). A angústia, decorrente da ameaça de castração, concerne ao sujeito (à possibilidade da retirada de seu próprio órgão). O perverso resolve o problema ao nível do horror, aparelhando o Outro materno com um pênis, o fetiche, que passa a ser o amuleto que protege da castração materna e elide a possibilidade do afeto de angústia. A solução neurótica se dá ao nível da angústia, havendo a subjetivação da falta constatada (com horror) no Outro que sendo, no entanto, impossível de tolerar enquanto tal, é, na dimensão subjetiva, recoberta pelo sintoma que, quando falha, faz reemergir a angústia que originalmente precedera sua construção. }

Tendo o Édipo masculino como referência, Freud lançará, a partir de 1925, as bases de uma revolução na compreensão da sexualidade feminina.

Ao longo de sua elaboração teórica, Freud seguidamente buscou esclarecer um ponto para ele sempre enigmático e insatisfatório: a sexualidade feminina, sua especificidade, sua estruturação. No entanto, este enigma conduziu a um esforço de elaboração que, por fim, resultou mais refinado do que, por exemplo, a teorização existente acerca da fase pré-edípica masculina e permitiu importantes desdobramentos dos pós-freudianos, dentre os quais destacamos Lacan em particular, pelos avanços que, com este, a compreensão da sexualidade feminina pode lograr.

É apenas a partir dos textos de 1923 e 1924 que<sup>43</sup> encontramos a afirmação de uma dissimetria dos percursos edípicos do menino e da menina e a preocupação em discernir um caminho próprio à mulher na constituição de sua subjetividade.

À menina, é exigido um duplo esforço de transformação. A compreensão de seu Édipo levanta um problema a mais do que nos meninos. Desde 1905<sup>11</sup> já estava dito que a menina, em seu percurso para tornar-se mulher, estava condenada a abandonar seu ponto de erotização original em favor de um outro, especificamente feminino, ou seja, a menina precisaria abandonar a erotização clitoridiana para que, a essa, pudesse se suceder a vaginal. Freud<sup>12</sup> passa a dar relevo à fase pré-edípica da menina por se deter no fato de que, também para ela, a mãe é o primeiro objeto de amor. Logo, o enamoramento pelo pai é sucessor da intensa ligação originária com a mãe. Para a menina, o complexo de Édipo é uma formação secundária. Ela não precisa apenas fazer uma mudança de órgão, ela precisa trocar o objeto materno pelo paterno. Qual seria o móbil desta mudança? Muitos anos ainda se passariam antes que Freud pudesse fornecer uma

---

<sup>11</sup>idem, (1905).

<sup>12</sup>idem, (1924).

resposta, ainda que não de todo satisfatória para ele, no sentido de esclarecer esta questão. Tentemos aqui resumir sua elaboração.

Da clínica, Freud pôde obter a constatação de que quanto mais intensa era a ligação da menina com o pai, tão mais duradoura quanto importante fora a ligação precedente com a mãe. É mais uma vez a constatação da castração que faz andar o psiquismo, exigindo deste um trabalho ao final do qual resultará a constituição subjetiva e a localização do sujeito na partilha dos sexos. Para a menina, no entanto, a constatação da castração se dá desde um momento inicial, quando ela, ao comparar-se com os meninos, descobre que lhe falta uma parte que eles possuem.

"Ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo (o pênis)"<sup>13</sup>

Antes, a menina se comportara subjetivamente como um menininho, sendo o clitóris o correlato do pênis, o órgão fálico por excelência. Uma vez constatada a inferioridade deste, a mulher irá lançar-se, nostálgica de um falo próprio, metonimicamente na busca dos objetos que possam vir a substituí-lo.

A partir de então, podemos reconhecer o desejo tipicamente feminino, o anseio por um pênis, que irá assumir o papel de nodulador crucial da subjetividade feminina. É a esta busca que ela irá dedicar sua existência, por sua causa se deslocará em busca dos objetos imaginários da realidade que possam vir a lhe fazer suplência. Por este mesmo motivo, irá re-mapear a erotização de seu corpo e, a nível do sintoma, constituirá os significantes que a representarão. Devemos aqui dar destaque ao que já mencionamos ao discorrer acerca do Édipo do menino, de que estamos nos referindo à

<sup>13</sup>idem, (1925)[1980], *ESB*, Vol. XIX, p. 314.

dimensão simbólica do falo, àquela que, ancorada na diferença anatômica entre os sexos, importa à psicanálise enquanto consequência psíquica decorrente desta diferença.

Novamente Freud<sup>14</sup> volta a afirmar que a primeira fase da sexualidade da menina é masculina e clitoridiana. Para atingir a segunda fase, especificamente feminina, será necessário mudar seu objeto de investimento amoroso. À mudança de seu próprio sexo, deve corresponder uma mudança do sexo de seu objeto. O que irá afastar a menina de sua mãe será o ressentimento que ela virá a desenvolver em relação a esta pelo fato de tê-la trazido ao mundo tão inferiormente aparelhada por comparação aos meninos. O golpe final nesta relação, no entanto, será a constatação de que à própria mãe também falta o pênis, este apêndice mágico e tão valorizado, que a menina, em sua fase fálica análoga à dos meninos, não só supunha vir a possuir, como, em contrapartida, permitia-lhe ansiar alternativamente ter um filho de sua mãe e ter ela própria (menina) um filho<sup>15</sup>.

As desilusões subseqüentes da menina com sua mãe são elencadas por Freud como sendo decorrentes da decepção com a sempre curta duração do aleitamento para o sujeito ou do nascimento de irmãos, associadas às frustrações do período fálico, no qual a menina será proibida de exercer as atividades prazerosas com os genitais, nas quais fora iniciada através dos cuidados a ela dispensados por sua própria mãe e à ambivalência característica das primeiras catexias objetais. Tais desilusões, decorrentes da associação destes diversos fatores, fazem não restar ao amor da menina pela mãe senão sucumbir à hostilidade. Segundo Freud, entretanto

---

<sup>14</sup>idem,(1933).

<sup>15</sup>idem,(1931).

"Todos estes fatores - as desfeitas, os desapontamentos no amor, o ciúme, a sedução seguida de proibição - afinal também estão atuantes na relação do menino com sua mãe e, ainda assim, não são capazes de afastá-lo do objeto materno. A menos que possamos encontrar algo que seja específico das meninas e não esteja presente, ou não esteja presente da mesma maneira, nos meninos, não teremos explicado o término da vinculação das meninas à sua mãe."<sup>16</sup>

Gostaríamos de fazer uma interpolação. Faremos um assinalamento supostamente contrário ao que acabamos de citar em Freud, e, no entanto, fundamentado por suas afirmações de 1937<sup>17</sup>. Certamente que, a partir deste ponto, o percurso dos meninos e das meninas se constitui de maneira diversa, até o ponto de constatarmos clinicamente a significativa diferença da constituição psíquica que resulta em homens e mulheres. No entanto, não concordaríamos em afirmar que os meninos, para aceder à heterossexualidade, conservam o objeto materno, *senão que a ele retornam, desde um lugar diverso do da fase fálica*, não sem antes terem atravessado o intrincado caminho que os remete amorosamente à figura paterna e a partir do qual o reencontro com a figura feminina irá exigir um longo trabalho de elaboração psíquica. Não podemos nos esquecer de que esta mãe da fase fálica é, tanto para os meninos quanto para as meninas, dotada de um pênis. Ou, segundo as palavras de Pommier,

<sup>16</sup>idem, (1933)[1980], *ESB*, Vol.XXII, p. 153.

<sup>17</sup>idem,(1937).

" ... da mãe à mulher existe um abismo. De fato, lamentavelmente, a mãe possui uma coisinha a mais que a mulher não tem - o falo - , e esse objeto torna a relação do homem com a mãe basicamente pederástica. " <sup>18</sup>

O objeto primordial é, para ambos os sexos, uma figura que é amada precisamente pela potência fálica que encarna, o que faria do percurso edípico masculino, este sim, aquele no qual é necessário deslocar-se do amor a um objeto dotado de falo para o amor por um objeto que não o possui, em direção a uma heterossexualidade.

Mas retornemos ao Édipo feminino. A menina, em seu anseio por um pênis, pelo menos no que concerne às características do objeto amado, faz um percurso na direção de perseguir aquilo pelo qual sempre ansiara e que, descoberta sua ausência na mãe, passa a ser encarnado no pai. Este é, ao menos a nível imaginário, dotado do pênis ambicionado, ainda que a ela reste descobrir que, a nível simbólico, também ele, seu pai, não é o detentor último da potência fálica que poderia vir mitigar seu antigo anseio. Esta busca incessante da menina pelo falo virá a ser determinante das vicissitudes decorrentes de seu encontro com o último objeto imaginário da equação simbólica seio=fezes=pênis=bebê, na medida em que este último também virá decepcionar suas pretensões.

Como no caso do menino, será mais uma vez ao complexo de castração que Freud<sup>19</sup> recorrerá para deslindar as especificidades do Édipo feminino. No caso da menina, no entanto, tal destino é diverso daquele dos

<sup>18</sup>Pommier, G. - *A Ordem Sexual*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992, p.139.

<sup>19</sup>Freud, S.,(1931).

meninos. A mãe é abandonada porque a ela é tributada a responsabilidade de ter trazido a menina ao mundo desprovida deste órgão tão fundamental. O reconhecimento da castração obrigará a mulher, no percurso em direção à feminilidade, a um trabalho ativo de recalçamento de sua sexualidade originalmente ativa para dirigir-se no sentido da obtenção de fins passivos. Isto se impõe pelas características mesmas da libido:

"Existe apenas uma libido, que tanto serve às funções sexuais masculinas, como às femininas. À libido como tal não podemos atribuir nenhum sexo. Se, consoante a convencional equação 'atividade e masculinidade', nos inclinamos a qualificá-la como masculina, devemos não esquecer que ela também engloba tendências com uma finalidade passiva."<sup>20</sup>

Ou conforme o desdobramento esclarecedor de Nicéas

"Para ele (Freud), a experiência só permite postular a existência, no registro das pulsões, de uma única libido, uma libido constante e regularmente de essência 'masculina'. Tanto para o homem, quanto para a mulher, essa libido 'conhece, sem dúvida nenhuma, fins ativos e passivos e portanto, dois modos de satisfação'."<sup>21</sup>,

<sup>20</sup>idem(1933)[1980]. *ESB*, Vol.XXII, p.161.

<sup>21</sup>Nicéas, C.A.(1986) Primado do falo e castração feminina *in* Birman, J. e Nicéas, C.A. (org.), *O Feminino: Aproximações*, Rio de Janeiro, Editora Campus, p. 69.

O resultado do recalçamento deste modo de satisfação ativa da libido, que Freud associa à assunção da condição de castrada, poderá assumir três diferentes feições:

(...) "a descoberta de que é castrada representa um marco decisivo no crescimento da menina. Daí partem três linhas de desenvolvimento possíveis: uma conduz à inibição sexual ou à neurose, outra, à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade, a terceira, finalmente, à feminilidade normal."<sup>22</sup>

Quando a menina, desiludida de seu órgão fálico, renuncia à masturbação clitoridiana, o que cai sob o golpe deste recalque é uma parte de atividade, no registro pulsional, quanto à finalidade:

"renuncia-se a uma determinada soma de atividade."<sup>23</sup>

No primeiro caso, a inveja do pênis a fará recalcar o prazer obtido com sua atividade fálica clitoridiana dirigida à mãe demonstrando ter estado aí investido, com exclusividade, seu impulso sexual, resultando daí uma inibição de toda atividade sexual.

No segundo caso, a menina se recusa a reconhecer o fato de que não possui um pênis, ou, melhor dizendo, aferra-se à sua atividade clitoridiana,

<sup>22</sup>Freud, S., (1933)[1980], *ESB*, Vol.XXII, p. 155.

<sup>23</sup>idem, (1933)[1980], *ESB*, Vol.XXII, p. 157.

refugia-se numa identificação com a mãe fálica ou com o pai e age como se efetivamente pudesse, ela própria, dispor de um órgão fálico.

Se o processo de renúncia aos fins ativos desta sexualidade não representar a perda de elementos em demasia nesta operação, a menina poderá, então, segundo Freud, seguir a "atitude feminina normal final".<sup>24</sup>

"O desejo que leva a menina a voltar-se para o seu pai é, sem dúvida, originalmente o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou e que agora espera obter de seu pai. No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis, consoante uma primitiva equivalência simbólica."<sup>25</sup>

Só a partir deste momento estamos autorizados por Freud a falar de um complexo de Édipo feminino. Todos os intrincados desenvolvimentos anteriormente descritos concernem à duradoura e indelével fase pré-ediariana da mulher que será, segundo Freud, determinante importante de sua vida adulta.

As considerações tecidas por Freud acerca da feminilidade madura podem ser resumidas do seguinte modo : à feminilidade é atribuída uma maior quantidade de narcisismo que recai também sobre sua escolha objetal. A inveja do pênis, além de exacerbar a vaidade física, faz com que, para a mulher, ser amada seja mais importante do que amar, tentativa de

---

<sup>24</sup>idem, *ibidem*, p. 264.

<sup>25</sup>idem, *ibidem*, p. 157/158.

compensação da subjetivação de uma inferioridade decorrente de seu complexo de castração. A situação de casamento remete também à fase pré-edípica. Ao marido, que fora procurado pelos traços reconhecidos como análogos aos do pai, restará ser herdeiro da ligação primitiva à mãe fálica. Deste marido a mulher passará a reivindicar, então, o que aquela mãe e aquele pai da infância não lograram fornecer. O nascimento do primeiro filho poderá convocar a mulher a uma identificação com sua própria mãe. Poderá também trazer à luz a longevidade da reivindicação por um pênis, que o filho viria encarnar.

"A mãe somente obtém satisfação sem limites na sua relação com seu filho menino; este é, sem exceção, o mais perfeito, o mais livre de ambivalência de todos os relacionamentos humanos. Uma mãe pode transferir para seu filho aquela ambição que teve de suprimir em si mesma e dele esperar a satisfação de tudo aquilo que nela restou do seu complexo de masculinidade."<sup>26</sup>

-{O que verificamos então, a partir de Freud, é a compreensão de uma via feminina subsidiária e derivada, tecida em filigranas de ressentimento, da masculinidade originária de sua constituição subjetiva.}

Poderemos ver, a seguir, o quanto este tema foi alvo do interesse dos psicanalistas a partir da década de 20. Encontramos nestes autores alguma referência ao impasse ao qual Freud chegaria em 1937, e que utilizamos como epígrafe deste capítulo. Procuraremos trazer algo das contribuições de

<sup>26</sup>idem, (1933)[1980], *ESB*, Vol. XXII, p. 163/164.

Helen Deutsch, Ernest Jones e Joan Rivière que são, segundo o que podemos depreender de nossa pesquisa, aqueles que mais nos interessam mencionar, pela pertinência dos temas por eles tratados, dentre os que participaram da interlocução acerca do tema com Freud, nos primórdios da psicanálise. Esta panorâmica, que não se pretende exaustiva, procurará mostrar, em algumas pontuações, o quanto a feminilidade identificada à maternidade, vista como a saída tipicamente feminina para o Édipo, eram então compreendidas como um impasse referido à inveja do pênis. A ambição presente nos dois primeiros autores citados acima era a de encontrar uma essência, uma "natureza" propriamente feminina, que pudesse fazer par com a insígnia fálica, própria da masculinidade.

— A análise destes textos remeteu-nos sempre às mesmas questões: Quais seriam os efeitos subjetivos da inexistência (afirmada por Freud) da possibilidade de inscrição no psiquismo do traço do feminino? Seria apenas o testemunho de uma precariedade o que se verificaria? Seriam todas as possíveis saídas para o percurso de subjetivação da mulher resultantes do ressentimento pela inexistência do pênis? Seria o masoquismo idêntico à feminilidade? De que modo podemos pensar o efeito do *feminino* na subjetividade, a partir, precisamente, de sua não representabilidade no registro simbólico? ←

## 2.2 O GRANDE DEBATE (DÉCADAS DE 20/30)

O trabalho com os textos Deutsch, Jones e Rivière, que na época atravessavam o território desbravado por Freud, nos levaram a perceber que, eles também, se debatiam em torno das mesmas questões. No início do próximo capítulo, o texto de Joan Rivière, construído em uma direção bastante diversa da de Jones e Deutsch, nos permitirá apontar a inspiração que levou Lacan a postular outra compreensão do feminino. Esta nova perspectiva, derivada da dimensão fálica, virá abordar o feminino não mais como uma precariedade em comparação àquela, mas como uma dimensão suplementar ao fálico, presente em todo sujeito. Esta outra visada será o tema de nosso próximo capítulo, quando discutiremos exatamente a perspectiva de feminino em Lacan, tentando compreender, a seguir, qual lugar passa a ser reservado ao advento da maternidade a partir daí.

Por ora, apresentaremos a contribuição destes dois primeiros contemporâneos de Freud, a começar por Helen Deutsch. Após a análise de parte do material produzido pela autora entre 1924 e 1932, o aspecto de sua elaboração que mais nos chamou a atenção foi o relevo dado por ela à identificação do masoquismo feminino a uma espécie de expressão da essência da feminilidade. É curioso constatar que esta perspectiva, que dá relevo a uma posição particular de gozo para a mulher, tenha se revelado inadequada. Temos a impressão de que a autora, de alguma forma, percebeu em que campo haveria algo de específico ao feminino, mas pelo fato de não ter podido pensar este gozo fora do terreno das representações, lutou por cernir o traço que corresponderia ao feminino no psiquismo, traço este que seria votado ao gozo masoquista. Isto levou Deutsch a percorrer um

caminho marcado pela busca essencialista da natureza feminina. Tal posição, que não pode ser vista como amparada na elaboração teórica de Freud, foi levada avante, com veemência, por Helen Deutsch, utilizando-se principalmente do tema da maternidade para dar lastro a sua fundamentação. Note-se, aliás, que esta temática acompanhou a autora pelo menos desde 1924<sup>27</sup> até 1945, no livro *Psicologia das Mulheres*, citado e brilhantemente analisado por Eric Laurent<sup>28</sup>, livro este no qual ela dedica o segundo dos dois tomos de seu trabalho à maternidade.

O primeiro trabalho não-freudiano que utilizaremos nesta seção para tratar o tema da compreensão do feminino como conseqüência da inveja do pênis já foi mencionado em nosso primeiro capítulo. Trata-se de "*A psicologia da mulher em relação com suas funções de reprodução*"<sup>29</sup>, texto que resultou da conferência apresentada por Helen Deutsch no VII Congresso Internacional de Psicanálise de Salzburgo, em abril de 1924, o que faz com que esta comunicação seja contemporânea a três textos freudianos fundamentais acerca do tema edípico. "A Organização Genital Infantil"<sup>30</sup> e "A Dissolução do Complexo de Édipo"<sup>31</sup> já tinham então vindo a lume, mas ainda não havia sido publicado "Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos"<sup>32</sup>. Podemos verificar que os psicanalistas, a começar por Freud, literalmente debruçavam-se neste momento sobre a questão da diferença sexual e das decorrências desta para a constituição do sujeito. Marie-Christine Hamon em "Féminité

<sup>27</sup>Deutsch, H., (1924) La Psychologie de la femme en rapport avec ses fonctions de reproduction, in Hamon, M.C., *Féminité Mascarade*, Paris, 1994, Seuil.

<sup>28</sup>Laurent, E. Seminário de 20/01/1993, Paris, École de la Cause Freudienne, 1993. Mimeo.

<sup>29</sup>Deutsch, H., (1924), op.cit.

<sup>30</sup>Freud, S., (1923).

<sup>31</sup>idem, (1924).

<sup>32</sup>idem, (1925).

Mascarade"<sup>33</sup>, livro que organizou a partir dos textos que pesquisara para sua tese de doutoramento, apresenta-nos nove trabalhos acerca do tema escritos apenas na década de 20.

É neste contexto que Helen Deutsch traz sua contribuição de 1924, uma construção teórica que, além de divorciada da clínica, como já mencionamos ao tratar a questão metodológica, é também um fulgurante exemplo da compreensão do feminino em uma referência *pari passu*, ainda que nem sempre simétrica, à sexualidade masculina e aos efeitos da castração sobre esta.

— Em " *A psicologia da mulher em relação com suas funções de reprodução*"<sup>34</sup>, a autora, após tecer algumas considerações gerais sobre o que então se postulava acerca da especificidade do Édipo feminino, introduz mais diretamente suas posições a respeito do tema. Principia afirmando que a descoberta da vagina, para a mulher, se efetua pela sujeição masoquista ao pênis, que a guia na direção desta nova fonte da prazer. A tarefa última não seria, na posição feminina, a satisfação do desejo infantil de possuir um pênis através do ato sexual, mas uma verdadeira descoberta da vagina como órgão de prazer, sendo esta, então, o correlato do que é o pênis para a subjetividade masculina, a representação do *eu todo inteiro*, um duplo do eu. Este é, ao mesmo tempo, seu ponto de partida e o cerne mesmo de seu trabalho. —

Deutsch parece partir de uma contraposição aos enunciados freudianos, supondo um lugar reservado à vagina no inconsciente como um correlato necessário e de mesma espécie do pênis. Isto, segundo o pensamento da autora, exige a suposição de uma feminilidade originária,

<sup>33</sup>Hamon, M.C., *Féminité Mascarade*, Paris, 1994, Seuil.

<sup>34</sup>Deutsch, H., (1924) *La Psychologie de la femme en Rapport avec ses Fonctions de Réproduction*, in Hamon, M.C., *Féminité Mascarade*, Paris, 1994, Seuil.

recalcada em favor de uma masculinidade sucessora. Tal concepção contrasta de modo significativo com o ponto de vista de Freud. Esta afirmação da autora se, como dissemos, contraria as posições presentes em "Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos"<sup>35</sup> e de "A Organização Genital Infantil"<sup>36</sup>, não deixa, contudo, de apontar para uma questão, que em outros momentos de sua obra passará a ter lugar em suas elaborações teórico-clínicas buscando algum amparo no trabalho de Freud: [será fundamentalmente a condição masoquista a via de acesso ao feminino?] Aquilo que é por Deutsch suposto ser uma essência e um fim em si mesmo, não poderá, contudo, deixar de ser considerado no percurso para o feminino. A confusão evidente em seu trabalho, acompanhando uma perspectiva explorada na mesma época por Karen Horney e Ernest Jones, é a de supor uma simetria essencialista entre homens e mulheres. O masoquismo deixa de ser um possível destino pulsional articulado a seu oposto, como preconizado por Freud. Ele passa a ser e representar a natureza pulsional originária das mulheres. Esta seria a possibilidade de fazer surgir o verdadeiro reconhecimento da vagina como órgão, representante do feminino, em perfeita analogia com o pênis, investido narcisicamente e independente da referência fálica. Ou melhor dizendo, órgão portador da referência fálica em si mesmo, sendo a vagina para as mulheres tal qual o pênis para os meninos ou o clitóris, precariamente, para as meninas.

O desdobramento de suas idéias ao longo do texto demonstra detalhadamente o esforço de equiparação entre os dois sexos, com a apresentação de um destino análogo para percursos diferentes. Aquilo que

---

<sup>35</sup>Freud, S. (1925).

<sup>36</sup>idem, (1924).

em Freud funcionava como pilar e sustentáculo da incompletude concernente ao humano, encarnado na diferença anatômica, perde este estatuto. Se a ausência de pênis na mulher exhibe a evidência da castração, exhibe um real referido ao sexo onde não há comunicação possível, onde o vivido não será jamais intercambiável entre os parceiros, há, então, um lugar na teoria para a evidência da falta. Se a articulação teórica visa a simetria (ainda que baseada em uma diferença de percursos), se esta elaboração perde a referência fálica ou a universaliza como posse permanente para todos, estamos não só fora do campo que a experiência da clínica psicanalítica evidencia, como também fora daquilo que o cotidiano demonstra: não há, entre homens e mulheres, a plenitude. Deutsch dribla em seu texto a idéia de castração concedendo uma "vagina peniana" às mulheres. A concessão desta vagina especial passa por uma longa justificação teórica na qual estão confundidos os conceitos de orgânico e psíquico. Envolve também a entrada na condição de mãe, aproximando o orgasmo da experiência expulsiva do parto e, dentro deste argumento, postula uma total inversão da concepção freudiana de *a posteriori*, supondo um conhecimento anterior, a nosso ver inexplicável, da vivência do orgasmo como estando sempre referida ao parto como modelo. Passaremos a descrever em linhas gerais seus argumentos, interpolados de nossas observações, já que este texto, a um só tempo, traz os pungentes esforços de uma geração no tocante a compreender a especificidade do feminino e de, peremptoriamente, negar esta especificidade.

A autora, lembrando ser a fase oral auto-erótica, afirma não haver aí, então, qualquer objeto no eu aos moldes do que virá a se estabelecer no narcisismo, e nem no mundo exterior. [É a satisfação oral da sucção do seio que propicia a descoberta da mãe como o primeiro objeto.] Desde aí o

enigma da heterossexualidade feminina recebe uma explicação. O pai, protetor, recebe desde momentos muito primitivos, acessoriamente, uma grande parte da libido que, partindo da zona bucal, é ligada ao seio materno. Deutsch afirma que as análises demonstram, numa primeira fase do desenvolvimento, que o inconsciente estabelece uma equivalência entre o pênis paterno como um órgão de sucção e o seio materno. A teoria sexual infantil desta época, subjacente a esta concepção, supõe o coito como sendo algo que se dá entre a boca da mãe e o pênis do pai e que encontra seu prolongamento na teoria da fecundação oral<sup>37</sup>.

Na fase sádico-anal, Deutsch verifica que o pênis perde a característica de órgão de sucção e se torna órgão de apropriação. O coito é considerado, por este motivo, um ato sádico pela criança. Na fantasia de ser espancado isto admitirá duas possíveis versões: ou a menina assume o papel do pai que espanca, ou se submete ao espancamento de modo masoquista, pela identificação com a mãe. Neste momento o ânus é o polo passivo e o excremento, sucessor do mamilo, adquire o mesmo valor narcísico que aquele. A teoria sexual infantil que aí se manifesta é a do nascimento das crianças por via anal.

O seio e o pênis são identificados, por sua função, como órgãos condutores ativos. A outra abertura do corpo feminino, a vagina, por ser um desdobramento da cloaca, será então investida como sucessora do ânus e o pênis poderá adquirir sua função ativa para este novo órgão, ajudado pela equação seio-fezes-pênis. O malogro desta migração da libido ocorre devido ao fato de existir, entre o ânus e a vagina, o clitóris enquanto zona de investimento erótico. Na fase fálica, o clitóris adquire fortes quantidades de investimento libidinal, masculinizando a sexualidade da menina. Ele deverá

---

<sup>37</sup>Freud, S. (1908).

ceder esta libido mais tarde à vagina. A passagem da fase fálica à fase genital é a tarefa mais árdua do desenvolvimento libidinal da mulher. O clitóris, substituto depreciado do pênis, tem a mesma significação que este durante o desenvolvimento. A vagina, dissimulada, não representa nenhum papel, sua existência é desconhecida ou vagamente pressentida. O clitóris não é capaz de absorver a mesma quantidade de libido que o pênis. Graças a isso, a distribuição libidinal da mulher é bem menos intensa do que a do homem, o que faz com que ela, graças à tirania do seu clitóris, tenha uma conformação mais infantil que guarda traços perversos polimorfos até um momento avançado da vida. Seu corpo inteiro guarda a característica de um órgão sexual. Na puberdade, por conta da secreção interna menstrual<sup>38</sup>, a libido desalojada do clitóris reflui por todo o corpo. Deutsch afirma que a mulher passa, então, a associar a sexualidade à existência intra-uterina. A vagina passa a receber a libido proveniente de duas fontes: do corpo inteiro e do clitóris. Este último não renuncia facilmente a seu papel anterior, coincidindo isto ainda com o evento traumático da menstruação, no qual é revivida a ferida da castração pele fato da menarca ser vivida como a frustração de uma gravidez. A menstruação exerce também a função erotizadora da vagina.

Deutsch prossegue afirmando que a tarefa de investir a vagina libidinalmente a partir das duas fontes mencionadas inclui o pênis, também de duas maneiras. Na vertente do corpo inteiro como fonte da libido, o papel do pênis é análogo ao do mamilo materno: a vagina passa a ocupar o lugar passivo da boca que suga. Na vertente do clitóris, mesmo absorvida pela vagina, a parte de libido remanescente renuncia a sua função masculina em

<sup>38</sup>Grifamos aqui os momentos em que a autora recorre ao evento hormonal como tendo um sentido imediatamente transcrito para o psiquismo.

proveito do pênis que aborda o corpo do exterior. A vagina assume o papel do clitóris na medida em que uma parte de sua função é ancorada na identificação com o pênis do parceiro. A posição feminina realmente passiva da vagina é fundada na já mencionada atividade oral de sucção. No exercício desta função, o coito significa para a mulher o restabelecimento da primeira relação do ser humano com o mundo exterior, ao longo da qual o objeto é incorporado por via oral, introjetado. É, então, um estado de harmonia e de unidade perfeitas do ser, onde são anuladas as fronteiras entre o sujeito e o objeto<sup>39</sup>. Na relação com o parceiro, a incorporação é uma repetição da sucção do seio materno, ou seja, uma repetição e uma dominação do traumatismo do desmame. Na atividade de sucção da vagina, o coito realiza o fantasma arcaico de sucção do pênis paterno graças à equivalência pênis-mamilo. As identificações estabelecidas entre os parceiros ao longo das fases preliminares ao ato sexual adquirem uma significação múltipla, ou, dizendo com maior precisão, a identificação com a mãe é efetuada (a) pela identidade pênis-mamilo e (b) pela submissão masoquista ao ato sexual, ou seja, pela identificação materna referida à fase da concepção sádica de coito. Por esta identificação, a mulher ocupa simultaneamente no coito os papéis de mãe e de criança, e esta relação se prolonga no advento da gravidez, onde a mulher ocupa identificatoriamente ao mesmo tempo os lugares da mãe e da criança.

No ato de sucção, o parceiro, objeto da libido materna, advém como filho, já que lhe é endereçada a libido paterna tanto no sentido da associação do pênis ao órgão de sucção quanto no sentido da sujeição sádica que o coito fantasmaticamente representa. Assim, vemos como, para

<sup>39</sup>Ignoramos onde a autora buscou fundamento para a suposição de integração plena decorrente do ato sexual. Ela não nos apresenta a concepção de pulsão vigente em sua elaboração para que tal afirmação possa ser sustentada.

a autora, o coito definitivamente representa para a mulher a incorporação oral do pai, que advém filho e como ele conserva ao mesmo tempo este papel durante a gravidez verdadeira ou fantasística.

┌ Ela prossegue afirmando que o ato final se realiza na gravidez, através da perfeita identificação da mãe ao bebê. É antes de tudo pelo parto, repetição ativa de um evento antes vivido passivamente, que a mulher vem superar o "traumatismo do nascimento" ao qual Otto Rank deu significação maior. No inconsciente há uma equivalência entre carregar e ser carregado, por no mundo e vir ao mundo e sugar e ser sugado. ┘

O que ocorre para o homem, no coito, em sua relação com o mundo objetal é a apropriação de um fragmento do mundo, através da qual ele reencontra a beatitude do estado original<sup>40</sup>. A mulher, diversa do homem na relação com o mundo objetal, no ato de incorporação passivo que o coito representa, introjeta um fragmento deste mundo, fragmento que ela pode agora absorver. A vagina advém, em seu papel de órgão de sucção e incorporação, não como continente do pênis, mas da criança. Para isso ela não retira sua força do clitóris, mas do corpo inteiro, onde a libido é investida e depois encaminhada em direção à vagina. A vagina se transforma ela mesma na criança e é investida pela quantidade de libido narcísica que, no prolongamento do ato sexual, reverterá para a criança. Assim investida, a vagina se transforma num "segundo ego", um ego em miniatura, exatamente como o pênis para o homem. Se a mulher vem instaurar esta função materna da vagina, renunciando à reivindicação

---

<sup>40</sup>Supomos que aqui Deutsch está referida à experiência de satisfação, mencionada por Freud no "Projeto" (1895) e nos "Três ensaios" (1905). Em Freud, no entanto, esta experiência, a nosso ver, assume caráter mítico, já que é sempre a um objeto enquanto perdido que este autor se refere, tratando-se de, paradoxalmente, reencontrar aquilo que nunca foi experimentado, o que coloca evidentes impossibilidades de plenitude neste reencontro.

peniana do clitóris<sup>41</sup>, ela se desenvolve realmente no sentido da feminilidade. Esta função de reprodução se desenvolve em dois atos na mulher. É no primeiro ato, de incorporação, que já se encontram presentes os elementos que revelam uma tendência expulsiva, análoga a do homem, durante o coito. O orgasmo feminino, afirma Deutsch, não se funda unicamente na identificação com o homem. Ele é também a expressão da tentativa de dar ao coito a forma de um parto - uma pura perda. Este processo sugerido pela função orgástica não se adquire, segundo a autora, senão no segundo ato, através da vivência empírica do parto. Este conteria o ápice do prazer sexual, pelo efeito de excitação do plasma germinativo<sup>42</sup>. Nessa perspectiva o parto é um processo autônomo, análogo à ejaculação, tal como afirmado por Ferenczi, segundo Deutsch, que necessita da excitação intensa do feto a termo para entrar em função. É preciso, segundo a autora, corrigir a idéia de uma dissociação do parto com o prazer. O coito porta a característica de um ato plenamente satisfatório pela razão maior que ele representa uma tentativa e um início do parto. O parto representa a conclusão do ato sexual iniciado pelo coito e a satisfação definitiva de Eros<sup>43</sup>, que, exatamente como no homem, coincide com a separação simultânea entre soma e plasma germinativo. O objeto incorporado no momento do coito é introjetado corporal e psiquicamente. Ele encontra seu prolongamento no bebê e permanecerá na mãe como parte constitutiva do ego. Por um lado, as

<sup>41</sup>No que concerne ao caráter fálico, não vemos diferença entre clitóris e vagina, na concepção da autora. Aí o que se teria alcançado seria a condição peniana da vagina. Fica obscuro o conceito de "verdadeira feminilidade", ainda que fique óbvia a crença da autora na existência desta condição.

<sup>42</sup>Vemos mais uma vez o empreendimento deste difícil exercício de dar forma própria ao feminino, enquanto uma entidade consistente. Não conseguimos, entretanto, compreender a condição de perda a que a autora se refere quando do parto. A necessidade da vivência empírica do parto para a aquisição da função orgástica parece-nos bastante exótica, além de contrastante com tudo o que vinha sendo dito em relação à função do pênis e das fantasias no que concerne ao mapeamento erótico do órgão feminino. Por fim, parece pouco provável que a experiência do orgasmo venha resultar da excitação do plasma germinativo, já que os produtos orgânicos não tem, em si, representação psíquica, podendo adquiri-la apenas através da fantasia.

<sup>43</sup>Ver nota 41.

relações com o bebê se dão no interior do ego, entre suas partes constituintes. Por outro lado, dão-se nas relações de objeto nas quais o bebê é portador da série de identificações que encontram nele seu prolongamento.

Trouxemos em primeiro lugar esta intrincada elaboração teórica com algum detalhe por ter-nos parecido ser a mais emblemática produção deste período para demonstrar a concepção de feminino como derivada da maternidade. Esta maternidade é aí concebida como perfeita substituta, resolutive da inveja do pênis, sendo, então, o diferenciador principal entre a masculinidade e a feminilidade o fato de que o masoquismo, compreendido como elemento presente na essência mesma das mulheres, adiciona seu fundamental ingrediente à maternidade (e, por decorrência, ao feminino a esta identificado).

Não nos parece possível encontrar neste texto qualquer fundamentação para o fenômeno da angústia que se segue ao parto e que é clinicamente evidente. A função reprodutiva aí, além de ser uma experiência de beatitude, é o parâmetro orgânico que dará lastro psíquico à possibilidade de orgasmo vaginal para a mulher. Fica claro que este orgasmo, fazendo contraste ao clitoridiano-ativo, é uma experiência de sujeição masoquista ao pênis no coito. Apenas acedendo à possibilidade de gozar masoquisticamente da experiência sexual conforme ao parto, teria a mulher realizado a passagem para a verdadeira via do feminino. Esta via, no entanto, compreende uma mudança de posição dentro do mesmo território fálico a que o clitóris está referido, tão revestida de insígnias fálicas a vagina passa a estar.

Apesar de ter sido Helen Deutsch a autora que abordou a maternidade de modo mais direto, poderemos perceber a seguir em outro autor, que

suas concepções de feminino, em seu cerne, não representam diferença sensível desta perspectiva ora apresentada.

Este autor, desta mesma prolífica época, a participar do debate em torno da constituição sexual da mulher é Ernest Jones. O sempre fiel discípulo de Freud produziu, em 1927, o artigo "*O Desenvolvimento precoce da sexualidade feminina*"<sup>44</sup>. Neste texto temos como ponto central o argumento de que a fase fálica, nas meninas, surge como uma defesa em relação à afirmação de um desejo especificamente feminino. O autor, apesar de não defender a idéia de uma "libido feminina", deixa obscuro o ponto no qual ancoraria a especificidade mencionada acima. Ele chega, em alguns momentos, contrariamente às afirmações freudianas, a utilizar-se do termo "natureza" feminina, afirmando ser esta mais passiva que a masculina<sup>45</sup>. Apesar disto, ele é, no desenvolvimento de seus argumentos, bastante ousado e original.

O ponto de partida de seu texto menciona, sem deter-se no relato destes, cinco casos clínicos de homossexualismo feminino. Para responder às questões surgidas a partir destes atendimentos, ele dividirá o trabalho em duas partes, tratando na primeira do desenvolvimento heterossexual da mulher para, na segunda, discorrer acerca das diferenças presentes na escolha homossexual feminina. Nossos presentes propósitos levam-nos a focalizar apenas a primeira parte do texto.

Logo percebemos no autor um cuidado visível em evitar posições obviamente "falocêntricas". No entanto, como poderemos notar a seguir, o que se obtém, desta postura é uma construção teórica que substitui o

<sup>44</sup>Jones, E. (1927) - O Desenvolvimento Precoce da Sexualidade Feminina in Chemama, R. (org.) (1993) La Psychanalyse, Collection Textes Essentiels, Paris, Larousse, 1993.

<sup>45</sup>idem, *ibidem*, p. 506.

conceito de falo . Freud<sup>46</sup>, quando trata da castração feminina, coloca as mulheres afetadas por esta "de saída", sendo menos vulneráveis, portanto, ao risco, à ameaça real da castração, ponto central diferenciador entre a estruturação de homens e mulheres. Jones cria neste texto o conceito de "aphanisis". Este passo, no entanto, não traz contribuição significativa para esclarecer o desenvolvimento sexual da mulher, o que é a meta do artigo, já que não é apontada qualquer dissimetria ou especificidade concernente à sexualidade feminina; não fica evidente o motivo pelo qual seria teórico-clinicamente vantajosa a substituição da idéia de castração pela de aphanisis.

A aphanisis consiste na impossibilidade de obter qualquer tipo de gozo; seria a abolição total de viver o prazer sexual. Para Jones, este é o grande temor do humano, temor este que pode ser encarnado substitutivamente tanto na angústia de castração quanto no medo da morte.

" O medo masculino de ser castrado pode, ou não, ter uma contrapartida precisa na mulher, mas o que mais importa é dar-se conta de que este medo não passa de um caso particular e que, no fim das contas, os dois sexos temem exatamente a mesma coisa : a aphanisis." <sup>47</sup>

Após afirmar que, por razões fisiológicas evidentes<sup>48</sup>, a mulher depende mais da satisfação sexual de seu parceiro do que o homem da

<sup>46</sup>Freud, S., (1931).

<sup>47</sup> "La peur masculine d'être châtré peut, ou non, avoir une contrepartie précise chez la femme, mais ce qui importe le plus, c'est de se rendre compte que cette peur n'est qu'un cas particulier et qu'en fin de compte les deux sexes craignent exactement la même chose : l'aphanisis." Jones, E., op. cit. *in op.cit.* p. 506. Tradução livre da autora.

<sup>48</sup>Ver nota 39.

satisfação de sua parceira, ele afirma encontrar aí a razão biológica das diferenças psicológicas mais importantes entre os sexos. Mais uma vez, encontramos o fato biológico-reprodutivo como o grande balizador e o fundamento último da organização psíquica. Subvertendo a lógica freudiana, que descobrira existirem conseqüências psíquicas, noduladas fundamentalmente pela fantasia, para as diferenças anatômicas entre os sexos, Jones, de mãos dadas com Helen Deutsch, supõe ser o fato orgânico o determinante último da constituição psíquica, como se a perpetuação da espécie urdisse silenciosamente sua trama na estruturação do inconsciente dos indivíduos. Ali onde faltaram argumentos, ali mesmo onde Freud instalou o enigma, vemos repetidas vezes ser a lacuna preenchida, por seus contemporâneos, com o recheio fisiológico apaziguador.

Vamos acompanhar a descrição do autor do desenvolvimento da menina que virá a resultar na escolha heterossexual de objeto, para testemunharmos os embaraços a que freqüentemente chegaram os autores deste período diante da singularidade sexual das mulheres.

O modo de desenvolvimento que conduz à heterossexualidade caracteriza-se por uma instalação tardia da fase oral-sádica, para a menina. Jones ressalta que, nestes casos, nem o estágio oral, nem a fase de exploração do clitóris, recebem uma forte catexia sádica, fazendo com que o clitóris não venha a ser associado a uma atitude masculina particularmente ativa. A atitude oral é principalmente de sucção, evoluindo na direção do estágio anal. Tanto o orifício oral quanto o anal constituem, então, o órgão receptor feminino, sendo, mais tarde, cedido à vagina este lugar.<sup>49</sup>

---

<sup>49</sup>Podemos perceber aí uma perfeita concordância entre Jones e Deutsch.

A atitude inicial da menina em relação ao pênis é puramente positiva, provocando o impulso de sucção. Logo depois, a inveja virá a se instalar, aparentemente de modo definitivo, e evoluirá para o desejo de partilhar com o parceiro sexual, no futuro, o pênis daquele. Na tentativa de teorizar acerca da inveja do pênis e tendo recebido da clínica a intuição da importância da ligação da menina à mãe, o autor constrói, partindo de lugar diverso do de Freud, uma elaboração que dá consistência à longevidade da ligação entre a menina e sua mãe. Associando-se a Helen Deutsch, Karen Horney e Melanie Klein, Jones afirma existirem duas vertentes da inveja do pênis: a acima descrita, nomeada pré-edipiana (ou auto erótica), e outra, que será encontrada na origem das neuroses. Esta segunda, resultante de diversas sublimações, é chamada pós-edipiana (ou alo-erótica) e é de muito maior relevância clínica. Ela se estrutura da privação que resulta de uma decepção permanente de não poder compartilhar do pênis com a mãe no coito, de modo análogo ao encontrado nos meninos, qual seja, pretendendo gerar um filho na mãe. A analogia entre meninos e meninas é o ponto mais insistente na construção de Jones, que supõe a feminilidade totalmente referida ao medo da aphanisis, dentro da mesma lógica da castração que respeita aos homens. Ou, nas próprias palavras do autor

" Chegamos assim a uma generalização que se aplica de modo unitário ao menino e à menina: em face da aphanisis, resultado de uma privação inevitável, eles devem renunciar, seja a seu sexo, seja ao incesto"<sup>50</sup>

50 " Nous arrivons ainsi a une généralisation qui s'applique d'une façon unitaire au garçon et a la fille: *en face de l'aphanisis, résultat d'une privation inévitable, ils doivent renoncer soit à leur sexe, soit à l'inceste.*" idem, ibidem, p.509. Tradução livre da autora.

Esta privação, no que concerne ao feminino, resulta, na necessidade de descarga que a libido carrega, em uma renúncia à ligação erótica com o pai no intuito de, através da preservação da vagina, sustentar uma identificação com sua mãe.

Supondo uma simetria passo a passo entre meninas e meninos, o autor, após longos desenvolvimentos que ultrapassam o propósito de sua presença em nosso trabalho, identifica o cerne da neurose em homens e mulheres como sendo da ordem de uma impossibilidade de admitir possuir o órgão sexual característico de seu próprio gênero.

Julgamos poder supor a partir daí que segundo a equivalência dos objetos proposta por Freud, a equação pênis=bebê viria a afastar o terror da aphanisis, de maneira estável, a partir do momento em que a chegada do filho seria a chegada do amuleto contra o fantasma do desaparecimento do sujeito. Vemos aí, mais uma vez, uma produção teórica que ignora o fato clínico da presença da angústia para o sujeito que atravessa a experiência da maternidade dado que, nesta perspectiva, o filho é visto tão-somente como objeto fálico que chega para um sujeito-mulher compreendido em uma lógica do falo e da inveja do pênis.

Foi em 1937 que Freud, em "Análise Terminável e Interminável"<sup>51</sup>, apontou, sem solucionar, o quanto a compreensão do feminino alinhada à inveja do pênis deixava insolúvel a análise das mulheres, bem como a dos homens. A compreensão do feminino não concerne apenas aos sujeitos deste gênero, pois, desde o texto do fetichismo era à mãe que passaria a ser remetida a questão da castração. A concepção teórica de um feminino que se sustenta na aspiração em aceder à masculinidade através da obtenção do pênis ou de seus substitutos metonímicos levou Freud ao impasse e à

---

<sup>51</sup>Freud, S. (1937).

melancolia identificáveis no texto de 1937 mas, no mesmo golpe, apontou o caminho pelo qual a psicanálise precisaria tentar avançar, no ensejo de elaborar teoricamente as evidências que a clínica trazia. Nem a vagina pós-parto, nem o nascimento do filho, mesmo que menino, traziam serenidade à demanda feminina pelo falo. Era preciso pensar em uma especificidade concernente ao feminino que, ao mesmo tempo que não recusasse a evidência da insatisfação das mulheres diante de qualquer objeto substitutivo do falo, não viesse supor uma natureza própria a estas, dentro da mesma lógica.

O advento da maternidade, por sua freqüência, exhibe de modo ofuscante a que ponto a lógica fálica concerne às mulheres sem, no entanto, esgotar tudo que a elas se refere. Por que os bebês são fonte de angústia para as mulheres? Por que o prazer narcísico instalado pela chegada do bebê é precedido do mal-estar? Por que as mulheres eram e continuam sendo consideradas perigosas durante o resguardo, passíveis de cometerem crimes, crimes estes que até legalmente tem um atenuante importante se forem cometidos neste momento? O que verificamos é que esta vereda principalmente trabalhada nos anos 20 falhou em responder a estas perguntas.

—Pensar o impasse do feminino com o fálico no terreno das representações é trabalhar em variações sobre o mesmo tema que, após longas elaborações, resultam estar no mesmo ponto de partida. Se ao feminino é concedida uma positividade essencialista e se a maternidade é compreendida como a obtenção de uma insígnia fálica, além de eliminarmos a cruel verdade do impasse freudiano, afastamo-nos daquilo que de mais evidente nos apresenta o vivido: a mulher difere do homem e ser mãe não a igualava àquele. Mesmo que a chegada do filho represente a obtenção de um

objeto fálico, não deve ser apenas a isto que a mulher se dirige, dado que esta obtenção não remete de imediato (e duvidamos que o faça inteiramente, mesmo depois) à beatitude, mas marca um sentimento de irreversibilidade que afeta o sujeito-mulher remetendo à perda aí implicada. /

Alguns psicanalistas, mesmo desde antes da indicação freudiana do impasse, puderam intuir outra dimensão concernente ao feminino que, no futuro, associada à trilha deixada por Freud, pôde resultar numa concepção diversa de feminilidade. Obviamente, esta outra postura teve seus resultados na compreensão dos efeitos que produz o advento da maternidade na vida das mulheres. Traremos em nosso próximo capítulo parte desta nova trilha, inaugurada pelo impasse freudiano e por Joan Rivière e aprofundada por Lacan e seus seguidores.

## CAPÍTULO 3

### DA MASCARADA AO GOZO SUPLEMENTAR: UMA OUTRA "TÓPICA" DO FEMININO

"É o que demonstra o discurso analítico, no que, para um desses seres como sexuados, para o homem enquanto que provido do órgão dito fálico - eu disse *dito* -, o sexo corporal, o sexo da mulher - eu disse *da mulher*, embora justamente não exista *a* mulher, a mulher *não é toda* - o sexo da mulher não lhe diz nada, a não ser por intermédio do gozo do corpo."

Jacques Lacan, Mais, ainda.

#### 3.1 A FEMINILIDADE É UMA MÁSCARA

Em 1929 foi publicado no *International Journal of Psycho-Analysis* um artigo que chamou pouca atenção, e, até onde pesquisamos, não chegou a merecer citação de seus contemporâneos. Mesmo Freud, que se utilizou de diversos trabalhos produzidos nesta época, sempre lhes fazendo a devida menção, nunca citou o texto "*Womanliness as a Masquerade*"<sup>1</sup>, de Joan Rivière. Tampouco seus colegas, que produziam em um clima de estreito intercâmbio, deram atenção especial a este trabalho. A autora, uma colaboradora próxima e fiel de Melanie Klein, foi, portanto, ao longo de

---

<sup>1</sup>Rivière, J. (1929) La Féminité en tant que masquerade, in Hamon, M.C. *Féminité Masquerade*, Paris, Seuil, 1994.

décadas, reconhecida enquanto psicanalista sem que a menção a este texto fosse feita. Foi Lacan que, em sua pesquisa abordando diversos autores contemporâneos a Freud, encontrou o artigo que viria a ser preciosa referência à exploração da questão do feminino a partir das décadas de 1960 / 1970<sup>2</sup>.

O trabalho de Joan Rivière, que apresentaremos a seguir, associado às contribuições de Lacan e dos autores que o seguiram, permitiram pensar a difícil questão do feminino de modo a tornar este percurso possível. Já não se tratava mais, a partir de então, do terrível impasse, do intransponível "rochedo" presente nas últimas elaborações de Freud acerca da constituição do sujeito-mulher, mas de, atravessando a dimensão de recobrimento que o feminino porta enquanto máscara, chegar a uma especificidade que a este concerne, no terreno do gozo.

Recorreremos, neste capítulo, de maneira central, à sistematização de André, para ordenar a apresentação de nossas discussões.

" O que quer uma mulher? (...) distinguimos as três vertentes nas quais assume consistência um voto propriamente feminino: o da identidade e do traço ao qual ela se fixa, o do Édipo e da função simbólica que é nele preenchida pela instância paterna, e o da sexualidade e da clivagem que aí submete o gozo. " <sup>3</sup>

Será num retorno a 1929 que aqui ilustraremos a segunda destas três dimensões acima citadas. A primeira, já parcialmente apontada na primeira

<sup>2</sup>Lacan, J. (1958) A Significação do falo *in* Escritos. Rio de Janeiro, Editora Perspectiva, 1981.

<sup>3</sup>André, S. (1987) O que Quer uma Mulher?. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, p.280

seção do capítulo 2, trata da questão do desejo na histeria, conforme pudemos depreender do texto freudiano, outra, a do amor e da identificação ao pai, a partir da luz aí lançada por Joan Rivièrè é a terceira, que se refere ao gozo suplementar que concerne ao feminino, segundo Lacan, nos ajudará a pensar a questão da maternidade para o sujeito-mulher.

Voltemos então a esta prolífica década de 20, para, a partir daí, articularmos nossa argumentação. Enquanto Helen Deutsch e Ernest Jones seguiram as indicações de Karen Horney, considerando a inveja do pênis como sendo secundária e defensiva em relação à essência masoquista da feminilidade, Joan Rivièrè<sup>4</sup> introduziu, com "*A Feminilidade como mascarada*", a idéia da feminilidade como uma defesa para mascarar a masculinidade originária da menina. Isto significa que a mulher consideraria ameaçadora aquela masculinidade que ela inveja, sendo mesmo esse o paradoxo da feminilidade: a diferença sexual equivale à distância que separa o legítimo possuidor do pênis (sujeito que se embarça na confusão entre pênis e falo), da não possuidora do pênis (sujeito que se supõe ilegitimamente possuidor do falo), ilegitimidade esta que faz com que a mulher todo o tempo o cobice enquanto posse definitiva, condição que, no entanto, não suporta.

— O que Rivièrè<sup>5</sup> aponta como central para a constituição desta divisão passa pela compreensão do laço que une a menina a seu pai. A mulher é apresentada como aquela que, tendo com o pai um laço que oscila entre a identificação e o amor, e sendo, nestes dois aspectos, impedida de saída de exercer plenamente qualquer uma destas possibilidades, precisaria, então, inventar um lugar próprio, peculiar, que pudesse vir a habitar. Assim, a

<sup>4</sup>Rivièrè, J (1929). op. cit.

<sup>5</sup>idem, ibidem.

histeria é a resposta por excelência ao trágico impasse que a condição feminina porta, mesmo que estejamos diante de um homem histérico. É a algo de radicalmente impossível que o feminino apresenta enquanto condição humana que a histeria vem responder.

A partir da revisão feita por Freud, em 1923, do atendimento de Dora, tornou-se possível supor à histérica, no lugar de uma bissexualidade objetal, uma posição bissexuada no que tange à sua condição de sujeito desejante. Aliás, se retornarmos a Elizabeth Von R., utilizando a óptica presente nas observações finais do caso Dora, lá também perceberemos a dimensão dramática da indefinição sexual do desejo da histérica, posição paradigmática das mulheres, também no que concerne a seu desejo (e não à sua prática sexual). O impasse que se faz presente na histeria fica revelado, quando observamos a relevância adquirida pela irmã de Elizabeth ou pela senhora K., num jogo de identificações duplas, sendo duplamente enigmático e incompreensível para este sujeito em estado de suspensão quanto a uma tomada de posição na partilha dos sexos, tanto o desejo do homem dirigido a uma mulher, quanto o mistério da mulher conseguir ser causa de desejo para o homem .

O ponto em que encerramos nossa descrição da teorização de Freud acerca da mulher, na primeira seção de nosso segundo capítulo acima, trazia o nascimento do filho como a possível solução para este impasse. Pudesse a mulher aceder minimamente à condição de objeto sexual para um homem, este, ainda que não revelando o enigma do desejo que o moveu, gerando-lhe um filho, forneceria à mulher, a partir de sua relação com a criança, a possibilidade de ocupar o lugar de um sujeito que tem seus objetos, tal qual o homem os tem nas mulheres.

A compreensão surgida a partir da leitura do texto de Joan Rivière, com a apresentação da feminilidade como uma defesa em relação ao masculino, abre a possibilidade de avançar, no terreno do Édipo feminino, as questões apontadas pela clínica da histeria concernentes ao amor e à identificação ao pai. O desejo feminino de ser como um homem e ter um pênis como o pai, convive com outro, o de ser amada pelos homens (e pelo pai, principalmente). Este último supõe, para a mulher, a vicissitude de ser, como a mãe, segundo as teorias sexuais infantis, através do coito, castrada pelo pai (ou um representante deste). Sendo a castração insuportável, restará à mulher *aparentar* esta condição de castrada, que ela, paradoxalmente, porta realmente, enganando ao mundo e a si própria, na tentativa de preservar sua mais cara e secreta ambição: a de ser como o pai. —

Rivière nos permite chegar a estas conclusões através de um trabalho que, primoroso no que respeita ao rigor metodológico, não poderia deixar de estar ponto a ponto ancorado em sua experiência clínica. Destacaremos deste trabalho, à guisa de ilustração, apenas o caso clínico principal dentre os relatados, e as conclusões que nos pareceram passíveis de serem dele retiradas.

— A autora, recusando qualquer suposição de uma tendência inata, mesmo que bissexual, do humano, aponta a aparência de feminilidade das mulheres como servindo para protegê-las da angústia decorrente dos impasses do desejo feminino: a mulher temeria o castigo dos homens, caso estes descobrissem sua secreta ambição de ser como eles. Esta ambição resulta do caráter masculino da sexualidade, da dimensão de necessária atividade que a libido porta. Enquanto sujeito, no terreno pulsional, a libido faz sentir seus efeitos exigindo satisfação em moldes nos quais a diferença sexual não é contemplada. No terreno representacional, inexistente o

significante que permitiria representar o sujeito feminino como sendo do Outro sexo. Restará, então, à feminilidade o serviço de encobrir este seu perigoso e exclusivo aspecto : querer ser *como um* homem.

Rivière nos permite chegar a tais conclusões a partir dos atendimentos de algumas mulheres, segundo ela, cada vez mais presentes na cena cotidiana de então, e que se caracterizavam por ter um desempenho bastante satisfatório em suas vidas profissionais, geralmente no terreno intelectual, assim como por um cumprimento bem sucedido de suas tarefas domésticas como esposas, donas-de-casa e mães. A paciente cujo caso é relatado de forma mais detalhada no artigo encaixa-se à perfeição na definição acima, mas sua vida não se passa sem que lhe venham afligir incômodos sentimentos a cada vez em que ela é exigida, por seu trabalho, a se apresentar publicamente. Por melhores que fossem os resultados de sua exposição, ela era sempre afetada por um grande temor de ter falhado, temor este que só se dissipava se ela obtivesse o reconhecimento de um dos homens presentes no auditório, necessariamente um homem que, à imagem de seu pai, tivesse o perfil de um intelectual. Não era, no entanto, como conferencista que ela demandava este reconhecimento, mas sexualmente, como mulher, fazendo uso da feminilidade como arma de sedução. Ela, que verdadeiramente não duvidava da qualidade de seu trabalho, sentia, em seu íntimo, que se desempenhara *melhor do que um homem o faria* naquela tarefa. O temor subsequente de ter fracassado não passava, então, segundo Rivière, do temor de ser alvo da vingança, de que o homem, legítimo ocupante daquele espaço, viesse vingar-se. (Era, então, com sua *máscara* de mulher que ela buscava afastar a suposta vingança do homem que por ela havia sido ultrapassado, derrotado - em uma palavra - castrado.)

Com as outras mulheres, o comportamento da paciente costumava ser cordato, afetivo, generoso mesmo, com a condição de que estas fossem mediocres, estivessem em alguma dificuldade ou se apresentassem infelizes e miseráveis. No entanto, se estas mulheres fossem bem-sucedidas, bonitas, em suma, se representassem alguma ameaça à sua posição, toda benevolência cessava e ela se apresentava como que concorrendo com elas.

À moda de Freud, que por diversas vezes em seus trabalhos parte de uma suposta patologia para, ao final, construir sua teoria abolindo as categorias de normal e patológico, Rivière se interroga acerca da diferença entre a feminilidade enquanto máscara, conforme escutara desta paciente, e a feminilidade verdadeira. Ela, que trouxera seus atendimentos a pacientes neuróticas como uma ilustração de casos "patológicos", termina por afirmar que não há diferença entre a feminilidade mascarada e a feminilidade "normal". Esta afirmação equivale a dizer que não existe uma "essência" propriamente feminina, seja ela masoquista ou de qualquer outra natureza. O que é específico da feminilidade é sua condição de disfarce para a masculinidade presente no domínio da libido. Rivière destaca a dimensão pulsional daquilo que seria primeiramente privilegiado por Lacan, a dimensão representacional, que posteriormente, no âmbito do gozo, ganharia uma formulação teórica precisa. De fato, Lacan, décadas depois, ao dizer que "a mulher não existe", chegaria, seguindo Freud, à mesma compreensão do feminino enquanto inexistente no registro representacional do simbólico, fazendo, então, sua própria teorização acerca do feminino. Desta afirmação da inexistência do significante próprio ao feminino, completamente ancorada em Freud de "A Organização Genital Infantil"<sup>6</sup>, Lacan avança, ao tirar as conseqüências desta não-inscrição significativa

<sup>6</sup>idem, (1923)[1980], Vol.XIX.

para os sujeitos-mulher, sob a forma de efeitos que concernem ao gozo. Será este passo que viremos, adiante, a relatar.

Quanto a Joan Rivière, é na trama edípica que ela localiza a matriz destas repetições da vida adulta das mulheres. É no amor e na rivalidade dirigidas ao pai e na intensa e longeva ligação com a mãe que se organizará o arranjo subjetivo ora apresentado. O impasse próprio ao feminino resulta no arranjo que conhecemos como histeria. Os colegas de trabalho da paciente são representantes da figura paterna, que ela pretende derrubar de seu lugar, mas sem cujo amor não pode passar. Isto leva ao duplo jogo de supor-se mais competente, mais *fálica* do que os homens, durante suas exposições para, em seguida, ameaçada da perda de amor, por ter privado o homem de sua condição de possuidor do falo, solicitar seu favores como mulher. Ela o faz nesta condição de castrada, porquanto tal condição não representaria mais ameaças à potência paterna. Reivindica, só então, o amor ao pai. Ou seja, a máscara de feminilidade comparece como uma defesa contra a angústia proveniente do impasse presente no desejo da mulher: é como homem que ela desejaria se apresentar, é como mulher que deseja fazer-se amar.

A diferença entre a reivindicação histórica e a condição de mascarada reside na questão da legitimidade da posse do falo. A condição de mascarada, ao contrário da histórica, não porta a demanda para si da posse definitiva do falo desejado, por saber, de alguma forma, da impossibilidade de vir aí a ser bem sucedida. Ainda que Rivière não desminta Freud<sup>7</sup> quando ele aponta como sendo impossível à mulher desistir da inveja do pênis, o que a condição da mascarada traz, da verdade do feminino, é a

---

<sup>7</sup>idem(1937).

impossibilidade reconhecida de sua posse para o sujeito, já que esta é atribuída a outrem, legítimo portador do falo. ]

O arranjo na fantasia feminina, na perspectiva de Rivièrre, seria, então, da seguinte ordem: aquela potência fálica, fantasisticamente retirada do pai, pretende ser presenteada à mãe. O temor maior, originário, é da vingança desta, a figura primitivamente portadora do falo, de quem o pai o obteve. A mãe é menos amada do que temida. A rivalidade presente nos laços com as mulheres "potentes" apresenta o conflito existente com esta mãe. Ela é, paradoxalmente, a possuidora de um falo não transmissível, já que foi o pai quem logrou conservá-lo. A filha, que testemunhou o desejo da mãe pelo pai, supôs ter este castrado aquela, e, ambicionando, por sua vez, *para si*, a posse deste valioso troféu, não é capaz de levar a cabo sua empreitada, já que o temor ao pai e à mãe primitiva não o permitem. Temos então aí revelado o duplo movimento no qual a mulher se debate: é preciso ser portadora do falo para poder perdê-lo, sendo insuportável tanto a angústia de permanecer com a posse deste quanto a de abrir mão deste ensejo.]

É nesta armadilha sem saída que se engaja a feminilidade: não possuindo suas próprias insígnias, ou, conforme postulado por Lacan a partir de Freud, inexistindo o significante que representaria o sexo feminino, é sempre em terra estrangeira que a mulher irá buscar qualquer possibilidade de representação. Será tomando de empréstimo ao pai, ou à mãe fálica, que, de qualquer modo, possui os atributos masculinos, os seus significantes, que a mulher poderá constituir suas identificações. Sendo estas de mesma natureza das insígnias paternas, por serem da ordem significante, fica aí colocado um entrave, aparentemente definitivo, para uma verdadeira heterossexualidade feminina.

- É absolutamente revolucionária a posição de Rivière. Será somente como logro, como recobrimento que a feminilidade poderá se manifestar no terreno dos traços, das representações: inútil buscar a "boa" saída desta situação. Não há "atitude feminina normal final". A atitude típica do feminino é prestar seu serviço de máscara, é permitir o trânsito da mulher entre o território que ambiciona e aquele suposto na fantasia do homem como lhe sendo próprio. O avanço apresentado por Joan Rivière é o de afastar a idéia de uma possível alocação *confortável* da mulher neste território das representações, necessariamente fálicas, mesmo que através do "empréstimo" destes atributos pelo homem, como por exemplo, através da chegada do filho. Ela também afasta a possibilidade da existência de uma essência masoquista propriamente feminina, como fizeram muitos de seus contemporâneos, retratando a mulher como um sujeito errante entre duas impossibilidades: a da posse do falo e a da renúncia a este. Será apenas com Lacan, através do conceito de gozo, que a psicanálise aportará em uma região que podemos apenas por "licença teórica" chamar de região, já que não se trata de um *topos*, será apenas então que algo de específico do feminino poderá ser vislumbrado. O vislumbre deste inefável, desta "coisa - causa", será decantado a partir do laço com o pai, indo além deste. ~

A relação da menina com seu pai, baseada nos pilares da identificação e do amor, indicam a problemática do amor heterossexual feminino, tão freqüentemente desdobrado em uma feição histérica. É isto que faz este amor ter uma aparência, para dizer o mínimo, paradoxal: ele se funda no mesmo golpe em que se estabelece sua impossibilidade, exigindo, diante desta, uma operação do sujeito ao final da qual será visível, sob a forma de estrutura clínica, a ordem de arranjo realizado. O homem amado, o homem paradigmático, a partir da cena edípica, o pai, enfim, é amado na interdição

mesma da realização erótica deste amor. Ele ama a filha, mas, pela condição de submetido à Lei, não é como mulher que a toma. O lugar de mulher está, necessariamente, reservado a outra. A presença do amor do pai, sua inegável condição de homem (apontada pelo endereçamento desejoso da mãe a ele), mas sua ausência *enquanto homem* para a filha, legam a esta o sentimento de abandono tão presente no amor feminino, mesmo nas condições em que a realidade a isto desmente. Ou, conforme a clara exposição de Pommier :

" Na verdade, a filha se volta para o lado do pai por se dar conta da atração sexual que atrai a mãe para o lado dele. Assim, fica aliviada do que crê dever a esta última, do intenso erotismo que experimenta ao receber seus cuidados. E amará esse homem, portanto, por essa função que a fascina, por ela ser mais poderosa do que o prazer aniquilador em que está alienada, e por protegê-la, por esse modo, de uma invasão pelo desejo materno. Esse amor não é apenas uma forma de reconhecimento devida a um protetor, mas se trata de uma atração erótica, baseada na atração exercida pela potência viril. É um amor cruel, porém, porque seduz graças a sua impossibilidade. De fato, o papel do pai implica que ele ame uma outra (a mãe) , e, no entanto, é essa função que provoca o desejo. No mesmo instante, portanto, o desejo é provocado e impedido, excitado pelo que o barra irreversivelmente. " 8

---

<sup>8</sup>Pommier, G., *A Ordem Sexual*, 1992, p.121.

O drama subjetivo por nós apresentado até então, referido seguramente à feminilidade, não esgota, no entanto, o que a psicanálise tem a dizer do feminino. Tal quadro representa o que podemos, cotidianamente, receber na clínica quando estamos diante de uma paciente histérica, já que é sobre o impasse portado pelo feminino que virá se plasmar a condição histérica. É mesmo desta ordem a queixa que é trazida ao analista. O homem que acolhe esta mulher, o namorado ou o marido, é o pólo catalizador das maiores incompreensões, dos maiores desentendimentos. A este homem são endereçados os sentimentos mais hostis, um crescente desinteresse sexual e, ao mesmo tempo, uma impressão de indestrutibilidade do laço que os une. Como inimigos íntimos, a histérica e seu par debatem-se, no que depender do caráter próprio de insatisfação presente em seu desejo histórico, neste aparentemente infinito campo de batalha da neurose, até que a morte os separe. Se, no entanto, o relato da paciente porventura referir-se a um homem colocado em um lugar de impossibilidade, seja por desprezá-la, não notar sua presença, seja por tê-la abandonado, seja por ser casado com outra, esta figura será tomada do modo mais idealizado possível, próximo da perfeição, aquele mesmo cuja companhia poderia representar a suprema felicidade, o verdadeiro paraíso terrestre..., sempre inalcançável, nunca obtido, impossível. De ambos os modos, é ao sofrimento que está devotada a histérica, testemunhando, ao vivo, diante da escuta do analista, sua insatisfação com o fato insuperável de querer e não obter o falo, representando no palco da vida e do consultório o seu destino de protagonista, no mesmo lance, do desejo incestuoso e de sua impossibilidade.

O destino da histérica, que em seu desejo de um desejo insatisfeito se mostra votado ao gozo masoquista não se mostra menos árduo com a

chegada do filho, mesmo que este seja um menino. Vemos, aliás, com frequência, este evento promover a mais desalentada depressão. Vemo-lo acompanhar-se do horror e de fantasias sádicas capazes de promover a mais aguda angústia. E vemos também, no rearranjo imaginário subsequente à chegada deste filho, tomando ele o rumo que lhe couber no endereçamento ao Outro (conforme desenvolveremos em nossa conclusão), ser este mesmo filho o pólo aglutinador de novas queixas, análogas às, outrora, dirigidas aos pais e ao parceiro.

O que poderia a psicanálise, enquanto prática clínica, promover, no sentido do encontro com o desejo para estes sujeitos reféns da lógica incestuosa do complexo de Édipo, caso compreendesse o desejo fundamental e exclusivo da mulher como sendo o da posse do pênis, sem vislumbrar alguma especificidade do feminino para-além desta demanda? Seria necessariamente a histeria o ponto de partida e chegada, único destino cabível às mulheres que, no limite, deveriam adquirir competência fálica para dispor de objetos, tais como o filho, que fizessem suplência ao pênis ausente? Repetiria a psicanálise, no domínio concernente ao feminino/masculino os mesmos problemas do espinhoso território da psicose onde, para muitos autores, é de um déficit, de um a-menos comparativo com a neurose de que se trata? Parece-nos que com Lacan daremos, no terreno da feminilidade, o passo decisivo que afasta a matéria de uma dimensão suplente para uma outra, esta suplementar.

### 3.2 O PASSO LACANIANO

Reproduziremos aqui o percurso mesmo de nossa história de psicanalista quando, estando diante da lógica impossível da histeria, a nós apresentada clinicamente como limite insuperável, recorreremos a Lacan em busca de uma saída para o impasse.

Lacan, longe de desconhecer o real da clínica, sabia bem demais do limite imposto pelo caráter masculino da libido um desejo feminino, limite este que a histeria exhibe em toda sua grandiosidade. Mas, ao separar de modo definitivo o que parecia indissociavelmente igualado, qual seja, a noção de histeria da de feminino, abriu um campo no qual é possível fazer falar o sujeito, na direção de um mais-além da inveja do pênis. A histeria está, de modo íntimo, associada ao feminino, talvez seja mesmo sua via por excelência, mas não representa seu esgotamento.<sup>9</sup>

Vamos a 1960. Encontraremos um Lacan perplexo com a negligência dos analistas em avançar o tema da sexualidade feminina. Tal perplexidade está expressa de modo contundente no texto "Idéias diretivas para um congresso sobre a sexualidade feminina"<sup>10</sup>. Neste trabalho, crivado do início ao fim de perguntas, o autor interroga com firmeza o caráter particular da fase fálica para a menina. Tocando em pontos pouco desenvolvidos desde a generosa produção das décadas de 20/30, reposiciona a indagação acerca da importância do órgão vaginal, trazendo novamente à baila a questão do

<sup>9</sup> Estes avanços, evidentemente, operaram mudanças na concepção de fim de análise que, como o feminino, foi outro tema deixado, angustiadamente, em suspenso por Freud. Não é casual que estas questões apareçam juntas em "Análise terminável e interminável" (1937). É precisamente a partir de uma nova compreensão do feminino que fica aberto o caminho para uma outra compreensão do término de uma análise. No entanto, como ultrapassa em muito os propósitos deste trabalho, este aspecto não será aqui desenvolvido por nós.

<sup>10</sup> Lacan, J. (1960), *Ideas Directivas para un congreso sobre la Sexualidad Feminina in Escritos* Madrid, Siglo Veintiuno, 1993.

orgasmo feminino. Este ponto, aliás, foi alvo dos mais candentes protestos das feministas, que atacavam a psicanálise considerando-a um saber retrógrado, obscurantista e anacrônico ao falar da mulher. A produção de Lacan da década de 70 a este respeito, faria, aliás, Elizabeth Roudinesco redigir o seguinte comentário:

" Uma vez mais, Lacan tomava em sentido oposto as teses feministas clássicas que faziam da mulher uma vítima da opressão masculina. Em vez de negar esta opressão - que ele não contestava - , Lacan sublinhava que ela podia, do ponto de vista do inconsciente, transformar-se em seu contrário, já que a relação entre os sexos era comandada pelo princípio de uma radical dissimetria. É verdade que ele conservava, com Freud e contra Jones, a idéia de um falicismo original e de uma libido única, mas corrigia-a pela tese do "suplemento ", que lhe fora inspirada por Bataille, pelos surrealistas e por seu convívio com a loucura feminina. " 11

As propostas de Lacan para o Congresso sobre a sexualidade feminina abriram caminho no campo freudiano para, indo além de Freud, seguir o caminho deste e prosseguir em um tema que estava, então, intocado no que concerne a avançar seus enunciados. Neste trabalho encontraremos o que, anos mais tarde, em "Mais, ainda"<sup>12</sup> será amplamente desenvolvido.

<sup>11</sup>Roudinesco, E. (1994) *Jacques Lacan: Esboço de uma Vida, História de um Sistema de Pensamento*, São Paulo, Companhia das Letras, p.370

<sup>12</sup>Lacan, J.(1972) O Seminário. Livro XX. (Mais, ainda) . Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

" No mesmo ponto, convém perguntar se a mediação fálica drena tudo o que pode manifestar-se de pulsional na mulher, e, principalmente, toda a corrente do instinto materno. Porque não estabelecer aqui que o fato de que tudo o que é analisável seja sexual não implica que tudo o que seja sexual seja acessível à análise? " 13

Ou ainda:

" Havendo sido levada muito longe, para a maioria das perversões masculinas, a demonstração de que seu motivo imaginário é o desejo de preservar o falo, que é o que interessou ao sujeito na mãe, a ausência na mulher do fetichismo, que representa o caso mais manifesto deste desejo, faz suspeitar de um destino diferente desse desejo nas perversões que ela apresenta. " 14

Foi preciso aguardar até o ano de 1972 para que Lacan viesse apresentar, através de um escrito e de um seminário, as propostas inovadoras na psicanálise, que permitiram uma outra abordagem da questão do feminino. Em "*L'Étourdit*", texto escrito em junho de 1972, e no seminário XX, "Mais, ainda", apresentado a partir de novembro deste mesmo ano, o feminino é tratado como estando mais-além da inveja do pênis. Obedecendo à lógica que rege a relação do princípio de prazer e de seu mais-além, também o falo e o feminino não podem jamais ser vistos

<sup>13</sup>Lacan, J. (1960) in Escritos, ed. Siglo Veintiuno, p. 709.

<sup>14</sup>idem, ibidem, p. 713

como complementares: é como dissimétricos e suplementares que Lacan os apresentará. Assim, nestes dois trabalhos, toda a lógica fálica, no que concerne à mulher, será revista, culminando na exposição do autor da tábua da sexuação, onde é apresentada uma nova compreensão da sexualidade feminina, a partir do conceito de gozo.

Foi a partir da leitura do interessante texto de Colette Soler "*Le Pastoute*"<sup>15</sup> que pudemos compreender a estreita conexão existente, tanto em "*L'Étourdit*" quanto no seminário XX, entre o avanço lacaniano das questões do feminino e a operação do analista, enquanto agente do discurso analítico. Esta articulação, tema fundamental que ultrapassa os propósitos desta dissertação, será deixada de lado para que nos detenhamos nas propostas de Lacan especificamente acerca do feminino. No entanto, não será possível compreender tais propostas sem apresentar o quão estreitamente ligadas encontram-se as dimensões discursiva e sexual.

Lacan insiste em seu enunciado: o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Nos trabalhos citados<sup>16</sup>, no entanto, é à categoria de discurso, como laço social, que ele virá dar toda relevância. Isto se expressa, em linhas bastante gerais, da seguinte maneira: fazendo um giro na lógica reinante na filosofia, ele afirma não podermos pensar o ser como pré-existente ao significante, senão como produzido por ele. É a linguagem que nos impõe o ser. O ser é um significado induzido pelo significante e o sujeito, como efeito de significação, é resposta do real. Qualquer realidade se funda e se define por um discurso. O ser, para Lacan, é o ser da significância. Isto significa, dentro do próprio *corpus* da teoria lacaniana, um giro na compreensão passível de ser extraída do seminário XI, de 1964.

<sup>15</sup>Soler, C. (1992), *Le Pastoute* in *Révue de l'École de la Cause Freudienne*, Paris, jan/fev 1992.

<sup>16</sup>Lacan, J. (1972) O Seminário. Livro XX. (Mais, ainda) e idem, *O Aturdido*, Rio de Janeiro, Escola Brasileira de Psicanálise, Mimeo.

Lá, a categoria de *ser* era mencionada como instância mítica, prévia à constituição do sujeito, tanto quanto o significante. O sujeito é então o efeito deste encontro entre ser e significante, que permitiu ao sujeito tanto sua fundação quanto a constituição de um Outro, no qual ele virá a se alienar, afanisar e do qual se separará, inauguradas aí, neste ato, as duas faltas que, se recobrando culminam na queda do objeto a.

Sem modificar este pilar de sua construção teórica, Lacan passa a tratar o ser de modo diverso a partir de 1972. O ser de significância aí presente está próximo da falta-em-ser antes preconizada. Utilizar-nos-emos da exposição de Serge André, que sintetiza admiravelmente as questões presentes naqueles trabalhos:

"Se o ser é assim produzido pela ( e não pré existe à ) significância, se o suposto aquém da linguagem se revela ser o seu mais além, convém reconsiderar a relação entre os dois gozos [ fálico e outro]. O gozo do ser, do Outro como tal, não será finalmente, produzido como seu mais-além pelo gozo sexual, quer dizer, pela função fálica?" <sup>17</sup>

"*L'Étourdit*" <sup>18</sup> pode ser considerado a ante-sala de "*Mais, ainda*" <sup>19</sup>. Neste escrito, Lacan afirma, a propósito do discurso analítico, que nenhum dito escapa à existência da diferença sexual. Se retornarmos a Freud <sup>20</sup>, poderemos pensar que sua descoberta central no terreno da diferença sexual

<sup>17</sup> André, S., 1987, p.218

<sup>18</sup> Lacan, J. (1972), op. cit.

<sup>19</sup> idem, (1972) [1985], op. cit.

<sup>20</sup> Freud, S. (1924), *A Organização Genital Infantil* in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.

é que, no inconsciente, esta diferença é representada pelo fato de que aí apenas o falo é passível de se inscrever. Podemos supor que, a partir daí, ele obteve relativo sucesso, através da trama edípica, em explicar como é possível para um homem amar sexualmente uma mulher. Quanto à famosa questão de o que quer uma mulher, ele fracassou.

O mais-além do Édipo foi formalizado por Lacan através da lógica do não - todo. Aliás, é precisamente no campo da lógica que Lacan virá alojar a diferença sexual. São lógicas diversas que regem o masculino e o feminino, sendo a lógica por ele utilizada para o feminino um uso verdadeiramente revolucionário de Husserl. O drama edípico é colocado em questão, sendo deste retirada a lógica de conjunto do todo. Isto significa, em relação a Freud, um giro tal que a questão da inveja do pênis, sempre passível de ser lida como delegando à mulher uma condição deficitária, de *a menos* é substituída por outra, na qual a diferença não mais se coloca em termos comparativos: a mulher não seria um a menos, mas um mais-além da lógica edípica. Este mais além deve ser aí compreendido, repetimos, exatamente no mesmo sentido do *mais além do princípio do prazer*, que exige a presença deste, mas não o complementa. O outro gozo, o gozo feminino, suplementar, que não poderia excluir a referência ao falo, só é situável através da lógica do não - todo, não-toda-fálica.

Lacan <sup>21</sup>afirma, repete, insiste e desdobra sua afirmação de que não há relação sexual. O que vem em suplência à inexistência de relação sexual é o amor. Ao masculino não corresponderá o complemento feminino, com o qual será possível uma coalescência. Tudo o que resta ao humano no terreno do sexo é gozar de um corpo, corpo este que o Outro (enquanto simbólico) simboliza.

---

<sup>21</sup>Lacan, J. (1972).

" ... só se pode gozar de uma parte do corpo do outro, pela simples razão de que jamais se viu um corpo enrolar-se completamente, até inclui-lo e fagocitá-lo, em torno do corpo do Outro. É por isso que somos reduzidos a um estreitamentozinho assim, a tomarmos um antebraço, ou não importa o que - puxa! " 22

Lacan apresenta, conforme Freud, a partir da distinção anatômica, um órgão que se faz significante: o falo. E isto assim se dá pela função que lhe advém do discurso, aí entendido como laço social. O humano teria abdicado do "fluxo da vida", da possibilidade da plenitude, a partir do momento em que se constituiu como ser de linguagem. Inaugura-se o gozo como perda, e dele se pode falar. Este é o gozo fálico.

O gozo feminino é silencioso. A este, a linguagem não recobre, em sua possibilidade de representação. Temos aí, na dimensão discursiva, o efeito para o humano da diferença anatômica: não será através dos significantes que o gozo feminino poderá ser tocado.

Lacan aponta que era necessário que existisse a distinção entre simbólico, imaginário e real para que a identificação imaginária de um sujeito ao homem ou à mulher não se confundisse com a possibilidade de sua relação. As insígnias imaginárias, os caracteres sexuais secundários, oferecem uma chance mimética de identificação. Contudo, sem o conceito de real, que lastreia a ausência de inscrição do significante da mulher no psiquismo, não seria possível avançar esta elaboração. O que se verifica na clínica é que tanto para homens quanto para mulheres, a questão de ser ou

<sup>22</sup>Lacan, J. (1972)[1985] Mais, ainda. p.35

ter o falo parece suprir a função sexual. Em uma rápida observação, parece esgotar-se aí o trâmite sexual do humano. Poderíamos então afirmar que, para todo humano, há o falo do humano: é em relação a este que se organizará o sujeito, quanto às possibilidades de encarnação ou posse dele, tramadas em sua fantasia. No entanto, o falo não se oferece como significante inscrito no psiquismo para representar a mulher. Se pensarmos o que cabe ao feminino como sendo da ordem daquilo que se inscreve em falso contra a função fálica, estaremos equivocadamente atrelados à idéia de complemento: o fálico e seu contrário. Como afirma Lacan, "É bem esta a lógica que resume tudo o que é do complexo de Édipo."<sup>23</sup>

No entanto, se retornarmos a Freud <sup>24</sup>, veremos que ele, tratando da fantasia, elabora uma apresentação desta em três tempos, dos quais o segundo é impossível de ser recordado, escapando ao domínio do recalcado, ou, em outras palavras, do representacional, do significante, do simbólico. A fantasia fundamental está, portanto, relacionada com o impossível de ser dito. Em termos lacanianos, podemos dizer que a fantasia fundamental, por referir-se ao sujeito como ocupante de uma suposta condição insuportável de objeto, toca o real, fazendo a trama, a borda da dimensão irrepresentável, dando-lhe uma moldura. Não é contra a condição de falo que a fantasia vem se constituir. O que se tem notícia através da fantasia é da dimensão fálica aí presente. E aquilo da fantasia que não é passível de ser recordado, dado que nunca esteve inscrito, isso tem a mais íntima relação com esta outra condição indizível que é a mulher. Ou, dizendo de outra forma, com o significante de uma falta no Outro [s(A)]. A questão colocada entre feminino e fantasia poderá ser melhor vislumbrada através da elaboração

---

<sup>23</sup>Lacan, J. (1972) *L'Étourdit*. p 11.

<sup>24</sup>Freud, S. (1919).

lacaniana conhecida como a "tábua da sexuação"<sup>25</sup> onde, alternativamente à lógica do complexo de Édipo, Lacan promove outra que afirma duas possibilidades de alocação do humano, a partir do advento da transformação de um órgão em significante fálico. A primeira metade, concernente ao sujeito, obedece às seguintes premissas:

1. que todo sujeito se inscreve na função fálica  $(\forall x . \Phi x)$ <sup>26</sup>, para recobrir a ausência da relação sexual e
2. que há, fundando a possibilidade e dando lastro à primeira premissa, excepcionalmente o caso em que existe um sujeito para o qual tal função não é satisfeita, quer dizer, alguém a quem a castração não afeta; ele está disto de fato excluído  $(\exists x . \Phi x)$ <sup>27</sup>.

Ao para todo do primeiro enunciado, existe um que lhe faz limite, sendo o que o confirma. O um que existe é um sujeito a quem se supõe que a função fálica falte. Supor que a um a função fálica falta é supor que a castração não se dá paratodo. A castração permanece sendo o laço com o pai e o que, em cada discurso, conforme Lacan, "*se conota de virilidade*"<sup>28</sup>

Os lugares simbólicos, referentes à virilidade, que estas duas condições conjugadas expressam só são transmitidos pela ordem de um discurso.

Lacan se baseia no mito freudiano<sup>29</sup> do pai da horda primitiva para demonstrar que a ordem dos homens fundou-se a partir de uma exceção: o pai real, que podia gozar de todas as mulheres, na totalidade de cada uma delas. Esta referência mítica vem fundamentar a inexistência, no registro

<sup>25</sup>Lacan, J. (1972)[1985] *Mais, ainda*. p.105.

<sup>26</sup>para todo sujeito, a função fálica funciona, ou seja, todo sujeito está submetido à castração.

<sup>27</sup>existe um sujeito para quem a função fálica não funciona. Alusão ao pai totêmico do texto freudiano "Totem e Tabu".

<sup>28</sup>idem, *L'Étourdit*. p.13.

<sup>29</sup>Freud, S. (1913).

humano, de algum homem que escape à castração. As insígnias da masculinidade, por deterem a condição de insígnias, apontarão para este laço com o pai. A virilidade é aquilo que, por poder se representar, se ancora no significante fálico e estrutura o sujeito enquanto representado por um significante para outro. Nesta primeira metade da tábua da sexuação não se encontram presentes os elementos irrepresentáveis, nomeadamente, a vagina para Freud e, para Lacan, objeto a.

Quanto à dimensão do feminino, Lacan nota que em Freud, nada o guiava nesta direção, já que era às histéricas, "*que bancam o homem*"<sup>30</sup>, que ele escutava. Diferentemente de Freud, Lacan não obrigaria as mulheres a se alinharem do mesmo modo que os homens nas fileiras da castração.

" A este propósito, a elocubração freudiana do complexo de Édipo que aí torna a mulher peixe na água, porque a castração já está com ela no princípio (Freud dixit), contrasta dolorosamente com o fato da devastação que é na mulher, para a maioria, a relação com sua mãe, de quem ela parece esperar como mulher maior subsistência do que de seu pai, - o que não combina com ele sendo segundo nesta devastação"<sup>31</sup>

Este posicionamento vem mostrar que é equivocado supor que a mulher lida de saída com a castração, castração aí considerada, em uma homologia de efeitos para com o homem. A clínica demonstra que não é

<sup>30</sup>Lacan, J. (1972) *L'Étourdit*. p 18.

<sup>31</sup>idem, *ibidem*. p. 18

mais particularmente simples para as mulheres lidar com o impossível, com a falta. No entanto, para elas é de outra vicissitude que se trata, é preciso desdobrar no discurso o que concerne à diferença anatômica.

Para que aqueles sujeitos que se propõem ser ditos mulheres se produzam, duas premissas diversas são enunciadas,

1. que não existe, nesta metade, nenhum sujeito que não esteja assujeitado à castração ( $\exists x . \Phi x$ )<sup>32</sup> e

2. que nenhum destes sujeitos está inteiramente assujeitado à castração ( $\forall x . \Phi x$ )<sup>33</sup>.

- O que significa que, para Lacan, as mulheres são nãotodas submetidas à castração, nenhuma mulher é por completo submetida à castração, mas todas o são, ao menos em parte, sem exceção. Na metade feminina, não há nenhuma mulher que, aos moldes do pai da horda, tenha escapado da castração e, através de sua exclusão, fundado uma ordem, a partir daí, dos demais homens. As mulheres todas se igualam em sua condição de nãotodas, não instaurando uma ordem, contando-se cada uma, uma a uma. A isto Lacan acrescenta, lembrando o adivinho grego Tirésias<sup>34</sup>, que a mulher é, dentre as metades nas quais se repartem os humanos, a única a ser ultrapassada pelo gozo que se faz do coito. Isto se dá, a partir do antes exposto, precisamente pelo fato de estar além do significante algo que concerne especificamente ao feminino. O gozo vigente no coito, o gozo fálico, concerne aos sujeitos falantes, sejam eles homens ou mulheres. As

<sup>32</sup>não existe sujeito para quem a função "falo" de x - castração- não funcione.

<sup>33</sup>para não-todo o sujeito é verdadeiro que a castração funcione.

<sup>34</sup>O mito grego nos informa que Tirésias, sábio e adivinho, desejando saber o máximo possível acerca dos humanos, pediu à Hera, esposa de Zeus, que lhe permitisse transformar-se em mulher e viver como uma, para saber o que sentiam. A deusa - mãe do Olimpo atendeu seu pedido e durante dez anos ele teve esta oportunidade, retornando, então, à condição de homem. Um dia, quando interrogado por Zeus acerca de qual dos dois, homem ou mulher, desfrutava de maior prazer sexual, Tirésias não hesitou, afirmando ao deus que o gozo da mulher era dez vezes mais intenso. Hera, que a tudo assistia, amaldiçoou o adivinho, cegando-o no mesmo ato. Ela considerou suprema traição Tirésias ter revelado o grande segredo das mulheres.

mulheres enquanto portadoras de um sintoma, funcionando na lógica do fantasma, interrogando-se sobre o enigma do que é A mulher, respondem do lado esquerdo da tábua da sexuação. No entanto, por serem afetadas pelo feminino, subvertem esta lógica, podendo estar presentes da seguinte maneira:

- como objeto na fantasia do sujeito (a) ou
- como semblante de objeto (La), relacionando-se com o falo, elemento heterogêneo a este campo e com o significante de uma falta no Outro, podendo ter um acesso ao gozo decorrente desta falta que o falo vem esconder.

Este é o lugar possível para aquelas que, quando convocadas a ocupar o lugar inabitável de objeto, disto fazem semblante. O gozo que deste lugar decorre, aquele resultante do vislumbre da falta do Outro, este é o gozo suplementar, místico, relativo àqueles que se dividem quanto à castração, não respondendo, diante desta, todas as vezes, com o significante fálico.

A questão instigante que se coloca a partir desta elaboração é a do preço necessariamente pago a quem responde pelo lado direito da tábua da sexuação diante das exigências próprias à condição de sujeito concernente ao ser falante. Se é de uma falta que o feminino vem dar notícia, na psicanálise, falta estruturante de toda esta lógica, é também necessário avançar quais são os modos particulares de responder a esta falta cabíveis às mulheres enquanto encarnadas e sujeitos falantes.

$\exists x . \Phi x$ $\forall x . \Phi x$	$\exists x . \Phi x$ $\forall x . \Phi x$
$\$$ $\Phi$	$S(A)$ $a$ $La$

Lacan enfatiza que os sujeitos, independente de seu sexo biológico, podem responder de um ou de outro lado da tábua da sexuação. Ele cita os místicos, como São João da Cruz, como exemplo de um homem alinhado do lado do feminino. No entanto, em momento algum, em sua elaboração, ele destaca a condição de semblante de objeto de sua pertinência mais íntima às mulheres e do efeito que a existência destas tem para o laço social que estrutura a ordem humana, fundando a evidência da diferença sexual.

↳ O feminino é visto como sendo o heterossexual, *heteros* em relação ao falo. Lacan afirma:

" Digamos heterossexual por definição aquele que ama as mulheres, qualquer que seja seu próprio sexo. Isto ficará mais claro. Eu disse: amar, não: a elas estar prometido

por uma relação que não há. É isso mesmo que implica o insaciável do amor, o qual se explica por essa premissa.”<sup>35</sup>

Amar o feminino é ser capaz de responder, com o amor, ao reconhecimento da impossibilidade de complementaridade entre os sexos. Apenas ao sujeito, alinhado na metade esquerda da tábua da sexuação, é dada a possibilidade de desejar, causado pelo objeto a, através da fórmula da fantasia, único modo pelo qual os humanos desejam. Em resposta à impossibilidade da relação sexual, restará amar aquele que pode saber, ao Outro a quem é suposto um saber. Esta vicissitude de assujeitamento ao Outro, em homens e mulheres, marca a feminilização necessária que o amor implica. Marca também o sinal da existência de um gozo que ultrapassa o sexual.

E é bem através do conceito de gozo que a *sex-ratio* (segundo Lacan, a razão do sexo) ganhará seu sentido mais exato, podendo nos auxiliar a compreender a especificidade da fantasia (*fantasme*) da mulher e o lugar possível que esta, enquanto sujeito, reserva a seus objetos, dentre os quais o filho ocupa um lugar privilegiado.

A posição de dividida quanto ( e não pela) à castração afeta as mulheres em suas possibilidades de identificação, bem como em seu gozo. O gozo que concerne ao feminino, longe de ser uma insígnia desta condição, é lugar de silêncio. Sendo da ordem fálica tudo o que é da linguagem, o gozo feminino toca o real, enquanto presente no simbólico através do S(A). Este gozo é uma exigência lógica da sexuação e da linguagem, sendo o simbólico portador, em si mesmo, do lugar desta falta de significante que lastreia a partilha dos sexos do humano.

---

<sup>35</sup>idem, *ibidem*, p. 20.

" Portanto, não fiz uso estrito da letra quando disse que o lugar do Outro se simbolizava pela letra A. Por outro lado, eu o marquei duplicando-o com esse S que aqui quer dizer significante, significante do A no que ele é barrado - S(A). Com isto, ajuntei uma outra dimensão a esse lugar do A, mostrando que, como lugar, ele não se agüenta, que ali há uma falha, um furo, uma perda. O objeto a vem funcionar em relação a esta perda. Aí está algo de completamente essencial à função da linguagem."<sup>36</sup>

O gozo feminino, ao invés de inaugurar uma verdadeira natureza feminina, desnaturaliza tanto o homem quanto a mulher. A questão do gozo feminino afasta-se da oposição clitóris-vagina, para lançar, nas franjas da lógica fálica, uma condição suplementar. A baliza que assegura este arranjo é menos anatômica do que simbólica. Ou, conforme Lacan:

"O ser sexuado dessas mulheres não-todas não passa pelo corpo, mas pelo que resulta de uma exigência lógica na fala"<sup>37</sup>

Não é alcançável, dada sua afinidade com o impossível, a encarnação da condição de objeto a para um sujeito qualquer. É apenas na condição de semblante do objeto, máscara de uma verdadeira condição feminina inexistente, que um sujeito-mulher, dirigindo-se a este significante de uma falta no Outro poderá experimentar um gozo além do fálico. Deve-se

<sup>36</sup>Lacan, J. (1972). Mais, ainda. p. 41

<sup>37</sup>idem, ibidem, p. 19

destacar, entretanto, que para um sujeito neurótico, aprisionado nas malhas da fantasia, o acesso a esta condição não se faz sem que a exigência de um trabalho titânico se coloque, cobrando eventualmente seu preço, pela ameaça incestuosa que porta, na moeda do horror e da angústia.

Seja como analista, seja como mulher, é apenas possível suportar pontualmente tal condição de semblante de objeto. Se uma mulher acede à possibilidade de ocupar tal lugar na fantasia do homem, ela lá estará como causa de desejo.

O gozo sexual é fálico. É o gozo que concerne ao sujeito dividido pela castração e à mulher (la femme), enquanto afetada pela castração e dirigida ao falo. O fantasma só comparece para os sujeitos inscritos na função fálica, seguindo a lógica do paratodo. À mulher, dividida quanto à castração, decorrente da ocupação deste lugar de causa de desejo, concernirá um outro gozo, decorrente deste outro lugar. É legítimo supor que desta possibilidade decorrerão efeitos sobre o fantasma. Se aquela que ocupa o lugar de sujeito é, enquanto sujeito, não toda fálica, a este em particular terá de ser suposta uma especificidade fantasmática quando colocada diante do objeto singular que o filho resulta ser. É em conexão com esta hipótese que trazemos a fantasia de destruição, o efeito avassalador ou irreversível que a maternidade carrega.

Se para Lacan o fantasma ( $\$ \blacklozenge a$ ) é o que faz tela ao insuportável da castração em uma conjunção/disjunção do sujeito com o objeto por ele chamado "mais de gozar", é necessário interrogar o lugar do fantasma para os sujeitos que se alinham do lado do feminino. Aí se coloca a questão da criança como objeto e de seu lugar na dupla inscrição que irá concernir à mulher na tábua da sexuação.

" Para esse gozo é, não-toda, quer dizer, que a faz em algum lugar ausente de si mesma, ausente enquanto sujeito, ela encontrará, *como rolha*, a esse que será seu filho. " ( grifo nosso) <sup>38</sup>

Iniciaremos nosso quarto capítulo tratando da dimensão da fantasia presente na maternidade, dando relevo ao que de particular é exigido de um sujeito dividido quanto à castração, no momento de ocupar um lugar tão particularmente afeito à condição fálica. Se não podemos dizer paratoda mulher, no entanto, não nos escandalizaria dizer paratoda mãe. De que modo poderá, então, a mulher suportar a condição de mãe?

---

<sup>38</sup>idem, ibidem, p.49

## CAPÍTULO 4

### PODE A MULHER SER MÃE ?

ou

### O HORROR E A ANGÚSTIA NO ADVENTO DA MATERNIDADE

"...uma mulher, tanto quanto um homem, não é um objeto pequeno a. Ela tem os seus [objetos] (...) de que ela se ocupa, isso nada tem a ver com aquele do qual ela se suporta num desejo qualquer. (...) contrariamente ao que se diz, a mulher não tem a sofrer nem maior nem menor castração que o homem."

Jacques Lacan, R.S.I.

#### 4.1 A MATERNIDADE COMO QUESTÃO PARA AS MULHERES

Poder-se-ia supor que, após o passo dado por Lacan na teorização acerca do feminino, a maternidade tivesse perdido todo o relevo que lhe fôra concedido no trabalho de Freud, enquanto "*via feminina normal final*". É bem verdade que enquanto tal, "via normal", a maternidade perdeu relevância. No entanto, o que a clínica demonstra é que a maternidade é um advento singular na vida das mulheres, ocupando um lugar privilegiado em seu discurso.

Longe de ser um episódio biográfico pareado a outros, porém, em uma direção bastante diversa da beatitude apontada por Freud, o advento da maternidade tem efeitos definitivos sobre a subjetividade feminina. Estes efeitos são comumente relatados como sendo da ordem de um sentimento de *irreversibilidade*, vivido imediatamente após a chegada do primeiro filho,

denotando que algo está definitivamente modificado, sem retorno, na vida da mulher.)

Foi a partir da escuta de um relato sobre esses efeitos que iniciamos nosso percurso para interrogar de que ordem de mudança irreversível estariam falando estas mulheres. Descontado o aspecto de contextualização social de nossos dias, que pode ser situado na dimensão das identificações imaginárias, no que diz respeito à forma de ser mãe na contemporaneidade (ao que se acrescenta ser esposa, profissional, cidadã etc.), pensamos poder supor algo de estrutural, e que também inclui, de outro prisma, o registro do imaginário, referente a este passo irreversível que o ingresso na condição de mãe porta.

O primeiro caso clínico que nos chegou e impressionou no tocante a esta questão conta aproximadamente oito anos. A paciente que, sob transferência, revelara-se histérica, dois meses após o abandono da análise, retorna ao consultório para, furiosa, acusar a analista de que esta sempre soubera que ela poderia ter assassinado seu bebê, seu primeiro filho, que então contava seis meses, e não tomara qualquer atitude para evitar a tragédia, tragédia esta que jamais aconteceu. A análise foi então abandonada por mais de cinco anos e recentemente retomada. O destino deste atendimento, entretanto, nos importa menos, aqui, do que seu efeito sobre a analista. Do que será que aquela mãe, aquela mulher estaria falando? Por que atribuir, sob transferência, um saber ao analista acerca de um impulso destrutivo dirigido ao bebê, impulso este que, obviamente, a analista então ignorava por completo? E o que significaria a fantasia de aniquilamento do bebê? Por que tal fantasia adviera?

Desde então, debruçamo-nos sobre esta interrogação, que remeteu a tantas outras, acabando por resultar em um interesse particular pela

especificidade do Édipo e do gozo femininos, e pelo lugar singular que a chegada do primeiro filho e a entrada na condição de mãe acabam por ocupar. Tal percurso levou-nos a especular acerca da particularidade fantasmática das mulheres, divididas quanto à castração. Se as mulheres, segundo Lacan<sup>1</sup>, não encarnam a condição de sujeitos de modo idêntico aos homens, quais serão, então, as conseqüências da maternidade para o arranjo fantasmático feminino e o que de singular representará este dado para suas relações de objeto, aí tomado o filho como um objeto privilegiado?

Ter objetos é próprio do sujeito. Ser objeto é impossível para o humano. No entanto, conforme apresentamos no capítulo anterior, é dado ao lado feminino da tábua da sexuação a pontualidade de ocupar o lugar de semblante de objeto para um sujeito, causando, daí, desejo<sup>2</sup>. Para aquelas que assim se estruturam, no remetimento discursivo que se apóia na conseqüência psíquica da diferença anatômica, a chegada de um objeto singular, o filho, não se faz sem marcas.

O filho é um objeto saturado de sentido incestuoso. Foi este o objeto ansiosamente aguardado pela menina, enquanto sujeito submetido à castração. O pai poderia finalmente concluir satisfatoriamente a obra incompleta da mãe e fornecer o filho que viria preencher a falta que a castração cava para todo sujeito. Esta dimensão do filho como dom do pai terá, sempre, algum lugar na fantasia da mulher. E esta fantasia não poderá deixar de estar marcada pelo fato de as mulheres serem não-todas. É esta a especificidade fantasmática que pretendemos avançar em nossas próximas seções.

<sup>1</sup>Lacan, J. (1972) O Seminário. Livro XX (Mais, ainda). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

<sup>2</sup>Ao analista é possível também fazer semblante de objeto, sendo causa de desejo para o analisante. O ato analítico, do qual o analista só tira as conseqüências *a posteriori* dá também testemunho da presença do objeto na clínica. Isto, no entanto, não será desenvolvido no presente trabalho.

Voltemos à clínica. A partir deste atendimento que, note-se, ressignificou outros de uma série de mulheres jovens recém entradas na condição de mãe, percebemos, recorrentemente, a presença desta fantasia destrutiva, sob as mais diversas roupagens. Ora escutávamos : " Ele é tão mole, tão pequeno, me dá horror pensar que poderia apertá-lo com as mãos até esmagar.". Outras vezes, o relatado era de que "... estava dando banho no bebê quando pensei que ele era tão frágil que poderia matá-lo. Este pensamento me encheu de horror, nem gosto de falar nisso". Estas afirmações, eventuais, eram, no entanto, menos freqüentes do que uma outra, sempre presente em algum momento, sob as mais diferentes feições, nos ditos das mulheres. Esta outra ordem de relato, que era acompanhada de um sentimento de perda, apresentava a dimensão de alteração definitiva carregada pela maternidade. Esta alteração definitiva era sempre, em algum momento, apresentada como angústia. Insuportável de lidar, corporal, inexplicável, acompanhada de choro irrefreável, a certeza de não ser mais a mesma aparecia de modo avassalador para o sujeito-mulher. Fôsse pelo fato de não dormir mais à noite, de não poder ir ao cinema, de ser absolutamente necessária para o bebê, de ser a pessoa que entendia a demanda da criança, era sempre como irreversível que era apresentada a chegada do filho. "Eu não sou mais a mesma, desde então." Curioso que os homens que, atualmente, muito freqüentemente dividem com as mulheres os cuidados com o bebê e vêem-se igualmente restritos, em função disto, na realização de diversas atividades, relatando a chegada do filho, fazem diversas observações, jamais análogas às das mulheres. Há algo desta irreversibilidade que concerne ao sujeito-mulher, diante da assunção da condição de mãe.

Pelo fato de estarmos trabalhando no estrito campo metodológico e conceitual da psicanálise, apresentado em nosso primeiro capítulo, não nos será absolutamente possível recorrer às explicações orgânicas ou hormonais que são habitualmente utilizadas diante destes casos. O corpo que enfrenta o parto é compreendido como corpo erógeno, constituído narcisicamente, representacional, corpo do ser falante, afetado e marcado pela linguagem, perdido, pois, para a dimensão orgânica. O real do corpo que pode vir a ser afetado neste advento é da ordem do ser de significância, conforme Lacan<sup>3</sup>, efeito da linguagem, que instaura seu mais-além. Os efeitos dos quais tratamos são aqueles que concernem ao sujeito, jamais ao organismo.

Estes efeitos podem ser reunidos sob o nome de horror, para a fantasia recorrente de aniquilamento do bebê e sob o nome de angústia, no rastro da irreversibilidade relatada. (Como sabemos, tanto o horror quanto a angústia são, freudianamente, efeitos passíveis de ocorrer ao menino diante da castração.) A partir da novidade introduzida por Lacan<sup>4</sup>, somos forçados a pensar em duas vias, para avançar as vicissitudes decorrentes do advento da maternidade: uma via fálica, alinhada à posição masculina, na qual a lógica da castração comparece integralmente e que corresponde ao lugar do sujeito na tábua da sexuação; e outra via mais-além do falo, alinhada à posição feminina, que parcializa a castração, inaugurando uma outra lógica, a do não-todo. |

Por que será que o filho, objeto que classicamente viria suprir algo da castração na "resolução" edipiana da menina, é vivido através dos efeitos de horror e angústia? (Por que, tanto em seu endereçamento ao falo quanto ao significante de uma falta no Outro, o filho demonstra ser evocador de um

---

<sup>3</sup>Lacan, J. (1972).

<sup>4</sup>idem, *ibidem*.

*mal-estar*? O que, na maternidade, convocaria a mulher ao suposto risco de ocupar um lugar de objeto? E qual seria a dificuldade existente para a mulher suportar, ao ser lançada em um lugar de sujeito que tem um objeto tão particular? Serge André nos adverte que

{ " O desejo da mãe pela criança passa, pois, por uma condição: é que a criança, enquanto objeto a , seja revestida de um imaginário que permita à mãe ao mesmo tempo não reconhecê-la e suportá-la neste lugar de objeto."<sup>5</sup>

Considerando a estreita relação entre o fantasma e o registro do imaginário, será àquele, enquanto matriz de um gozo que particulariza o feminino, que viremos interrogar. Será também necessário dar toda relevância ao papel crucial de nodulação do fantasma com o simbólico, para uma elaboração acerca da entrada na condição de mãe. Isto, no entanto, não poderá ser feito sem que antes apresentemos o trabalho da psicanalista francesa Michèle Benhaïm, interlocutora privilegiada que encontramos em nosso percurso, que voltou-se, em seu trabalho, para o mesmo ponto que nos levou a esta pesquisa. Deter-nos-emos no assinalamento das diferenças entre nós e Benhaïm antes de dar forma própria à nossa elaboração.

---

<sup>5</sup>André, S. (1986), *O que Quer uma Mulher ?*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989, p. 193.

## 4.2 A FANTASIA INFANTICIDA NA MATERNIDADE

Em um ponto já avançado de nosso trabalho, encontramos a publicação " *La Folie des Mères - J'ai Tué mon Enfant* " de Michèle Benhaïm<sup>6</sup>. Traremos aqui as idéias centrais deste trabalho, a partir das quais poderemos avançar nossas considerações sobre a especificidade do fantasma na mulher e do que deste é exigido pelo advento da maternidade.

Logo de início, Benhaïm, psicanalista que atua em um centro hospitalar de Aix-en-Provence, nos informa que o que a levou a escrever este livro foi a verificação de que nem todas as tentativas de fazer do parto uma experiência não violenta teriam sido capazes de eliminar a angústia que, segundo ela, está sempre presente nesta circunstância. Estes avanços técnicos no parto são vistos como a denegação do fantasma que gera esta angústia. A autora não tarda a nos apresentar aquilo de que fala. Ela coloca que o fantasma concernente à maternidade é, analogamente ao relatado por Freud<sup>7</sup>, o de que *o mal já estava feito*. Segundo ela, quando se torna mãe, a mulher fica "louca", o sujeito se torna culpado. Esta loucura, tributo do arranjo imaginário que a maternidade obriga, seria regida pela seguinte lógica:

<sup>6</sup>Benhaïm, M. (1992) *La Folie des Mères - J'ai Tué mon Enfant*. Paris, Éditions Imago.

Este encontro foi por nós bastante festejado, já que estávamos habitando um deserto bibliográfico no tocante ao tema maternidade, desde uma perspectiva que tomasse a mãe como sujeito. Apesar de encontramos menções aos efeitos da maternidade para a mulher em Lacan (1974), Serge André (1989/1992), Gérard Pommier (1987) e outros, tais menções eram apenas pontuais, não havendo trabalho extenso, que nos chegasse ao conhecimento, dedicado ao assunto. A mãe era muito mais freqüentemente referida como um lugar alteritário concernido na constituição do sujeito do que uma passagem subjetiva, com efeitos fantasmáticos, para uma mulher. Obviamente não ignoramos o trabalho de Helen Deutsch e outros que se detiveram diante da questão. Era entre os lacanianos que identificávamos esta lacuna. Tal fato não nos parecia de modo algum surpreendente, já que o giro de abordagem do feminino feito por Lacan afastava a relevância, sempre fálica, pela qual a maternidade era antes considerada. Foi por isso com satisfação que encontramos o livro de Benhaïm que, desde o título, nos fez pensar que teríamos a possibilidade de uma frutífera interlocução, o que de fato ocorreu. ~

<sup>7</sup>Freud, S. (1916) *ESB* vol. XIV, *Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico*, capítulo III, "Criminosos em consequência de um sentimento de culpa", Imago Editora, Rio de Janeiro, 1980.

"O instante no qual a mãe inscreve a criança na ordem dos viventes é o mesmo no qual ela o inscreve naquela da mortalidade. E o poder de dar a vida não conferiria o de a retomar?"<sup>8</sup>

Tal colocação remete-nos, de imediato, à compreensão de que esta fantasia leva em conta apenas dois, sujeito e objeto, estando a mãe aí negando a inexorável condição de submetida à Lei, enquanto portadora da falta irrevogável bem como recusando-se a endereçar este filho, enquanto desejado, ao Outro (parceiro, mundo...). Esta seria a loucura desencadeada pela maternidade. Resta obscuro o porquê desta subtração à condição de submetida à castração que este momento representaria. É mesmo esta a fantasia da mãe. À teoria cabe vir esclarecer como é estruturada esta fantasia.

Benhaïm descreve a loucura materna como sendo decorrente de uma fantasia assim apresentada: "eu matei minha criança, aquela mesma a que eu acabei de dar à luz". Este fantasma seria definido como estruturante do desejo, apontando para um clássico voto inconsciente infanticida que todo genitor portaria. Segundo a autora, não se trata da explicitação de um "desejo de passar ao ato"(sic), mas das conseqüências que tal passagem ao ato imaginária carreia: a mãe não sofreria de seu desejo de matar o bebê, mas do "desejo" de ser reconhecida como culpada de havê-lo matado. E do que seria ela culpada, enfim? Nossa suposição é a de que esta culpa viria reinstaurar a Lei que fôra subtraída pela fantasia de poder determinar sobre a vida e a morte do bebê.

<sup>8</sup> "Dans l'instant où la mère inscrit l'enfant dans l'ordre des vivants, elle l'inscrit dans celui de la mortalité. Et le pouvoir de donner la vie ne lui conférerait-il pas celui de la reprendre?"  
Benhaïm, M., 1992, p.11. Tradução nossa.

Para empreender sua elaboração, Benhaïm, recorrendo à experiência clínica derivada dos muitos atendimentos realizados no hospital, apresenta extensamente as possíveis diferentes feições que este fantasma pode adotar enquanto "tipologia" no exercício da maternidade, respondendo, nos dois capítulos finais, a esta questão. Ela divide as mães, enquanto portadoras da culpa decorrente da fantasia homicida, em categorias que referem a diferentes tipos de "loucura", tais como a "loucura surda", a "loucura pervertida", a "loucura mortífera", a "loucura sábia" e a "loucura tomada em sua própria armadilha"<sup>9</sup>, nas quais não nos deteremos aqui.

O desfile das vicissitudes que cercam a maternidade no livro de Benhaïm, tem um interessante momento quando ela nos apresenta a "loucura impossível". Neste capítulo estão apresentadas as diferentes formas de malogro que podem cercar as tentativas de conceber ou ter um filho ( fecundação *in vitro*, adoção, falsa gravidez, ligadura de trompas, interrupções voluntárias de gravidez) e a impossibilidade que este insucesso revela. São tratados neste capítulo aqueles casos em que a vida da mulher passa a girar todo o tempo em torno de tentativas mal-sucedidas de ter um bebê, por motivos aparentemente orgânicos ou por impossibilidades diversas, que levam ao aborto. A fantasia presente, como sempre, remete ao assassinato do bebê. Há, entretanto, uma particularidade que estas circunstâncias permitem apresentar. O filho aí assassinado é suposto, fantasisticamente, pelo sujeito mulher, como sendo não o seu filho, mas o de sua mãe. Este seria tipicamente aquele filho do período edipiano, aquele que cada menina pediu ao próprio pai. Esta dimensão fantasmática parece-nos crucial para analisar os efeitos de horror e angústia que emergem diante do advento da maternidade. Do impensável, do insuportável do incesto

---

<sup>9</sup>Esta foi a forma que escolhemos para traduzir a "folie prise à son piège", Benhaïm, op. cit., p.67.

resulta, para Benhaïm, que a criança decorrente do crime deve morrer, o que pode, no patamar da realidade, equivaler também a não nascer. Pensamos que tal condição encontra-se presente e sob recalçamento sempre que a experiência da maternidade advém.

Também consideramos relevante quando a autora menciona uma outra categoria, por ela chamada de "loucura internada", que concerne àquelas mulheres que, a partir da perda real do filho (não necessariamente bebê) acabam internadas em manicômios, por terem enlouquecido diante do insuportável desta perda. A culpa assassina da mãe, presente na fantasia de aniquilamento do bebê, quando realizada, não pode ser suportada pelo sujeito. Este acontecimento tem efeito de não-senso. Se a passagem da condição de não-mãe à de mãe provoca os efeitos que a autora relatou, ela agora afirma que o caminho contrário não existe. Não se passa de mãe à não-mãe. Não existe sequer no dicionário a palavra que significaria "aquela que foi mãe e já não o é mais".

"Quando a mãe perde seu filho, surge uma posição insustentável, esta do retorno impossível. O estado de mãe é irreversível. A regressão (mãe→não-mãe) não pode se efetuar no psiquismo. (...) concebemos, enfim, que à vinda de uma criança, obrigando a mãe a uma tal mutação de sua subjetividade, não haveria mais qualquer retorno possível para trás."<sup>10</sup>

<sup>10</sup> "Quand la mère perd son enfant, surgit une intenable position, celle du retour impossible. L'état de mère est irréversible. La régression (mère → non-mère) ne peut s'accomplir dans le psychisme. (...) on conçoit enfin que, la venue d'un enfant obligeant la mère à une telle mutation de sa subjectivité, il n'y ait plus aucun retour en arrière possible."

idem, ibidem, p. 89/90. Tradução nossa.

A autora compara a loucura da psicose puerperal, descrita por ela como "loucura presa em sua própria armadilha", à loucura internada dizendo que, se no primeiro caso o que se deu foi não um recalçamento, mas uma forclusão da fantasia geradora de culpa, no segundo, o que levou ao enlouquecimento foi a atualização do fantasma que a realidade promoveu. Pensamos que o aspecto mais relevante deste ponto da elaboração de Benhaïm, a irreversibilidade implicada quando da entrada na condição de mãe, não pode ser restrito às circunstâncias em que a morte do filho advém. Mesmo que este evento trágico tenha o poder de evidenciar o caráter de irreversibilidade presente na entrada na condição de mãe, não é apenas a estas circunstâncias que tal dado se restringe. Não é preciso que o suporte da realidade (a perda real) advenha para que as mães relatem que o ingresso nesta condição aponta um retorno impossível ao estado anterior de coisas. Não se efetua, em qualquer circunstância, a regressão da condição de mãe a de não-mãe e julgamos que este é mesmo um fator fundamental para o surgimento do horror e da angústia diante desta experiência.

A última das loucuras que destacamos é a "loucura assassina". Nas palavras da própria Benhaïm,

"Nossa hipótese de partida fazia de cada mãe, no registro do Imaginário, uma efetiva assassina de seu filho. A mãe que verdadeiramente passou ao ato, tomou seu fantasma a sério. Ela o tomou ao pé da letra. O ato veio nomear o que não podia se dizer de outro modo, aquilo que não tinha nome."<sup>11</sup>

<sup>11</sup>"Notre hypothèse de départ faisait de chaque mère, dans le registre de l'Imaginaire, une meurtrière accomplie de son enfant. La mère qui est vraiment passée à l'acte a pris son fantôme au sérieux. Elle l'a pris au pied de la lettre. L'acte est venu nommer ce qui ne pouvait se dire autrement, ce qui n'avait pas de nom."

Ela assinala que a mãe é, nestes casos, tão "responsável" pelo filho, que passa a ser responsável por sua vida e por sua morte, ou seja, de responsável ela se transmuta em culpada de sua morte, como ela o era da vida. Retomando o desenvolvimento iniciado na "loucura impossível", ela afirma que aquilo do que estas mulheres são fundamentalmente culpadas é de terem realizado o incesto, já que a lógica aí presente é a de compreender o filho de um homem como sendo o filho do pai. O filho assassinado é o filho do incesto, do qual a mulher quer ser reconhecida como assassina e culpada. Este reconhecimento garante o impedimento da manutenção do incesto. Ela afirma que na passagem ao ato, a realização do desejo encontra a anulação do fantasma. Sendo a condição de mãe irreversível, o estatuto que passa a concernir a estas mulheres é o de mãe assassina, ela vira mãe para sempre, de um modo diverso daquelas que não cometeram realmente o crime, sendo este a instalação definitiva da irreversibilidade antes recusada. Estas mulheres, que freqüentemente não opõem resistência à punição imposta pela justiça, eternizam, na condição de detentas, aquilo que a dimensão fantasmática incestuosa de seu desejo não pôde suportar e ultrapassar.

Na conclusão de seu trabalho, Benhaïm apresenta um paralelo entre ser pai e ser mãe. Para a autora, à paternidade se liga a idéia de responsabilidade. A responsabilidade porta a idéia da lei enquanto vigente e a culpa concerne, na vigência mesma desta lei, à tentativa (ou efetivação) de sua transgressão. É como culpada que a mulher ingressa na condição de mãe. Benhaïm diferencia ser uma mãe de ser a mãe. É deste segundo caso que se trata na fantasia das mulheres. Há uma superposição entre culpa e responsabilidade. A autora refere a origem desta fantasia ao enunciado

---

idem, *ibidem*, p.119. Tradução nossa.

freudiano que aponta a origem da culpa ligada aos dois crimes capitais: assassinato e incesto. A culpa seria incontornável porque inerente ao desejo, precedente a este. A diferença entre pai e mãe seria decisiva pela via da gestação<sup>12</sup>. O pai não "faz" a criança, não a porta em seu corpo e só se sabe pai porque a mulher assim o nomeia para que ele possa nomear a criança. Antes do nascimento, antes do pai e do nome, a mãe empreende sua obra. O filho, enquanto sujeito falante e desejante, resultado da metáfora paterna, somente advirá se a mãe acolher em seu discurso o pai que a lei simboliza. ✓

"Fazer nascer é também nascer no fantasma. Se o parto desperta na mulher o fantasma de ir além do interdito fundador do sujeito - o interdito do incesto - é necessário acrescentar a este fantasma sua outra face, fundadora da civilização, o assassinato. Assim, deste ponto de vista simultaneamente imaginário e simbólico, o nascimento toma valor de passagem ao ato incestuoso e assassino, dando lastro à culpa especificamente materna."<sup>13</sup>

O trabalho de Benhaïm teve, ao longo de nosso percurso, o mérito de nos relançar às questões que demandam elaboração de nossa parte. O lugar central dado à culpa no trabalho de Benhaïm nos remeteu à pesquisa em

<sup>12</sup>Pensamos ser mais adequado usar a idéia de transmissão do nome e da dimensão de enigma envolvida na paternidade para fundamentar tais argumentos. O que fizemos aqui, no entanto, foi traduzir fielmente os argumentos finais da elaboração de Benhaïm.

<sup>13</sup>"Faire naître c'est aussi naître au fantôme. Si l'accouchement réveille chez la femme le fantôme d'être passé outre à l'interdit fondateur du sujet - l'interdit de l'inceste - il faut adjoindre à ce fantôme son autre face, fondatrice de la civilisation, le meurtre. Ainsi, de ce point de vue à la fois imaginaire et symbolique, la naissance prend valeur de passage à l'acte incestueux et meurtrier rendant compte de la culpabilité spécifiquement maternelle."

idem, *ibidem*, p. 137. Tradução nossa.

outros trabalhos, desde Freud<sup>14</sup> a Catherine Millet<sup>15</sup> que, no tocante ao supereu, instância *princeps* do sentimento de culpa, relatam uma especificidade concernente a esta instância nas mulheres, que não deixa de ter fartos testemunhos na clínica. O supereu feminino, menos cruel que o masculino, eximiria em grande medida a mulher do sentimento inconsciente de culpa concebido por Freud. Precisamente pela dissimetria entre o Édipo masculino e feminino, algo da culpa ficaria em suspenso para a mulher. Por estar "de saída", segundo Freud<sup>16</sup>, na condição de castrada, a ameaça de castração, motor e âncora do supereu, afetaria a mulher apenas tangencialmente. Nossa escuta apontou muito mais insistentemente para as questões do horror e da angústia do que para o sentimento de culpa presente na maternidade, ainda que não descartemos nem tampouco recusemos as hipóteses acima descritas. Pensamos, no entanto, poder avançar em outra direção a elaboração acerca dos efeitos presentes diante da condição de mãe.

A clínica demonstra que se as mães são culpadas e vítimas, duas faces da mesma moeda, este destino concerne apenas à lógica edipiana, que toma a mulher como toda fálica, toda sujeita à castração, à qual acede apenas precariamente devido à inveja do pênis. A partir da criação lacaniana do objeto *a* e de seu desdobramento, anos depois, na "tábua da sexuação"<sup>17</sup>, julgamos restritivo pensar as vicissitudes da maternidade apenas conforme a óptica da mulher diante do falo, enquanto passível de ser toda submetida à castração.

---

<sup>14</sup>Freud, S.(1925).

<sup>15</sup>Millet, C.(1988),*Nobodaddy*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989.

<sup>16</sup>Freud, S., (1925).

<sup>17</sup>Ver. cap. 3 deste trabalho.

A elaboração de Lacan<sup>18</sup> nos traz preciosas contribuições para pensarmos estes eventos desde outra lógica: aquela que aponta a mulher como não toda sujeita à castração. Se é como sujeito que ela entra no jogo da maternidade, isto só se deu na medida em que ela pôde habitar um outro lugar, de semblante de objeto, que a levou até aí. Pelo fato de habitar este lugar, ela necessariamente ver-se-á obrigada a responder por e também desde este lugar mais-além do fálico, além de responder também pela via fálica propriamente dita, quando da chegada do filho. No entanto, diferentemente do efeito místico ou do erótico que decorrem da ocupação do lugar de semblante de objeto, a chegada do filho remeterá, por ter este a condição especial de objeto outrora demandado no registro incestuoso, à angústia e ao horror, antes que algum arranjo subsequente venha a se estabelecer. É isto precisamente que pretendemos desdobrar a seguir.

---

<sup>18</sup>Lacan, J., op.cit.

### 4.3 ENTRE SUJEITO E OBJETO

Sem linguagem, não haveria gozo. Se o humano goza, é porque, sendo constituído pela linguagem, perdeu o acesso à consistência da coisa, foi afetado pela castração, que é como podemos chamar tudo aquilo que vem fazer impossível à unidade pretendida no incesto. Porque à linguagem falta, podemos desejar. O Outro não é pleno, supomos que deseja, supomos, aliás, que deseja algo de nós (mas desconhecemos o que seja) e nos oferecemos / e nos subtraímos ao preenchimento desta falta. Deste lugar miticamente suposto possível de preencher a falta do Outro, decorre o horror do incesto - o risco de ser tragado e gozado como objeto - iminência que evoca também o afeto de angústia. Esta marca fundadora, insuportável ao sujeito, ele a tampona com o fantasma, matriz das repetições através das quais deslizará na cadeia significante, representando-se via sintoma. Ao desamparo inaugurado pela linguagem, restará ao sujeito socorrer-se no amor, que, como qualquer elemento imaginário, verá sua infinita profusão limitada pela especificidade dos trilhamentos no simbólico, conforme os significantes aos quais ele se alienou. A linguagem inaugurou também um território para sempre perdido, daquilo que seria da ordem do ser e que não poderá ser jamais representado. Voltamos aí ao que permite ao sujeito desejar e gozar, e também ser afetado pela angústia.

Como sabemos, tanto os homens quanto as mulheres são sujeitos, o que implica todo o desenvolvimento apresentado acima. Em nossa epígrafe deste capítulo, recorreremos a Lacan<sup>19</sup> para, inclusive, dizer que à mulher não cabe mais nem menos castração do que ao homem. Não é de uma perspectiva quantitativa que se trata, mas de uma posição diante da

<sup>19</sup>Lacan, J. (1974), RSI, tradução não autorizada do Seminário XXII, Inédito.

castração. Não-toda. O feminino é aquilo que vem dar suporte ao fato de que a relação sexual é impossível, de que a complementaridade não se dará.

"Se a mulher não fosse não-toda, se em seu corpo ela não fosse não-toda como ser sexuado, nada disso se agüentaria".<sup>20</sup>

Os sujeitos que são anatomicamente mulheres costumam apresentar a possibilidade de serem mães. E é enquanto sujeito que elas enfrentarão este episódio de suas vidas. No entanto, algo de particular deve haver no fantasma de quem é não-toda submetida à castração, que se revela no momento de responder de um lugar fálico, como o de mãe.

A mulher que se tornará mãe pôde habitar o lugar de objeto na fantasia de um homem, foi semblante do objeto parcial do qual este homem gozou. É esta a única maneira pela qual os filhos são gerados: uma mulher causa o desejo alojada na fantasia de um homem que goza do ato daí resultante.

Uma vez nascida a criança, esta virá a ocupar, por sua vez, o lugar de objeto no fantasma desta mãe. Este sujeito-mãe terá forçosamente um modo próprio de estar diante dos objetos, principalmente do filho, por ser mulher. Antes que o amor venha fazer seu papel de sutura, emergem as fantasias de aniquilamento, causadoras de horror e o afeto de angústia, diante do inexorável, do irreversível da maternidade. Por que a chegada do filho enquanto objeto de sua própria fantasia remete a mulher, da condição de semblante para o risco real de bascular fantasmaticamente para o lugar de objeto?

---

<sup>20</sup>idem,(1972)[1985], p.19.

Teremos, como em todo o desenvolvimento deste trabalho, que retomar duas vias, uma fálica e uma mais-além do falo, para tratar desta questão. Será do lugar de \$, sujeito barrado que goza de um objeto, que ela virá, aí, responder quando da chegada do filho, objeto privilegiado em sua fantasia. Não se trata, neste momento, de "fingir-se" de objeto, usando a feminilidade como máscara. É da proximidade da realização de uma fantasia construída em seu momento de estruturação como sujeito de que se trata agora. E o sujeito, na lógica do fantasma, pode apenas afirmar este lugar através da posse e gozo fantasísticos de um objeto; ou, correndo o risco de seu aniquilamento, ver-se bascular para a iminência de ocupar ele mesmo este lugar de objeto que completa o Outro, já que foi do encontro ( e posterior separação) deste último com o sujeito que o objeto pôde destacar-se.

Pensemos primeiro o que pode afetar uma mulher através do que destacamos como sendo a via fálica. Foi como falo que o filho foi demandado ao pai. E o que era então pretendido era o incesto. Este filho do pai, seguindo a lógica de Joan Rivière<sup>21</sup> deveria ser presenteado à mãe, que é aquela que ameaça aniquilar a filha. Este filho do pai, a ser presenteado à mãe, nunca chega realmente a ser possuído: é mesmo da impossibilidade do incesto que sua não-vinda fala. A menina sempre se frustra, em seu percurso edípico, quanto a este propósito. Mesmo assim, o desejo enquanto incestuoso estará marcado para o sujeito. Neste ponto, associamo-nos a Michèle Benhaïm quanto ao necessário remetimento à dimensão incestuosa do Édipo que a maternidade carrega. Seria mesmo como objeto de horror que este filho-incestuoso poderia ser vislumbrado. Aquilo que do desejo incestuoso restara recalcado e afastado, aí retorna como risco: se a menina

---

<sup>21</sup>Rivière, J.,(1929).

obtém o filho do pai, se o endereça à mãe, esta ficará completa, inteira, sem falta. Ainda que nenhum sujeito vise a castração, aquilo que viria eliminá-la, para o neurótico, só pode ser visto com horror, como a realização perversa daquilo que o recalque veio, estruturalmente, impedir. Se o filho toma o lugar de um objeto fixo representante do pênis materno, é como fetiche que ele se apresenta. Dele se pode gozar até consumi-lo por completo. Sendo, no entanto, de um sujeito neurótico que se trata, esta hipótese surge como fantasia e carregando consigo o horror que seu inverso, a perversão, provoca.

Eis aí o surgimento pontual do horror que a fantasia de aniquilamento do bebê, a partir do preenchimento fálico da mãe, impõe. Cumprindo a mesma função que o fetiche tem para o perverso, o filho de cujo corpo se pode gozar seria, em última instância, a ameaça do incesto cumprir-se na fantasia, completando o Outro. O que está em jogo, então, na emergência do horror é a fantasia de preenchimento fálico da mãe, que obteria o pênis primitivo que a filha supusera a ela, preenchimento este que seria conseguido através da obtenção do filho do pai, outrora ambicionado e nunca integralmente ultrapassado. Sendo, repetimos, a mulher em questão neurótica, é como horror, como insuportável, que a emergência da possibilidade da relação incestuosa com o pai é vivida. Isto se traduz, no laço com o bebê, através da súbita aparição da fragilidade da criança. O corpo do bebê, objetificado, aparece em sua dimensão carnal, deserotizada, como passível de ser usado, abusado, destruído. Aí emergem as idéias, rejeitadas com repulsa, de que "eu poderia esmagá-lo com as minhas próprias mãos". Isso que escapou ao recalque e surgiu para o sujeito como possibilidade, não podendo ser novamente banido de seu campo de saber, horroriza e apavora. Foi da emergência deste horror que a paciente que

relatamos em nossa Introdução veio culpar a analista de não tê-la advertido. Foi da suposição de saber feita à analista e autorizada pelo amor transferencial que a paciente veio demandar, sob a forma de exigência, a proteção do risco iminente que a acometeu.

Avancemos em nosso trabalho. É necessário um giro de perspectiva para pensarmos o surgimento do afeto de angústia a partir da entrada na condição de mãe. Para tal, pensaremos na mulher como aquela que tem a possibilidade de *fantasmar* a ocupação por si própria do lugar impossível do objeto. Esta dimensão não se opõe ao desenvolvido no que concerne ao horror, senão que a este se enlaça dialeticamente, como possibilidades não excludentes nem complementares, dado que entre elas coloca-se o hiato que o feminino porta.

Até então era do filho ocupando o lugar de objeto para a mãe que vínhamos tratando. Ocorre que o incesto é algo que se dá com o Outro e não com o objeto. É o risco fantasístico de encarnar o objeto que viria suturar a falta do Outro o que promove a angústia para o sujeito-mulher (diferentemente do horror, que acomete o sujeito diante da "oportunidade" de ter um objeto pleno de gozo). Se o que é relatado pelas mulheres diante do advento da maternidade compreende esta ordem, a da angústia, só pode ser do risco de uma convocação à ocupação deste lugar que se trata. O elemento detonador da angústia nas mulheres é aí identificado como sendo o próprio filho, sua demanda parecendo demasiada, impossível de ser satisfeita, exigindo mais do que um amor de mãe, exigindo-a em seu ser, de um modo tal que o que aparece é a iminência de ver-se decaída na condição de objeto. Esta possibilidade de ser tragada pela demanda do filho colocado no lugar de Outro nos pareceu vir responder às questões que reiteradamente nos colocávamos, tanto quando nos deparávamos clinicamente com a

circunstância da irreversibilidade associada à condição de mãe, quanto nas repetidas vezes que formulamos a mesma interrogação ao longo deste trabalho.

A mãe se vê demandada, quando da chegada do filho, de um modo inexorável. Ela, que demandara ter um filho para suturar a falta que reconhecia em si, vê-se, ela própria, demandada por aquilo que ambicionara ter. O risco suposto de responder pontualmente do lugar de objeto é uma via facilitada para a mulher, já que, em função da conseqüência psíquica da diferença anatômica, ela não conta com o pênis como suporte imaginário para o falo simbólico. E o é também pela inexistência do significante de seu sexo corporal e pelos desdobramentos que disto decorre no simbólico.

Este filho é agora tomado como pólo de todas as demandas irrecusáveis a que o sujeito-mulher deve responder. Isto se apresenta na clínica como uma perda-de-si irreversível, irreparável. Algo exige sem nomear o que quer. É a reinstauração massiva deste *Che vuoi?*<sup>22</sup> insaciável que remete à perspectiva de extinção, esgotamento, desaparecimento do sujeito-mulher. Por não saber o que o Outro quer, a resposta que o sujeito produzirá será a de que o Outro o quer, quer o seu ser, sua vida, sua morte, seu aniquilamento, para eliminar A falta. Esta ameaça, facilitada pela falta de balizamento significativo referente à mulher, é traduzida clinicamente como sendo da ordem da exigência de um abandono de si, promotora da angústia.

É porque a criança comparece a partir de uma cadeia simbólica de desejo, que seu giro para o lugar de Outro é possível. A mulher-mãe é convocada ao lugar de preencher o Outro. E é sempre da exigência do

---

<sup>22</sup>Lacan, J. (1958), Subversão do Sujeito e dialética do Desejo in *Escritos*, Rio de Janeiro, editora Perspectiva, 1988.

Outro que se enlouquece. Chegamos, por outra via, à iminência do incesto novamente. Mas se a mulher aí entra como ameaçada de comparecer como objeto, não é mais de um sujeito com sua fantasia perversa de completude que se trata, e sim do risco de poder entrar no jogo ocupando um lugar inabitável, o do objeto que serviria para completar o Outro.

O objeto  $a$  não é jamais um lugar para um sujeito. Esta possibilidade presentificaria um impossível "Outro sem barra", barra esta que o feminino vem justamente instaurar. É precisamente por isso que o lugar da mulher na tábua da sexuação de Lacan desdobra-se em objeto  $a$ , causa do desejo do sujeito e *La femme*. E este objeto só pode ser pensado para um sujeito em sua fantasia. A mulher não existe, mas as mulheres, divididas quanto à castração, demarcam um lugar  $a$  partir do qual se experimenta um gozo além do fálico, que só pode ser pensado como cadente, como referência pontual. A ocupação do lugar do objeto  $a$  é inumana, impensável, referida ao real, fazendo este objeto seus efeitos sobre o sujeito, através do imaginário e do simbólico, como condição para ser falante, causação de desejo ou sinal de angústia. A possibilidade fantasística de acesso à condição de objeto  $a$ , suposta por um sujeito que é não-todo submetido à castração, cria uma especificidade fantasmática que aponta para fora da Lei, em seu limite. O acesso à impossível encarnação da condição de objeto provoca a assombração da existência deste "filho-Outro sem barra". A suposição de um "Outro sem barra" aponta para uma circunstância na qual o sujeito já teria sido tragado.

A especificidade fantasmática em tela refere-se, então, ao fato de que à castração ser não-toda para a mulher, corresponde a não interdição total do incesto. O sujeito, enquanto que respondendo a partir do lado esquerdo da tábua da sexuação, está na posição de alguém para quem a sujeição à

castração se dá. Para aquelas que respondem a partir do lado direito da tábua da sexuação, pelo fato da castração afetá-las não todas, uma margem de realização do incesto resta em suspenso. Isto remete à sempre controversa questão da perversão feminina. Não estando o incesto completamente interdito, a mulher sempre pode invocar sua presença a partir de uma franja de perversão. Isto, que pode causar desejo, pode convocar ao risco de um gozo assustador, referente ao sentimento de horror ou da eliminação, do aniquilamento causadores do afeto de angústia.

O que desejamos destacar de particular em nosso argumento é a circunstância de ser o filho aquele que pode encarnar o lugar deste Outro, que pode ser "completado" pelo sujeito, que estaria ocupando um suposto lugar de objeto. Sendo a criança passível de ser tomada pela mãe neste lugar, é sua demanda ao mesmo tempo sem palavras e tirânica, que levará a mulher, enquanto sujeito, ao limite que sua condição não toda castrada possibilita, ameaçando-a de que a falta do Outro venha a inexistir, sendo ela mesma o objeto de consumo que patrocinará este preenchimento.

Estes efeitos, ressalvadas as circunstâncias nas quais a mãe passa ao ato, são ultrapassados, dando lugar a um amor possível, aquele que necessariamente, conforme Lacan, inclui a circunstância do ódio, entre a mãe e seu filho. Aquela, que por ser mulher paga um alto preço pela condição de mãe, poderá, depois, viver a maternidade com alegria. A clínica psicanalítica e a vida cotidiana, que aliás nunca se opõem, mostram que à relação de uma mulher com seus filhos não é dada maior nem menor carga de sofrimento que às demais relações humanas. Será em uma ancoragem simbólica que este possível amor poderá se realizar.

CONCLUSÃO :  
O POSSÍVEL AMOR

"Um sujeito, como tal, não tem grande coisa a fazer com o gozo. Mas, por outro lado, seu signo é suscetível de provocar desejo. Aí está a mola do amor."

Jacques Lacan, *Mais, ainda*

É fato notório que as mães amam seus filhos. Se da maternidade se diz que é igual a padecer, é certamente de um padecimento no paraíso que se trata. Então, somos forçados a supor que algum efeito será acrescentado à dimensão fantasmática que acabamos de apresentar, para que o horror e a angústia iniciais possam dar lugar ao amor materno e ao prazer presente no laço que une mães e filhos.

A chegada do filho se revelará como sendo um momento de eclosão, ressignificado *a posteriori*, das vicissitudes edípicas que concernem a cada mulher. Se o apelo ao incesto é aí imperativo, será de modo singular e afetado pelo percurso de cada sujeito-mulher que esta convocação virá fazer seus efeitos. E é mesmo a chegada do filho que virá dar mostras do modo pelo qual este sujeito-mulher pôde aceder mais ou menos ao feminino.

É como menino que a menina entra no jogo de se constituir sujeito. Interrogando-se acerca da demanda materna, ela se fará falo, o que já a

define em sua precariedade, visando atender àquela, sempre impossível de satisfazer. A menina tem, no entanto, o nome de seu pai, o patronímico, que a faz herdeira de um falo do qual ela se sabe ilegítima proprietária. Se o laço da menina com este pai é o herdeiro da caprichosa ligação primeva com a mãe do período pré-edipiano, podemos supor que ela poderá ser soldada com uma liga de adesividade variável, o que resultará em uma maior ou menor facilidade de substituir este pai por um homem. É sempre pela via fálica que uma menina se liga a seu pai: seja pelo caminho do amor ou pelo da identificação, é o falo paterno que é visado enquanto posse, posse esta, repetimos, que ela é incapaz de sustentar. Uma mulher também pode dirigir-se a um homem nas franjas da demanda fálica. Sabemos que toda demanda é fálica por excelência. A mulher poderá, no entanto, afetada pelo mais-além do falo, dirigir-se a um homem como metáfora de seu pai e não apenas enquanto um mero deslizamento metonímico deste. Se é desejando ser um menininho que a filha ama e identifica-se com o pai, poderá, mais tarde, ser como alguém informado da impossibilidade da sustentação deste lugar para si, tal qual a mascarada, que ela se dirija a um homem. Se o feminino adquire a condição (incômoda) de máscara, substituindo o inconformado protesto masculino, isto se fará sentir enquanto efeito no momento da chegada do filho.

Não é de uma operação simples que se trata. Conforme assinalado por Pommier<sup>1</sup>, a mudança do patronímico para o nome de seu marido simboliza, para a mulher, a morte do pai morto-vivo que poderia vir, como assombração, trazer de volta o risco do incesto. Se, enquanto marca constituinte, o desejo incestuoso não será jamais eliminado, é de uma diferença fundamental que aí se trata. A vinda do filho na linhagem de

---

<sup>1</sup>Pommier, G. (1990), *A Ordem Sexual*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

herança do pai ou, diferentemente, do homem eleito como parceiro marca a distância entre a fantasia de cumprimento do incesto e a de sua impossibilidade. Neste segundo caso terá sido necessária uma mortificação do pai, que permitirá ao filho existir e sobreviver. Pensamos que os casos de "loucura" tão terríveis relatados por Benhaïm, nos quais a sobrevivência da criança se mostra ameaçada ou mesmo insustentável decorrem de um não ultrapassamento do endereçamento do filho ao próprio pai e, por tabela, à mãe, alvo primeiro e último de preenchimento no caminho do incesto. Se o filho não é endereçado a um lugar Outro, sua chegada fará vislumbrar a realização do incesto. O que pontualmente bascula no fantasma da mulher não-toda como emergência de horror e angústia será aí, então, a emergência de uma passagem ao ato interditora do incesto insuportável, tido como possível. É mesmo esta possibilidade de realização do incesto o que horroriza, possibilidade fantasmaticamente apresentada sob a forma de poder-se gozar de um corpo até consumi-lo. E é este o dito recorrente nos relatos das mães. A chegada do filho, neste prisma, convocando ao ato incestuoso só não se dará se a inscrição do Nome-do-Pai estiver atualizada enquanto lugar simbólico mortificador do pai vivo no advento da maternidade. É a instauração do filho em um lugar possível na rede simbólica de desejo, tendo a mulher acedido a uma condição de causa para um homem, que impede a realização do incesto e a conseqüente passagem ao ato de se efetivarem. Quando a fantasia se realiza em passagem ao ato, há o testemunho da presença do apelo ao incesto.

Pommier<sup>2</sup> utiliza-se da troca de nomes comum nos casamentos em nossa cultura para desdobrar a tese de mortificação do pai, fato decisivo

---

<sup>2</sup>idem, *ibidem*.

para o endereçamento do filho a um lugar simbólico que salve a mulher do horror da ameaça incestuosa. Ele diz:

"O patronímico concerne a uma paternidade simbólica, a um pai morto desde sempre. Entretanto, quando esse nome é perdido, continua a ser o sinal de um ser vivo que se perde. A mudança de nome realizada pelas mulheres atesta que o pai simbólico está realmente morto(...). Nesse sentido, a mudança de nome dá consistência à fantasia de assassinato do pai(...). Assim, a presença dessa fantasia em que o pai é morto se atualiza, uma vez que é realmente um ser vivo que carrega esse nome, e desse modo se lavra uma espécie de atestado de óbito - garantia da eficácia simbólica. Seu nome, abandonado, não mais contaminará o ser vivo."<sup>3</sup>

Se a mulher pôde renunciar ao pai, mortificando-o, substituindo-o por outro homem, o filho poderá ser engajado em uma outra cadeia de transmissão simbólica do nome. Apesar da inexorável dimensão incestuosa presente na fantasia, esta mortificação do pai e este endereçamento do filho a um lugar Outro dará lastro à possibilidade de que este filho não seja mais tomado nem como fetiche, nem como "Outro sem barra", os dois nomes do apelo incestuoso presente na maternidade. Esta pequena distância que separa a origem incestuosa do desejo de outra visada para ele, fará a diferença na qual o amor emergirá. Se o desejo é causado alhures, é porque o amor e ele se desencontram, para se reencontrarem numa borda, borda

<sup>3</sup>idem, *ibidem*, p.24.

esta na qual transitam e vivem os humanos, equilibristas de sua peculiar condição de sujeitos. Conforme citamos na epígrafe desta conclusão, Lacan aponta que será como mola que o desejo funcionará na emergência do amor. Reencontramo-nos também com Freud, que tão bem percebeu esta possibilidade amorosa do filho para uma mulher. Será, entretanto, numa mortificação do pai e não em uma tentativa de eliminar a diferença em relação a ele que esta possibilidade chegará a se realizar.

Será então na báscula entre a via fálica e seu mais-além que a maternidade poderá, apesar da angústia evocada, vir a se realizar enquanto um possível amor. Responder pontualmente do lugar de semblante de objeto para um homem e retornar à condição de sujeito não todo submetido à castração, mas que tem seus objetos fálicos, aí destacado o filho, corresponde a uma solução a um só tempo feminina e materna. A emergência do horror e da angústia no advento da maternidade apontam para o não recobrimento da mulher pela mãe, para o impossível da mulher ser toda fálica e enquanto tal rejubilar-se com o acesso ao objeto fálico, apontando necessariamente para sua clivagem quanto ao gozo.

Será na possibilidade de rearranjo narcísico subsequente à revolução subjetiva que a chegada do filho promove que virá instalar-se o amor pelo filho. E de tal modo estará este objeto vinculado ao narcisismo materno que este amor será designado pela cultura como O Amor em sua máxima expressão. No entanto, conforme Lacan, ele será amor na medida mesma em que não foi incesto, e só aí poderá realizar-se enquanto tal.

"Foi daí que parti, pois isto, a mim mesmo, me tocou um pouquinho. Aliás, poderia tocar qualquer um, não é?, ao perceber que o amor, se é verdade que ele tem relação

com o Um, não faz ninguém sair de si mesmo. Se é isto, só isto, nada mais do que isto, que Freud disse ao introduzir a função do amor narcísico, todo mundo sente, sentiu, que o problema é de como é que pode haver um amor por um outro."<sup>4</sup>

Nosso percurso encerra-se aqui. Esta dissertação cumpriu retratar a busca de respostas a um evento surgido na clínica, que, então sem solução, forçou a analista a tirar conseqüências de seu impasse. Ao escândalo da descoberta da existência de um impulso homicida na mãe, seguiu-se o trabalho, que, como todos, se encerra, e que pretendeu ter sido, apesar de precário, efetivo.

---

<sup>4</sup>Lacan, (1972)[1985], p.64/65.

## BIBLIOGRAFIA

ABRAHAM, K. (1924) Débuts et développements de l'amour objectal *in* CHEMAMA, R. [org.] La Psychanalyse. Collection Textes Essentiels, Paris, Larousse, 1993

ANDRÉ, S. (1986) O Que Quer uma Mulher?. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989.

ANDRÉ, S. (1994) A Impostura Perversa. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.

BADINTER, E. (1981) Um Amor Conquistado O Mito do Amor Materno. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

BENHAÏM, M. (1992) La Folie des Mères - J'ai tué mon Enfant. Paris, Éditions Imago, 1992.

BRAUNSCHWEIG, C.M. (1926) La Genèse du surmoi féminin *in* Féminité Mascarade. Paris, Éditions du Seuil, 1994.

CHEMAMA, R. [org.] (1993) La Psychanalyse *in* Collection Textes Essentiels, Paris, Larousse.

COTTET, S. (1987) Freud e o Desejo do Psicanalista. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989.

DEUTSCH, H. (1924) La Psychologie de la femme en rapport avec ses fonctions de reproduction *in* Hamon, M.C. (1994), Féminité Mascarade. Paris, Éditions du Seuil, 1994.

DEUTSCH, H. (1929) Le Masochisme féminin et sa relation a la frigidity *in* Hamon, M.C. (1994) Féminité Mascarade. Paris, Éditions du Seuil, 1994.

DEUTSCH, H. (1932) L'Homosexualité féminine *in* Hamon, M.C. (1994), Féminité Mascarade. Paris, Éditions du Seuil, 1994.

DIDIER-WEILL, A. (1988) Inconsciente Freudiano e a Transmissão da Psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.

ELIA, L.F.(1992) Para Além da Sexualidade - A Psicose na Psicanálise, Tese de Doutorado, PUC/Rio.

FERENCZI, S.(1919) *Difficultés techniques d'une analyse d'hystérie* *in* CHEMAMA, R.[org.] La Psychanalyse . Collection Textes Essentiels, Paris, Larousse, 1993

FREUD, A.(1922) *Fantasme d' "être battu" et rêverie* *in* Hamon, M.C.(1994) Féminité Mascarade. Paris, Éditions du Seuil, 1994.

FREUD, S.(1895) "Estudos sobre a Histeria". Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. II . Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.

FREUD, S.(1905) "Fragmentos da Análise de um Caso de Histeria". Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII . Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.

FREUD, S.(1905) "Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade". Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.

FREUD, S.(1912) "Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise". Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XII. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.

FREUD, S.(1914) "Sobre o Narcisismo: Uma Introdução". Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.

FREUD, S.(1916) "Alguns Tipos de Caráter Encontrados no Trabalho Psicanalítico". Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.

FREUD, S.(1922) "A Cabeça da Medusa". Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.

FREUD, S.(1923) "A Organização Genital Infantil". Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.

FREUD, S.(1925) "Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos". Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, vol.XIX . Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980..

FREUD, S.(1926) "Inibições, Sintomas e Ansiedade". Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XX. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980..

FREUD, S.(1926) "A Questão da Análise Leiga". Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XX. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.

FREUD, S. (1927) "Fetichismo". Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.

FREUD, S.(1931) "Sexualidade Feminina". Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.

FREUD, S.(1932) "Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise" Conferência XXXIII. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXII. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.

FREUD, S.(1937) "Análise Terminável e Interminável". Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.

FREUD, S.(1938) "Esboço de Psicanálise". Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.

FREUD, S.(1938) "A Divisão do Ego no Processo de Defesa". Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.

GARCIA-ROZA, L.A.(1990) O Mal Radical em Freud. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.

HAMON, M.C.(1993) Pourquoi les Femmes Aiment-elles les Hommes?. Paris, Éditions du Seuil, 1993.

HAMON, M.C.(1994) Féminité Mascarade. Paris, Éditions du Seuil, 1994.

HILFERDING et all.(1911) As Bases do Amor Materno. São Paulo, Ed. Escuta, 1991.

JONES, E.(1927) Le Développement précoce de la sexualité féminine *in* CHEMAMA, R.[org.] La Psychanalyse. Collection Textes Essentiels. Paris, Larousse, 1993.

LACAN, J.(1966) Escritos. Rio de Janeiro, Editora Perspectiva, 1985.

LACAN, J.(1966) Escritos. Cidade do México, Siglo Veintiuno Editores, 1994.

LACAN, J.(1972) O Aturdido. Inédito, trad. de Isidoro Americano do Brasil. Rio de Janeiro, Escola Brasileira de Psicanálise - Movimento Freudiano.

LACAN, J.(1953) O Seminário Livro I ( Os Escritos Técnicos de Freud ). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986.

LACAN, J.(1956) O Seminário Livro IV ( A Relação de Objeto e as Estruturas Freudianas). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

LACAN, J.(1959) O Seminário Livro VII ( A Ética da Psicanálise) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.

LACAN, J.(1959) O Seminário Livro VIII ( A Transferência). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, J.(1959) Le Seminaire Livre X ( L'Angoisse). Edição não autorizada.

LACAN, J.(1963) O Seminário Livro XI ( Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1981.

LACAN, J.(1969) O Seminário Livro XVII ( O Averso da Psicanálise). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, J.(1972) O Seminário Livro XX ( Mais, Ainda). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, J.(1974) O Seminário Livro XXII ( RSI). Tradução e edição não autorizadas.

LAURENT, E.(1993) Notas do Seminário ministrado na École de la Cause Freudienne em 1992/3. Paris. Mimco.

LORAU, N.(1990) Les Mères en Deuil. Paris, Éditions du Seuil, 1990.

MALDONADO, M.T.(1985) A Psicologia da Gravidez. Petrópolis, Ed. Vozes, 1985.

MILLOT, C.(1988) Nobodaddy, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989.

NASIO, J.D.(1990), A Histeria. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.

NICÉAS, C.(1986) Primado do Falo e Castração Feminina *in* NICÉAS e BIRMAN (org.), O Feminino: Aproximações. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1986.

POMMIER, G.(1986) A Exceção Feminina - Os Impasses do Gozo. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989.

POMMIER, G.(1990) A Ordem Sexual. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

RIVIÈRE, J.(1929) La Féminité en tant que mascarade *in* HAMON, M.C.(1994), Féminité Mascarade. Paris, Éditions du Seuil, 1994.

ROUDINESCO, E. (1994) Jacques Lacan: Esboço de uma Vida. História de um Sistema de Pensamento. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

SILVESTRE, M.(1987) Amanhã, a Psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.

SOLER, C.(1992) Le Pastoute *in* Révue de l'École de la Cause Freudienne. Paris, jan/fev 1992.

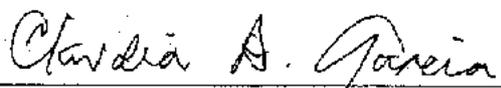
STENGERS, I.(1988) Quem Tem Medo da Ciência? Ciências e Poderes. Rio de Janeiro, Editora Siciliano, 1989.

VALAS, P.(1987) Freud e a Perversão. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.

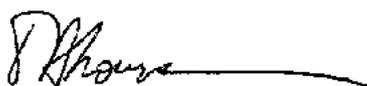
VAN OPHUIJSEN, J.H.W.(1917) Contributions au complexe de masculinité chez la femme // Féminité Mascarade. Paris, Éditions du Seuil, 1994.

WINNICOT, D.W.(1961) A Criança e seu Mundo. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.

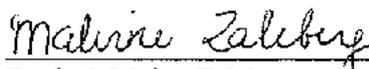
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Nympha Touza Lourenço de Amaral intitulada "*Entre o sujeito e objeto: De como a entrada na condição de mãe afeta o sujeito-mulher*", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelas seguintes Professoras:



Profª. Claudia Amorim Garcia  
Orientadora - PUC-Rio



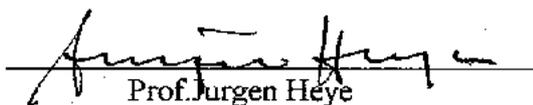
Prof. Octavio Almeida de Souza  
PUC-Rio



Profª. Malvine Zalberg  
UERJ

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 25/4/97



Prof. Jurgen Heye  
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de  
Teologia e Ciências Humanas